

869.8

RG8

**Columbia University
Library**

Henry Livingston Thomas

BORN 1835-DIED 1903

*

FOR THIRTY YEARS CHIEF TRANSLATOR
DEPARTMENT OF STATE, WASHINGTON, D. C.
LOVER OF LANGUAGES AND LITERATURE
HIS LIBRARY WAS GIVEN AS A MEMORIAL
BY HIS SON WILLIAM S. THOMAS, M. D.
TO COLUMBIA UNIVERSITY
A. D. 1905

8698
RC8

ORNAMENTOS
DA MEMORIA

PARIZ. — TYP. SIMÃO RACON E COMP., RUA DE ERFURTH, 1.

ORNAMENTOS
DA MEMORIA

E EXERCICIOS SELECTOS

PARA FORMAR

O BOM GOSTO E VERDADEIRO ESTYLO DA LINGUA PORTUGUEZA

EXTRAHIDOS DOS MELHORES CLASSICOS EM PROSA E VERSO

Complemento necessario

DA EDUCACÃO DA MOCIDADE PORTUGUEZA E BRASILEIRA

POR

J.-I. ROQUETTE

NOVA EDIÇÃO



PARIZ

LIVRARIA DE V^{ta} J.-P. AILLAUD, GUILLARD E C^a

47, RUA SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47

1873

PROLOGO

Que a lição atirada e reflectida de nossos classicos seja o meio unico e seguro de bem aprender a lingua materna, verdade é de todos mui conhecida e aprovada. Como succeda porém que este estudo, não tão facil nem tão breve como parece, não possa fazer-se senão depois de findos os estudos preparatorios e os maiores das sciencias e faculdades superiores da universidade; e como, por outro lado, falleçamos d'um bom methodo de ensino litterario em que a lingua e litteratura materna figure, a par das linguas estranhas, antigas e modernas, até se completar por uma rhetorica nacional; acon-

393898

tece quasi sempre que, tendo adquirido nas aulas e lyceos, nas academias e escolas superiores, mui avultados conhecimentos das linguas estranhas, antigas e modernas, achamo-nos por extremo pobres dos conhecimentos da nossa, que fallámos só por a ouvir fallar, e talvez com os erros vulgares a que não attendemos, ou que por ventura defendemos só porque os bebemos com o leite, e ninguem d'elles nos advertio.

Acontece mais que, familiarizados com as bellezas das outras linguas, e não tendo nenhuma noticia das da nossa, a accusámos de imperfeita e de pobre, e por ventura a desprezamos, sendo que a imperfeição e a pobreza estão em nós e não nella, e devêramos começar por bem aprendê-la, para a compararmos com as outras, e então conheceríamos nossa injustiça, e fariamos d'ella o bem merecido apreço que fizeram Camões e Vieira.

Tambem acontece que muitos, grandes admiradores da lingua em que tantos poetas cantarão os heroicos feitos nacionaes, e justos apreciadores de suas bellezas poeticas, desdenhão dar-se ao estudo de seu mecanismo grammatical, e não se achão bem providos d'um sem numero de expressões elegantes e formosas, de

que abundão nossos bons escritores, e que uma educação incompleta não soube dar-lhes.

Para obviar a estes inconvenientes, um só meio ha, mas seguro e efficaz, o qual consiste em fazer aprender de cór aos meninos, desde seus primeiros annos, os lugares mais notaveis de nossos bons autores, mórmente dos poetas, para d'este modo se familiarizarem com a boa linguagem de seus maiores, e não ficarem, por assim dizer, estranhos em sua propria terra.

Os pais e os mestres que, durante a educação de seus filhos e alumnos, lhes fizerem aprender todos os dias alguns pedaços bem escolhidos de nossos classicos, dar-lhes-hão um thesouro de eloquencia, cuja utilidade ao diante conhecerão, e saberão apreciar quando houverem de compôr ou fallar no patrio idioma ; e lhes darão ao mesmo tempo o melhor antidoto contra a peste de linguagem peregrina, mormente franceza, que impunemente tem desfigurado a formosa lingua que nos legárão Barros, Camões, Luiz de Souza, Vieira e Bernardes.

Para facilitar este aperfeiçoamento, tanto para desejar na educação dos mancebos portuguezes e brasileiros, escolhemos dos nossos melhores autores os lugares mais distinctos em

que ha mais riqueza de linguagem, e em que o genio, nobreza e harmonia da lingua, se ostentão com mais vigor e amenidade, dando sempre preferencia aos assumptos moraes e descriptivos, como os mais uteis e recreativos, e fizemos d'elles esta pequena Selecta, cuja utilidade será por certo maior que seu tamanho, se bem se attender ás razões que levamos expendidas.

A primeira parte d'este opusculo é só destinada para exercicio da memoria, mas assentalle bem o titulo de *Ornamentos da memoria*, porque sobre exercitar-se ficará ella ornada com mûi nobres e vistosos adereços, que darão relevante idea da educação dos mancebos, e lhes inspirarão o bom gosto para depois cultivarem a poesia, se para isto se sentirem propensos.

A segunda parte é quasi toda em prosa, e posto que destinada a aprender-se de cór, pode igualmente servir para exercicios de leitura e analyse grammatical e logica nas escolas primarias, e para themas nas aulas da lingua latina e franceza ou ingleza. Os titulos de cada um d'estes exercicios achar-se-hão no indice.

Fação os mestres que seus alumnos tragão sempre nas mãos esta pequena Selecta portu-

gueza, e conseguirão sem muito trabalho ornar-lhes a memoria, e facilitar-lhes o meio de bem fallarem e escreverem com elegancia o idioma nacional, de que tanto nos havemos descuidado n'estes ultimos tempos.

Não será para nós pequeno galardão, se por este modo podermos contribuir para que se cumpra o desejo do nosso poeta Ferreira, que assim dizia :

Floreça, falle, cante, ouça-se e viva
A portugueza lingua, e já onde for,
Senhora vá de si, soberba e altiva;
Se atéqui estive baixa e sem louvor,
Culpa é dos que a mal exercitarão,
Esquecimento nosso e desamor.

J.-I. ROQUETTE.

Paris, 24 de junho de 1849.

ORNAMENTOS DA MEMÓRIA

PRIMEIRA PARTE

I. — Uma manhã clara e serena.

Gr. p. 18. róxa?

v. Valdez

Já a róxa manhã clara
As pórtas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O sól que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz élla presuroso,
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respirão nas hérvas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando ;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
A manhã bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angélica, serena.

(CANTOES, canção 3.)

*arona.
cantilena.
plenamente
meramente
serenamente
Valdez, Mèsu.*

II. — *A ribeira de Buina.*

Por meio d'umas serras mui fragosas,
 Cercadas de silvestres arvoredos,
 Retumbando por asperos penedos,
 Correm perennes aguas deleitosas,
 Na ribeira de Buina, assim chamada,

Celebrada,
 Porque em prados
 Esmaltados
 Com frescura
 De verdura

Assim se mostra amena, assim graciosa,
 Que excede a qualquer outra mais formosa.

As correntes se vem que acceleradas
 Às hervas regando e as boninas,
 Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,
 Por diversas ribeiras derivadas.
 Com mil brancas conchinhas a aurea arêa

Bem se arrêa ;
 Voão aves ;
 Mil suaves
 Passarinhos,
 Nos raminhos,

Acordemente estão sempre cantando,
 Com doce accento os ares abrandando.

III. — *Continuação.*

O doce rouxinol n'um ramo canta,
 E de outro o pintasirgo lhe responde ;
 A perdiz d'entre a mata, em que s'esconde,
 O caçador sentindo, se levanta ;
 Voando vai ligeira mais que o vento ;

Outro assento
 Vai buscando,
 Porém quando

Vai fugindo,
 Retinindo,
 Traz ella mais veloz a setta corre,
 De que ferida, logo cai e morre.
 Aqui Progne d'um ramo em outro ramo,
 Co' o peito ensanguentado, anda voando ;
 Cibato para o ninho indo buscando
 A leda codorniz vem ao reclamo
 Do sagaz caçador que a rede estende,
 E pretende
 Com engano
 Fazer damno
 Á coitada,
 Que enganada
 D'uns esparzidos grãos de louro trigo,
 Nas mãos vai a cair de seu imigo.

IV. — *Continuação.*

Aqui soa a calhandra na parreira,
 A rola geme ; palra o estorninho ;
 Sae a candida pomba do seu ninho ;
 O tordo pouasa em cima da oliveira ;
 Vão as doces abelhas susurrando,
 E apanhando
 O rocío
 Fresco e frio,
 Por o prado
 De herva ornado,
 Com que o aureo licor fazem, que deo
 Á humana gente a industria de Aristeo.
 Aqui as uvas luzidas penduradas
 Das pampinosas vides resplandecem ;
 As frondíferas arvores se offrecem
 Com differentes frutos carregadas ;
 Os peixes na agua clara andão saltando,
 Levantando

As pedrinhas,
 E as conchinhas
 Rubicundas,
 Que as jucundas
 Ondas com sigo trazem, crepitando
 Por a praia alva com ruído brando.

V. — *Continuação.*

Aqui por entre as serras se levantão
 Animaes Calidoneos, e os veados,
 Na fugida ainda mal assegureados,
 Porque do som dos proprios pés se espantão.
 Sai o coelho; a lebre sai manhosa
 Da frondosa
 Breve mata,
 Donde a cata
 Cão ligeiro;
 Mas primeiro
 Que ella ao contrario fervido se entregue,
 A vezes deixa em branco a quem a segue.
 Luzem as brancas e purpureas flores,
 Com que o brando Favonio a terra esmalta
 O formoso jacintho alli não falta:
 Lembrado dos antigos seus amores;
 Inda na flor se mostrão esculpidos
 Os gemidos;
 Aqui Flora
 Sempre mora,
 E com rosas
 Mais formosas,
 Com lirios e boninas mil flagrantes,
 Alegra os seus amores circumstantes.

VI. -- *Continuação.*

Aqui Narciso em liquido crystal
 Se namora de sua formosura;

Nelle as pendentes ramas da espessura
 Debuxando-se estão ao natural.

Adonis, com que a linda Cytherea

Se recrea,
 Bem florido
 Convertido
 Na bonina,
 Que Erycina

Por imagem deixou de qual seria

Aquelle por quem ella se perdia.

Lugar alegre, fresco, accomodado

Para se deleitar qualquer amante,

A quem com sua ponta penetrante

O cego amor tivesse derribado ;

E para memorar ao som das aguas

Suas maguas
 Amorasas,
 As cheirosas
 Flores vendo,
 Escolhendo,

Para fazer preciosas mil capellas,

E dar por grão penhor a Nymphas bellas.

(CAMÕES, canção 16.)

VII. — *O cabo Aromata. — Sitio maritimo, inhospito
 e agreste.*

Junto d'um secco, duro, esteril monte,
 Inutil e despido, calvo e informe,
 Da natureza em tudo aborrecido ;
 Onde nem ave voa ou fera dorme,
 Nem corre claro rio ou ferve fonte,
 Nem verde ramo faz doce ruido ;
 Cujo nome, do vulgo introduzido,
 É *Feliz*, por antiphraasi infelice ;
 O qual a natureza

Situou junto á parte,
 Aonde um braço de alto mar reparte
 A Abassia da Arabica aspereza,
 Em que fundada já foi Berenice,
 Ficando á parte donde
 O sol, que nella ferve, se lhe esconde ;
 O cabo se descobre, com que a costa
 Africana, que de Austro vem correndo,
 Limite faz, Arómata chamado ;
 Arómata outro tempo, que volvendo
 A roda, a ruda lingua mal composta
 Dos proprios, outro nome lhe tem dado.

(CAMÕES, canção 10.)

VIII. — *Floresta verde e sombria n'um formoso sitio.*

Entre rusticas serras e fragosas,
 Compostas de asperissimos rochedos,
 De salitradas lapas cavernosas ;
 Onde gretando os humidos penedos
 Orvalhados de neve branca e fria
 Brotando estão de si mil arvoredos ;
 Uma floresta fez verde e sombria
 A natureza experta, que rodêa
 Como elevado muro a serrania.

Dos agrestes loureiros rodeado
 Faz o valle uma sombra deleitosa
 Quando apparece o sol mais levantado.

E por cima da relva bem graciosa,
 As gotas de crystal quasi imitando
 Estão do aljofar puro a luz formosa,

As crystallinas fontes, que brotando
 Por entre alvos seixinhos se derivão,
 Das arvores os troncos vão banhando.

As rosas que de sangue resplandecem
 Nas candidas boninas marchetadas,
 Qual roxo esmalte á vista bem se offrecem.

Do matutino orvalho rociadas,
As flores rutilantes e cheirosas,
Estão como por cima prateadas.

Os humidos botões abrindo as rosas
Que os agudos espinhos vão cercando
No prado se vem rindo deliciosas.

A mellifera abelha susurrando
Por cima das boninas, que rodêa,
Está co'o som das aguas concertando.

Do tremulo regato a branda arêa
De jacinthos se cobre e de vieiras
Que encrespão da corrente a branca vêa.

Os alamos se abração co' as videiras,
De sorte que se enxerga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras ;

E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo d'ella brandamente.

(CAMÕES, elegia 6.)

IX. — *A entrada da Primavera ; seguem-se as outras
estações : e como tudo passa!*

Fogem as neves frias
Dos altos montes, quando reverdecem
As arvores sombrias ;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil cores tecem.

Zephyro brando espira,
Suas settas amor affia agora ;
Progne triste suspira,
E Philoméla chora ;
O céu da fresca terra se namora.

Já a linda Cytheréa
Vem, do coro das Nymphas rodeada ;
A branca Pasitéa
Despida e delicada,
Com as irmãs acompanhada.

Em quanto as officinas
 Dos cyclopas Vulcano está queimando,
 Vão colhendo boninas
 As Nymphas, e cantando ;
 A terra co' o ligeiro pé tocando.

Desce do aspero monte
 Diana, já caçada da espessura,
 Buscando a clara fonte,
 Onde por sorte dura
 Perdeo Acteo a natural figura.

Assim se vai passando
 A verde Primavera e o secco Estio ;
 O Outono vem entrando,
 E logo o Inverno frio,
 Que tambem passará por certo fio.

Ir-se-ha embranquecendo
 Com a frigida neve o secco monte ;
 E Jupiter chuvendo
 Turbará a clara fonte,
 Temerá o marinheiro o Oriente.

Porque, em fim, tudo passa ;
 Não sabe o tempo ter firmeza em nada,
 E a nossa vida escassa
 Foge tão apressada,
 Que quando se começa é acabada.

(CAMÕES, ode 9.)

X. — *A vida do campo.*

Oh lavradores bemaventurados !
 Se conhecessem seu contentamento,
 Como vivem no campo socegados !

Dá-lhes a justa terra o mantimento,
 Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
 Mungem suas ovelhas cento a cento.

Não vêm o mar irado, a noite escura,
 Por ir buscar a pedra do Oriente ;
 Não temem o furor da guerra dura.

Vive um com suas arvores contente,
 Sem lhe quebrar o somno repousado,
 A grão cobiça de ouro reluzente.
 Se lhe falta o vestido perfumado,
 E da formosa côr de Assyria tinto,
 E dos torçaes Attalicos lavrado;
 Se não tem as delicias de Corintho,
 E se de Pario os marmores lhe faltão,
 O pyropo, a esmeralda, e o jacintho;
 Se suas casas de ouro não se esmaltão,
 Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
 Onde os cabritos seus comendo saltão.
 Ali lhe mostra o campo varias cores;
 Vêem-se os ramos pender co'o fruto ameno;
 Ali se affina o canto dos pastores.
 Ali cantará Tityro e Sileno;
 Em fim, por estas partes caminhou
 A sã justiça para o céu sereno.
 Ditoso seja aquelle que alcançou
 Poder viver na doce companhia
 Das mansas ovelhinhas que criou.

(CAMÕES, elegia 1.)

XI. — *O Ente supremo.*

Se quando contemplamos as secretas
 Causas por que este mundo se sustenta,
 E o revolver dos céos e dos planetas;
 E se quando á memoria se presenta
 Este curso do sol, tão bem medido,
 Que um ponto só não mingua nem augmenta;
 Aquelle effeito tarde conhecido
 Da lua, na mudança tão constante,
 Que minguar e crescer é seu partido;
 Aquella natureza tão possante
 Dos céos, que tão conformes e contrarios
 Caminhão sem parar um breve instante;

1.

Aquelles movimentos ordinarios,
 A que responde o tempo, que não mente,
 Co' os effeitos da terra necessarios ;
 Se quando, em fim, revolve subtilmente
 Tantas cousas a leve phantasia,
 Sagaz escrutadora e diligente ;
 Bem vê, se da razão se não desvia,
 Aquelle unico SER, alto e divino,
 Que tudo pode, manda, move e cria.

(CAMÕES, elegia 11.)

XII. — *Soneto a Dom Fernando de Castro.*

Debaixo d'esta pedra está mettido,
 Das sanguinosas armas descansado,
 O capitão illustre e assignalado,
 Dom Fernando de Castro, e esclarecido.

Este por todo o Oriente tão temido,
 Este da propria inveja tão cantado,
 Este, em fim, raio de Mavorte irado,
 Aqui está agora em terra convertido.

Alegra-te, ó guerreira Lusitania,
 Por est' outro Viriato que criaste,
 E chora a perda sua eternamente.

Exemplo toma nisto de Dardania ;
 Que se a Roma com elle anniquilaste,
 Nem por isso Carthago está contente.

(CAMÕES, son. 63.)

XIII. — *Soneto sobre o psalmo 136.*

De Babel sobre os rios nos sentámos,
 De nossa doce patria desterrados,
 As mãos na face, os olhos derribados,
 Com as saudades de ti, Sião, chorámos.
 Os orgãos nos salgueiros pendurámos,
 Em outro tempo bem de nós tocados,

Outro era elle, por certo ; outros cuidados ;
Mas por deixar saudades os deixámos.

Aquelles que captivos nos trazião,
Por cantigas alegres perguntavão.
Cantai (nos dizião) hymnos de Sião.

Sobre tal pena, pena tal nos dão,
Pois tyrannicamente pretendião
Que cantassem aquelles que choravão.

(CAMÕES, son. 237.)

XIV. — *Soneto descriptivo e sentimental.*

Em uma lapa, toda tenebrosa,
Aonde bate o mar com furia brava,
Sobre uma mão o rosto, vi que estava
Uma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Igualmente que linda, lastimosa ;
Aljofar dos seus olhos distillava ;
O mar os seus furores applicava
Com ver cousa tão triste et tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz assim dizia :
Ah ! que falta mais vezes a ventura
Onde sobeja mais a natureza.

(CAMÕES, son. 254.)

XV. — *A Fama invectivada.*

Oh gloria de mandar ! Oh vã cobiça
D'esta vaidade, a quem chamamos fama !
Oh fraudulento gosto, que se atixa
C'uma aura popular, que honra se chama !
Que castigo tamanho, e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama !
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades nelles experimentas !

Dura inquietação d'alma e da vida,
 Fonte de desamparos e adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reinos, e de imperios ;
 Chamão-te illustre, chamão-te subida,
 Sendo digna de infames vituperios ;
 Chamão-te fama, e gloria soberana,
 Nomes com quem se o povo nescio engana!
 (CAMÕES, *Lus.*, iv, 96, 97.)

XVI. — *O escorbuto.*

E foi que de doença crua e feia,
 A mais que eu nunca vi, desamparárão
 Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
 Os ossos para sempre sepultárão.
 Quem haverá que sem o ver o creia ?
 Que tão disformemente ali lhe inchárão
 As gengivas na boca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia.
 Apodrecia c'um fetido e bruto
 Cheiro, que o ar vizinho inficionava ;
 Não tinhamos ali medico astuto,
 Cirurgião subtil menos se achava ;
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pela carne já podre assim cortava,
 Come se fôra morta ; e bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.

(CAMÕES, *Lus.*, v, 81, 82.)

XVII. — *Embarcações e trajos dos negros
 de Moçambique.*

As embarcações erão, na madeira
 Mui velozes, estreitas, compridas ;
 As velas com que vem erão de esteira,
 D'umas folhas de palma bem tecidas ;

A gente da côr era verdadeira,
 Que Phaeton, nas terras accendidas,
 Ao mundo deo, de ousado e não prudente:
 O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

De pannos de algodão vinhão vestidos,
 De varias cores, brancos e listrados;
 Uns trazem derredor de si cingidos,
 Outros em modo airoso sobraçados;
 Da cinta para cima vem despidos,
 Por armas tem adargas e terçados,
 Com toucas na cabeça; e navegando,
 Anafis sonorosos vão tocando.

(CAMÕES, *Lus.*, I, 46, 47.)

XVIII. — *Um banquete d'amor.*

Cai a noite do céo, mas é dos lumes
 Vencida, e fica dia,
 Com que acordando, vio ricas pinturas;
 Ardem ricos perfumes;
 Os cantares que ouvia
 Erão para abrandar as pedras duras.
 Põe-se a mesa, e figuras
 Correm, com vasos ricos e sem conto,
 Mansamente ordenadas sem peleja;
 Tudo se faz ali prestes num ponto.
 Que banquete quereis que o d'Amor seja?
 Não acha ali a inveja
 Que possa desdenhar,
 Nem o appetite mais que desejar.

(SA DE MIRANDA, fol. 51.)

XIX. — *Uns fogos de artificio.*

Não faltão ali os raios de artificio,
 Os tremulos cometas imitando;
 Fazem os bombardeiros seu officio,
 O céo, a terra, e as ondas atroando.

Mostra-se dos Cyclopas o exercicio.
 Nas bombas que de fogo estão queimando ;
 Outros com vozes com que o céu ferião
 Instrumentos altisonos tangião.

Respondem-lhe da terra justamente
 Co' o raio volteando, com zunido ;
 Anda em gyros no ar a roda ardente ;
 Estoura o pó sulfureo escondido.
 A grita se alevanta ao céu da gente ;
 O mar se via em fogos accendido ;
 E não menos a terra ; e assim festeja
 Um ao outro, á maneira de peleja.

(CAMÕES, *Lus.*, II, 90, 91.)

XX. — *Um valle sombrio em noite escura*

A noite escura dava
 Repouso aos cançados
 Animaes, esquecidos da verdura ;
 O valle triste estava
 C'uns ramos carregados,
 Que ainda a noite fazião mais escura.
 Offerecia a espessura
 Um temeroso espanto :
 As roucas rans soavão
 Num charco d'aguas negro, e ajudavão
 Do passaro nocturno o triste canto.
 O Tejo com som grave
 Corria mais medonho que suave.
 Como toda a tristeza
 No silencio consiste,
 Parecia que o valle estava mudo ;
 E com esta graveza
 Estava tudo triste.

(CAMÕES, egl. 2.)

XXI. — *Noite serena ao romper da aurora.*

Da lua os claros raios rutilavão
Pelas argenteas ondas Neptuninas ;
As estrellas os céos acompanhavão,
Qual campo revestido de boninas ;
Os furiosos ventos repousavão
Pelas covas escuras peregrinas.
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Mas assim como a aurora marchetada
Os formosos cabellos espalha
No céu sereno, abrindo a roxa entrada,
Ao claro Hyperionio que accordou,
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas e alegria
O Regedor das ilhas que partia.

(CAMÕES, *Lus.*, I, 58, 59.)

XXII. — *Argilão desassocegado em noite socegada.*

Saía a noite em tanto, e os estendidos
Campos do céu co' as azas assombrava.
E o somno, ocio das almas, os sentidos
Com doce esquecimento socejava.
Tu só, Argilão, não tinhas submergidos
Os varios pensamentos, pois estava
Tanto o peito e o discurso batalhando,
Que nada conseguia o somno brando.

Este, prompto de mãos, de lingua ousado
Impetuoso e fervido de engenho,
Nas ribeiras do Tronto foi criado,
Do civil odio no iracundo cenho ;
E sendo da sua patria desterrado,
Teve de salteador barbaro empenho,

Até que veio á Asia ser guerreiro,
E em melhor fama é claro aventureiro.

(Tasso, traduc. de Matos, VIII, 57.)

XXIII. — *A noite medonha, em que o Soldão marcha ao campo inimigo.*

Já a sombra o negro manto despregava,
Que de roxos vapores se tingia,
E á terra, em vez de orvalho, que esperava,
Humor sanguineo e tepido chovia.
O ar de monstros horrendos se occupava,
A cuja voz o mundo estremecia.
Deixou Plutão vazia a estancia bruta,
E trouxe as sombras da Tartarea Gruta.

Por este horrendo escuro vai marchando
O Soldão féro ás tendas do inimigo ;
Mas, quando ao meio já chegando,
Sepultava os mortaes em somno amigo,
Quasi uma milha, donde repousando
Estava o Franco, sem temer perigo,
Fez que comesse a gente. E logo do alto
Dizendo assi os exhorta ao duro assalto.

(O mesmo, IX, 15, 16.)

XXIV. — *Um templo indiano.*

Seis columnas o portico sustentão,
Entre uma e outra em pedestaes erguidas,
Bronzeas estatuas vêem, que representão
Divindades pagãs, desconhecidas ;
Que temor e esperanças alimentão
Nas gentes d'Asia, em sombras envolvidas ;
Enleados os Lusos se suspendem,
Nem de assombro, e de susto se defendem.

Sobre leões de bronze alto s'erguião
Funestas urnas d'inscrições coalhadas,

Em torno aureas álampadas, que ardião,
Lhes espancão as sombras carregadas ;
Com desusado assombro os nautas vião
Em duro jaspe effigies entalhadas
De reis, qu' inda no rosto immobil, quedo,
Inculcão magestade, inspirão medo.

(MACEDO, *Oriente*, v, 32, 42.)

XXV. — *Posição geographica da Europa.*

Entre a zona que o Cancro senhorêa,
Meta septentrional do sol luzente,
E aquella que por fria se arrecêa
Tanto como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodêa,
Pela parte da Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela austral, o mar Mediterraneo.

Da parte d'onde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha ; mas o rio
Que dos montes Rhipheios vai correndo,
Na lagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio :
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

(CAMÕES, *Lus.*, III, 6, 7.)

XXVI. — *Posição geographica de Portugal.*

Eis aqui, quasi cume da cabeça
Da Europa toda o reino lusitano ;
Onde a terra se acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repousa no Oceano.
Este quiz o céo justo que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,

Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
Africa estar quieto o não consente.

Esta é a ditosa patria minha amada,
Á qual se o céo me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali commigo.

Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
Filhos forão, parece, ou companheiros,
E nella então os incolas primeiros.

(CAMÕES, *Lus.*, III, 20, 21.)

XXVII. — *A fonte do Parnaso.*

No cume do Parnaso, duro monte,
De silvestre arvoredado rodeado,
Nasce uma crystallina e clara fonte;
D'onde um manso ribeiro derivado
Por cima de alvas pedras mansamente
Vai correndo suave e socegado.

O murmurar das ondas excellente
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.

Tão claras vão as aguas caminhando.
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem uma e uma estar contando.

Não se verão em derredor pisadas
De fera, ou de pastor, que ali chegasse,
Porque do espesso monte são vedadas.

O roxo lirio a par da branca rosa,
A cecem pura, a flor que dos amantes
A cor tem magoada e saudosa.

Ali se vem as murtas circumstantes
Que a crystallina Venus encobrião,
Escondendo-a dos Faunos petulantes.

Hortelã, mangerona ali respirão,
Onde nem frio inverno, ou quente estio
As murcharão já mais, ou seccas virão,

D'esta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado e o deserto
Sempre com verdes arvores sombrio.

(CAMÕES, egl. 7.)

XXVIII. — *Uma ribeira amena.*

Que murtas, que medronhos, que aveleiras,
Que freixos, como estão d'hera cingidos,
Quantas voltas lhe dá de mil maneiras.

Os lirios junto d'agua bem nascidos
Quanta graça que tem entre as boninas,
Sem ordem, com mais graça entremettidos.

Vem encrespando aguas crystallinas
Uma viração branda, a folha treme,
O movimento apenas determinas.

O seu perdido amor a rolla geme,
Escondida queixa Philomella,
Parece que do seu ainda se teme.

Espanta-se quem olha, vendo aquella
Rocha por cima d'agua pendurada
Como já se não deixa cair nella.

(BERNARDES, egl. 15.)

XXIX. — *A ilha encantada.*

Trez formosos outeiros se mostravão
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramineo esmalte se adornavão,
Na formosa ilha alegre e deleitosa.
Claras fontes e limpidas manavão
Do cume, que a verdura tem viçosa ;
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympha fugitiva.

Num valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhão as claras aguas ajuntar-se,
Onde uma mesa fazem que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se.

Arvoredo gentil sobre ella pende,
 Como que prompto está para afeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

XXX. — *Continuação.*

Mil arvores estão ao céu subindo,
 Com pomos odoríferos e bellos ;
 A laranjeira tem no fruto lindo
 A côr que tinha Daphne nos cabellos ;
 Encosta-se no chão, que está caíndo,
 A cidreira co' os pesos amarellos ;
 Os formosos limões, ali cheirando,
 Estão virgineas tetas imitando.

As arvores agrestes, que os outeiros
 Tem com frondente coma ennobrecidos,
 Alemos são de Alcides, e os loureiros
 Do louro deos amados e queridos :
 Mythos de Cytherea, co' os pinheiros
 De Cybele, por outro amor vencidos ;
 Está apontando o agudo cypariso
 Para onde é posto o ethereo paraíso.

XXXI. — *Continuação.*

Os dons que dá Pomona, ali natura
 Produze differentes nos labores,
 Sem ter necessidade de cultura,
 Que sem ella se dão muito melhores ;
 As cerejas purpureas na pintura,
 As amoras, que o nome tem de amores ;
 O pomo, que da patria Persia veio,
 Melhor tornado em terreno alheio.

Abre a romã, mostrando a rubicunda
 Côr, com que tu, rubi, teu preço perdes ;
 Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
 Vide c'uns cachos roxos e outros verdes ;

E vós, se na vossa arvore fecunda,
 Peras pyramidaes, viver quizerdes,
 Entregai-vos ao damno que co' os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos.

XXXII. — *Continuação.*

Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
 Sobolo tanque lucido e sereno;
 Florece o filho e neto de Cinyras,
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.

Para julgar difficil cousa fôra
 No céo vendo e na terra as mesmas côres,
 Se dava ás flores côr a bella Aurora,
 Ou se lh'a dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava ali Zephiro e Flora
 As violas, da côr dos amadores;
 O lirio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella.

XXXIII. — *Continuação.*

A candida cecem, das matutinãs
 Lagrimas rociada, e a mangerona;
 Vêem se as lettras nas flores hyacinthinas,
 Tão queridas do filho de Latona;
 Bem se enxerga nos pomos e boninas,
 Que competia Chloris com Pomona;
 Pois se as aves no ar cantando voão,
 Alegres animaes o chão povoão.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
 Responde-lhe do ramo Philomella;
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n'agua crystallina e bella;

Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, ou timida gazella ;
 Ali no bico traz ao caro ninho
 O mantimento o leve passarinho.

(CAMÕES, *Lus.*, IX, 54, etc.)

XXXIV. — *O rei de Melinde.*

Um batel grande e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas côres,
 Traz o rei de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu reino e de senhores.
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes e primores ;
 Na cabeça uma sota guarnecida
 De ouro e de seda, e de algodão tecida.

Cabaia de damasco rico e dino,
 Da tyria côr, entre elles estimada ;
 Um collar ao pescoço d'ouro fino,
 Onde a materia da obra é superada ;
 C'um resplendor reluze adamantino,
 Na cinta, a rica adaga bem lavrada ;
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro e aljofar ao veludo.

(CAMÕES, *Lus.*, II, 94, 95.)

XXXV. — *O Gama.*

Não menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis, da frota se partia,
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo hispano,
 Mas franceza era a roupa que vestia,
 De setim da Adriatica Veneza,
 Carmesi, côr que a gente tanto preza.
 De bolões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Onde o sol reluzindo a vista cega ;

As calças soldadescas recamadas
 Do metal que fortuna a tantos nega;
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta e achega;
 Ao italico modo a aurea espada;
 Pluma na gorra, um pouco inclinada.

(CAMÕES, *Lus.*, II, 98, 99.)

XXXVI. — *O Inde e o Ganges personificados.*

Das aguas se lhe antolha que saião,
 Por elle os largos passos inclinando,
 Dous homens que mui velhos parecião
 De aspecto, inda que agreste, venerando;
 Das pontas dos cabellos lhe caião
 Gotas, que o corpo todo vão banhando;
 A côr da pelle baça e denegrada,
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.

D'ambos de dous a frente coroada,
 Ramos não conhecidos e hervas tinha;
 Um d'elles a presença traz cançada,
 Como quem de mais longe ali caminha:
 E assim a agua, com impeto alterada,
 Parecia que d'outra parte vinha:
 Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa.

XXXVII. — *O Ganges fallando a el-Rei Dom
 Manoel.*

Este, que era o mais grave na pessoa,
 D'esta arte para o Rei de longe brada:
 O' tu, a cujos reinos e coroa
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nós outros, cuja fama tanto voa,
 Cujá cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisamos que é tempo que já mandes
 A receber de nós tributos grandes.

Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro ;
 Est' outro é o Indo rei, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tem primeiro ;
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra ;
 Mas insistindo tu, por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas gentes vês porás o freio.

(CAMÕES, *Lus.*, IV, 71, etc.)

XXXVIII. — *A Asia apparecendo em sonhos
 e fallando a el-Rei Dom Manoel.*

Assim aos olhos se offerece, e vinha
 Sentada em throno imperial, sustido
 N'um soberbo elephante ; este caminha,
 Como ufano do peso alto e sobido ;
 A matrona real dos hombros tinha
 Pendente um manto lúcido, cosido
 Em accesos rubins d'engaste d'ouro,
 D'ouro o sceptro nas mãos, na frente um louro.

Ao modo oriental vinhão patentes
 Os seios de alabastro, ali brilhavão
 Sobre o candor Pirópos refulgentes,
 Que uma luz ardentissima vibravão ;
 Da côr do céu saphiras transparentes
 Em fuzis d'ouro os braços lhe abroxavão ;
 E as erythreas perolas lhe enleão
 Finos cabellos, que no collo ondeão.

XXXIX. — *Continuação.*

Do excelso solio magestosa desce
 Ante o grande Manoel como assombrado,
 Inclina um pouco a frente, e lhe offerece
 Puro incenso Sabêo, e ouro encendrado ;
 A corôa, que a testa lhe guarnece,
 Lhe dá como em tributo ; em mesurado

E doce tom de voz, que um Nume indica,
Taes arcanos reconditos publica.

Asia sou, grão monarca, fui da terra,
E ainda existo, a porção mais gloriosa ;
Em paz fui grande, e floreci na guerra,
Sempre opulenta e sempre magestosa ;
Dentro em meus vastos terminos s'encerra
O nome eterno, a fama gloriosa
Do colossal poder de imperios vastos,
Que inda vês illustrar da historia os fastos.

.....

XL. — *Continuação.*

Aqui te venho offerecer thesouros,
Que me quiz conceder Motor Divino,
Para ungir-te de celestes louros
Te patentea o campo crystallino ;
Por ti mudado, os seculos vindouros
D'este globo hão de ver fado e destino,
Pois has de unir em laços permanentes
Reinos, nações e povos differentes.

Tanto dilatarás o imperio ingente,
Qu'inda ha de ser teu nome respeitado,
Onde ultima baliza ao mar fervente,
Tem natureza e seculos marcado ;
Com gloria tal, que apenas n'Oriente
Tiver a aurora lúcida assomado,
O mundo observará com nobre inveja,
Que logo os pés aos Portuguezes bêja.

(MACEDO, *Oriente*, I, 27, etc.)

XLI. — *Tritão.*

Tritão, que de ser filho se gloria
Do rei e de Salacia veneranda,
Era mancebo grande, negro e feio,
Trombeta de seu pai e seu correio.

Os cabellos da barba, e os que descem
 Da cabeça nos hombros, todos erão
 Uns limos prenhes d'agua, e bem parecem
 Que nunca brando pente conhecêrão ;
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que ali se gerão,
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Uma mui grande casca de lagosta.

Na mão a grande concha retorcida
 Que trazia com força já tocava ;
 A voz grande canora foi ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava.

(CANÕES, *Lus.*, VI, 16, etc.)

XLII. — *O gigante Adamastor.*

Porém já cinco soes erão passados
 Que d'ali nos partíramos, cortando
 Os mares nunca d'outrem navegados,
 Prosperamente os ventos assoprando ;
 Quando uma noite estando descuidados,
 Na cortadora proa vigiando,
 Uma nuvem, que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
 Que poz nos corações um grande medo ;
 Bramindo o negro mar, de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo,
 Ó Potestade, disse, sublimada !
 Que ameaço divino, ou que segredo,
 Este clima, e este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece que tormenta ?

XLIII. — *Continuação.*

Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e valida,

De disforme e grandissima estatura,
O rosto carregado, a barba esqualida ;
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pallida,
Cheios de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo ;
C' um tom de voz nos falla horrendo e grosso,
Que pareceo sair do mar profundo ;
Arrepião-se as carnes e o cabelo.
A mim e a todos, só de ouvil-o e vél-o.

XLIV. — *Continuação.*

E disse : Ó gente ousada mais que quantas
No mundo commettêrão grandes cousas ;
Tu que por guerras cruas, taes e tantas,
E por trabalhos vão nunca repousas ;
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha que guardo e tenho,
Nunca arados d'estranho ou proprio lenho ;

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de immortal merecimento ;
Ouve os damnos de mim, que apercebidos
Estão, a teu sobejo atrevimento,
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de subjugar com dura guerra.

XLV. — *Continuação.*

Sabe que quantas náos esta viagem
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,

Inimiga terão esta paragem,
 Com ventos, e tormentas desmedidas ;
 E da primeira armada, que passagem
 Fizer por estas ondas insoffridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo,
 Que seja mór o damno que o perigo.

Aqui espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobrio summa vingança :
 E não se acabará só nisto o damno
 De vossa pertinace confiança ;
 Antes em vossas náos vereis cada anno
 (Se é verdade o que meu juizo alcança)
 Naufragios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.

.....

XLVI. — *Continuação.*

Mais ia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu : Quem és tu ? qu'esse estupendo
 Corpo certo me tem maravilhado !
 A boca e os olhos negros retorcendo,
 E dando um espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pesára :

Eu sou aquelle occulto e grande cabo,
 A quem chamais vós outros tormentorio ;
 Que nunca a Ptolemeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passárão, fui notorio ;
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o pólo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.

XLVII. — *Continuação.*

Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano ;

Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano ;
 Não que pozesse serra sobre serra,
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.

.
 Oh que não sei de nojo como o conte !
 Que crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c'um duro monte
 De aspero mato, e de espessura brava ;
 Estando c'um penedo fronte a fronte,
 Que eu pelo rosto angelico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
 E junto d'um penedo outro penedo.

(CAMÕES, *Lus.*, v, 37, etc.)

XLVIII. — *Batalha do Campo d'Orique.*

A matutina luz, serena e fria,
 As estrellas do polo já apartava,
 Quando na cruz o Filho de Maria,
 Amostrando-se a Affonso o animava.
 Elle adorando quem lhe apparecia,
 Na Fé todo inflammado, assim gritava :
 Aos infieis, Senhor, aos infieis,
 E não a mim que creio o que podeis !

Com tal milagre os animos da gente
 Portugueza inflammada, levantavão
 Por seu rei natural este excellente
 Principe, que do peito tanto amavão ;
 E diante do exercito potente
 Dos inimigos, gritando o céu tocavão,
 Dizendo em alta voz : « Real, Real, .
 Por Affonso alto rei de Portugal. »

.

XLIX. — *Continuação.*

D'esta arte o Mouro attonito e torvado
 Toma sem tento as armas mui depressa ;
 Não foge, mas espera confiado,
 E o ginete belligero arremessa.
 O Portuguez o encontra denodado,
 Pelos peitos as lanças lhe atravessa ;
 Uns caem meios mortos, e outros vão
 A ajuda convocando do Alcorão.

Ali se vem encontros temerosos
 Para desfazer uma alta serra ;
 E os animaes correndo furiosos,
 Que Neptuno amostrou ferindo a terra.
 Golpes se dão medonhos e forçosos ;
 Por toda a parte andava accessa a guerra ;
 Mas o de Luso, arnez, couraça e malha,
 Rompe, corta, desfaz, abola e talha.

L. — *Continuação.*

Cabeças pelo campo vão saltando,
 Braços, pernas, sem dono e sem sentido ;
 E d'outros as entranhas palpitando,
 Pallida a côr, o gesto amortecido.
 Já perde o campo o exercito nefando,
 Correm rios de sangue despæzido,
 Com que tambem do campo a côr se perde,
 Tornando carmesi de branco e verde.

Já fica vencedor o Lusitano,
 Recolhendo os tropheos e presa rica ;
 Desbaratado e roto o Mouro hispano,
 Trez dias o grão rei no campo fica.
 Aqui pinta no branco escudo ufano,
 Que agora esta victoria certifica,
 Cinco escudos azues esclarecidos,
 Em signal dos cinco reis vencidos.

(CAMÕES, *Lus.*, III, 45. etc.)

II. — *Os doze de Inglaterra.*

Já num sublime e publico theatro
 Se assenta o rei inglez com toda a côrte ;
 Estavão trez e trez, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do sol, do Tejo ao Bactro,
 De força, esforço, e d'animo mais forte,
 Outros doze sair como os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.

Mastigão os cavallos escumando
 Os aureos frêos com feroz semblante ;
 Estava o sol nas armas rutilando
 Como em crystal ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n'um e n'outro bando
 Partido desigual, e dissonante,
 Dos onze contra os doze ; quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LII. — *Continuação.*

Virão todos o rosto aonde havia
 A causa principal de reboliço ;
 Eis entra um cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço ;
 Ao Rei e ás damas falla, e logo se ia
 Para os onze, que este era o grão Magriço ;
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

A dama como ouviu que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome e fama,
 Se alegra, e veste ali do animal de Helle,
 Que a gente bruta mais que virtude ama.
 Já dão signal, e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos que inflamma ;
 Picão esporas, largão redeas logo,
 Abaixão lanças, fere a terra fogo.

LIII. — *Continuação.*

Dos cavallos o estrepito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme ;
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se alvoroça e teme ;
 Qual do cavallo vòa, que não desce ;
 Qual, co' o cavallo em terra dando, geme ;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
 Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

Algun d'ali tomou perpetuo sono,
 E fez de vida ao fim breve intervallo ;
 Correndo algum cavallo vai sem dono,
 E n'outra parte o dono sem cavallo ;
 Cai a soberba ingleza de seu throno,
 Que dous ou trez já fóra vão do vallo.
 Os que de espada vem fazer batalha,
 Mais achão já que arnez, escudo e malha.

(CAMÕES, *Lus.*, VI, 50, etc.)

LIV. — *Uma tempestade no mar.*

Mas neste passo assim promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca, accordão despertando
 Os marinheiros d'uma e d'outra banda ;
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaveas tomar manda :
 « Alerta, disse, estai, que o vento crece
 D'aquella nuvem negra que apparece. »

Não erão os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande e subita procella :
 « Amaina, disse o mestre a grandes brados,
 Amaina, disse, amaina a grande véla ! »
 Não esperão os ventos indignados
 Que amainassem ; mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem, c'um ruido
 Que o mundo pareceo ser destruido.

LV. — *Continuação.*

O céo fere com gritos nisto a gente,
 Com subito temor e desacordo,
 Que no romper da véla, a não pendente
 Toma grão somma d'agua pelo bordo.
 « Alija, disse o mestre rijamente,
 Alija tudo ao mar, não falte acordo.
 Vão outros dar á bomba, não cessando :
 Á bomba, que nos imos alagando. »

Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, e tanto que chegarão,
 Os balanços que os mares temerosos
 Derão á não, n'um bordo os derribarão.
 Trez marinheiros duros e forçosos
 A manear o leme não bastarão ;
 Talhas lhe punhão d'uma e d'outra parte,
 Se aproveitar dos homens força e arte.

LVI. — *Continuação.*

.....
 Agora sobre as nuvens os subião
 As ondas de Neptuno furibundo ;
 Agora a ver parece que descião
 Ás intimas entranhas do profundo.
 Noto, Austro, Boreas, Aquilo querião
 Arruinar a maquina do mundo ;
 A noite negra e feia se allumia
 Co' os raios em que o pólo todo ardia.

.....
 Os ventos que lutavão,
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta accrescentavão,
 Pela miuda enxarcia assoviando ;
 Relampagos medonhos não cessavão,
 Feros trovões, que vem representando

Cair o céu dos eixos sobre a terra.
Com sigo os elementos terem guerra.

(CAMÕES, *Lus.*, VI, 70, etc.)

LVII. — *Outra tempestade.*

Cortando o golfo jonio proseguia
Seu curso a grega armada, quando irado
Boreas as negras azas sacudia,
Sobre o mar todo em serras levantado.
Euro bramindo o centro revolvía,
Via-se o ar de nuvens coroado,
E o fogo e confusão, que o inferno imita,
Mostra que o céu no mar se precipita.

Ao longe o mar brama horrendamente,
Quebrando as ondas, que co' o vento crescem,
Vão-se os ares cerrando, e em continente
Da vista o mar e céu desaparecem.
Encanéce Neptuno, que o valente
Austro as ondas levanta, e quando descem
Deixão-se ver as grutas e as montanhas,
Que esconde o mar nas humidas entranhas.

(GABR. P. DE CASTRO, I, 9, 10.)

LVIII. — *Cantico de David.*

Quanto ao longe em toda a terra,
Ó meu Deus e meu Senhor,
Resplandece de teu nome
O magnífico esplendor!

Sobre os céos sobe e se eleva
Tua ineffavel grandeza,
E por modos mil a entoa
Toda a vasta natureza.

Os meninos, que de leite
Molhão os beiços recentes,
Suas linguas innocentes
Desatão para louvar-te.

Assim os impios confundes,
 De temor sobresaltados ;
 Teus inimigos se abatem,
 De teu ser maravilhados.
 Olho, e vejo o sol brilhando,
 Lavor de tuas mãos bellas,
 Da lua o luzente globo,
 E as rutilantes estrellas.

LIX. — *Continuação.*

O que é, meu Deos, o homem ?
 Para d'elle te lembrares,
 E com dons de tanto preço
 Tão pequeno ser ornares !

Quasi igual aos mesmos anjos
 O fizeste, e meigamente,
 Gloriosa, honrada c'roa
 Lhe cingiste sobre a frente.

De todo o extenso universo
 Soberano o declaraste ;
 Os bois e as tenras ovelhas
 Sob os seus pés collocaste.

Quantas aves ao céo voão,
 Quantos peixes que, a milhares,
 Volvem corpos escamosos
 Pelos vastos fundos mares ;

Tudo, ó Deos, tudo lhe deste !
 Como é certo, ó meu Senhor,
 Que trasluz por toda a terra
 De teu nome o resplendor !

(CALDAS, tom. I, pag. 23.)

LX. — *Psalmo de David.*

Os céos resoão do Senhor a gloria,
 E o firmamento luminoso ostenta,
 Por toda a parte, do Supremo Artifice
 As mãos divinas.

O dia e noite revezados contão
Sua grandeza, que o vizinho dia
E a imminente tenebrosa noite
De novo entoão.

Os povos todos, inda o mais selvatico,
Ouvem, percebem esta voz sonora ;
E o tom sublime, desde o Tejo ao Indo
Soa e retumba.

Poz o seu throno sobre o sol ardente
Que as nuvens rompe, e qual gentil esposo
Ergue do leito nupcial a frente
Pomposa e leda.

Com desmedido agigantado passo,
D'um pólo a outro se abalança e gira ;
Deserto monte, solitario valle
Não se lhe escondem.

E como a lei immaculada e pura
De Deos splende ! testemunho certo
De altas promessas, o perdido esp'rito
Toca e converte.

De almo prazer os corações embebe,
Ilustra os olhos deslumbrados, enche
Singelos peitos de saber profundo :
É santa e eterna.

Em si descobre da verdade o lume
Que a justifica ; na doçura excede
Sabroso favo, mais que o ouro e pedras
Preciosas brilha.

(CALDAS, tom. I, pag. 60.)

SEGUNDA PARTE

I

VERDADES MORAES, POLITICAS E ECONOMICAS, EXTRAHIDAS
DE VARIOS AUCTORES PORTUGUEZES.

Tudo é vaidade, excepto amar e servir a Deos ; amar a Deos é a maior das virtudes, ser amado de Deos é a maior das felicidades. O primeiro bem do mundo, que o homem ha de procurar, é bom nome; só d'este nome temos a propriedade, de todos os mais temos o uso. O maior mal do homem é não se conhecer a si proprio ; tarde procurará emendar-se, quem se não conhece. Quasi todos querem ensinar com razões ; com exemplos poucos ensinão. Não ha homem sem coração, nem coração sem desejos. Conheça o homem o que deseja, e conheça-se a si mesmo, por não desejar cousas fóra da sua esphera. As obras, e não a duração, são a medida certa da vida humana. Deve o homem saber igualmente o mal e o bem, para obrar este e fugir d'aquelle. O

hem é um, o mal se divide e não tem numero : uma a saude, muitas as doenças : uma a harmonia, muitas as disonancias ; o homem, por lhe parecer que um só bem o não pôde fazer feliz, busca muitos ; basta que se affeioe a um só, que é a virtude. Se o homem timido não tem coração, o teimoso não tem cabeça ; porque não conhece que sendo o errar um só defeito, o sustentar o erro são dous. Não ha cousa mais cara que a que custa vergonha. De muitas cousas deve um discreto guardar-se, e em primeiro lugar do amigo ; porque o amigo sabe cousas que o inimigo não sabe. Guarde-se o discreto d'offender o poderoso, guarde-se de sair quando ha perigo, guarde-se de ser fiador de ninguem, guarde-se d'escrever cartas em que pode haver cousa que damne ; porque por vinte testemunhas vale carta com firma. Com inveja e com ciúmes, é aspide a melhor mulher.

x

II

Ainda que enterrem a verdade, a virtude não se sepulta. Sempre é valente a innocencia. O temor não é d'homens fortes, nem o agouro d'homens sabios. Taes são os bens da fortuna : que carecer d'elles é miseria, e possuil-os perigo. Não ha caso, por perdido que seja, que posto na mão d'um sabio, d'elle não esperemos remedio : e não ha caso, por ganhado que seja, que posto na mão d'algum

simples, não se espere perdê-lo. Nos casamentos todo o erro está em cobiçar a fazenda que está na bolsa, e não examinar a pessoa que se traz para casa. O coração do homem é mui generoso, e o da mulher mui delicado; quer por pouco bem muito premio, e por muito mal nenhum castigo. A cousa mais facil do mundo é dar conselho a outrem, e a mais ardua é tomá-lo para si. Onde a sensualidade reina, a razão se dá por despedida. Na côrte ha parcialidades antigas, dissensões presentes, juizos temerarios, e testemunhos evidentes; entranhas de viboras e linguas de serpentes; malsins muitos, amigos poucos: n'ella todos tomão voz de republica, e cada um busca a utilidade propria; todos publicão bons desejos, em más obras s'occupão. Na côrte cada dia mudão senhores, renovão leis, despertão paixões, levantão ruidos, abatem os nobres, favorecem os indignos, desterrão os innocentes, honrão os roubadores, amão os lisongeiros, desprezão os virtuosos, abração os deleites, ^{esquecêo} esquecêo as virtudes, chorão pelos mãos, e riem-se dos bons.

III

A um principe virtuoso tudo se lhe rende, a um principe vicioso parece que a terra se lhe levanta. O que governa a republica, e commette todo governo aos velhos, mostra ser inhabil; o que o fia dos moços é leviano, o que a rege por si só é atrevido, e o

que por si só e por outros é prudente. Despede-se o mundo, sem dizer-nos nada; consóme-se a carne, sem que ninguém o sinta; passa-se a nossa gloria, como se nunca fôra; e saltêa-nos a morte, sem chamar primeiro á porta. Não ha velha tão carregada d'annos, nem velho de tão podres membros, que não tenha o coração são para cuidar ruindades, e a lingua inteira para dizer mentiras. Assim se tempe o rigor da justiça, que os ministros mostrem compaixão e não vingança; e os culpados tenham occasião de emendar as culpas passadas, e não vingar a injuria presente. Não é possível que quem aparta as orelhas de ouvir verdades applique seu coração a amar virtudes. Cousa é mui commum aos nescios tractar de livros, e aos cobardes blasonar d'armas. Grande infelicidade que se entregue o governo d'uma monarchia ao que ignora o governo de sua casa. Quem não se guarda do que receia não se espante quando vir o que teme. Toda consolação é escusada, quando os males são sem remedio. A formosura é um engano mudo; e é peor que o fogo, porque este queima a quem o toca, e ella abrasa de longe. Aristoteles, a quem lhe perguntou porque erão amadas as cousas formosas, respondeo que era pergunta de cego. Se culpais a vida alheia, seja só com vosso exemplo, e não com vosso entendimento. O homem prudente deve cuidar no passado, ordenar no presente, e com muita cautela prover no futuro. Com mulheres não sabe o homem como ha de haver-se: se não as ama, têm-no por nescio; se as ama, por leviano; se as deixa, por cobarde;

se as segue, por perdido ; se as serve, não o estimão ; se não as serve, o aborrecem ; se as quer, não o querem ; se as não quer, o perseguem ; se as frequenta, é mais que louco ; se não as frequenta, é menos que homem.

IV

Não deve queixar-se de ser invejado o que tem feito obras dignas d'inveja, senão o que não tem feito acções que mereção ser mordidas da inveja. É impossivel que a inveja deixe de perseguir a quem os principes amão ; aquella graça é appetecida para não ser de todos invejada : dos grandes, porque a não gozão ; dos ministros, porque lhes impede o subir : do povo, porque a considera sem fructo. Os primeiros querem alcançar o que merecem, os segundos aspirão ao que não podem, e os ultimos julgão do que não sabem. O ser pobre ou rico consiste em nosso desejo. Se a fortuna me concedeo a abundancia, porque me farei pobre com a ostentação ? e se me coube em sorte a pobreza, porque me não fará rico o contentar-me com ella ? O principe se conserva pela reputação, e se esta se perde, fica perdido. A mais refinada malicia é a que se disfarça com as apparencias de virtude ; a que se manifesta é um mal, porém a que se encobre é mal dobrado. O sabio tem por officio mandar, não obedecer aos ignorantes ; e a sciência, se não supera, iguala aos

que a natureza fez maiores. Pouca confiança se ha de ter em conselhos do povo, onde sem discursos das cousas votão todos em commum para depois pagarem em particular. Mais louvavel é evitar as injurias, do que vingar-se d'ellas.

V

Se o principe permittir ser lisonjeado na presença, supponha-se praguejado na ausencia. Seja a colera do principe esperança dos opprimidos : é a purpura sangue, não a ensanguente mais. Maior gloria é emendar que castigar ; mas aonde se não conheceo emenda não falte o castigo, que não tem logar a misericordia onde a justiça pode perder o nome. Informe-se o principe miudamente como correm os officios, e andão os negocios, e obrão os ministros. Philippe de Macedonia não conhecia de todas as cousas, mas conhecia todas, e applicava o remedio. A sciencia de reger é a constancia de padecer. Use de doçura, domará elephantes ; se de violencia, irritará cordeiros. O que poder haver em paz não haja por guerra ; é melhor a ruím paz que a bóa guerra. O que poder remediar em secreto não tire a publico ; o primeiro obriga, o segundo lastima. Antes queira mediocridade propria, que demazia alheia : é grande nobreza usar do seu. No que toca a todos consulte os mais ; se não acertar, errará acreditado. Para se mostrar liberal, busque a

quem dar; parecerá avaro, se esperar que lhe pécção. Antes queira bons lados que pés ligeiros. Flexivel para a resolução, inflexivel na execução. Faça seu corpo da guarda o amor dos subditos, mais seguro estará com os amigos ganhados, que com soldados alugados. Castigue culpados, premie benemeritos; instrua-se em religião, será eternizado. Não faça os tiros do castigo á pessoa, faça-os aos vicios. Terá augmento seu officio, credito seu governo, se a cada um obrigar a fazer bem o seu. Espere bons successos por meios ordinarios; nascem dos extraordinarios fatalidades. Admitta homens aos cargos, pelo ser, não pelo parecer. Seja clemente, mas não deixe de ser severo. No aspecto pareça aspero para o respeito, no affecto seja benigno para o applauso. Augmentar a religião, manter a paz, desterrar a inveja, ^{mitigar} metigar os odios, honrar a virtude e o sangue, ensinar o temor de Deos, venerar o culto, mostrar devoção e piedade, favorecer as lettras, estimar os sabios, premiar os valorosos, amparar os pobres, embargar os insolentes, são regras do bom principe.

*aos bons p. unia.
Silva, ditt.*

VI

D'esta ilha (Diu) nos partimos com fundamento d'abocarmos as portas do estreito, e em nove dias de tempo bonança nos posemos n'altura de Massua,

onde ao pôr do sol houvémos vista d'uma vela, a qual seguimos com tanta pressa, que ao quarto da prima rendido chegámos a ella. E querendo nós por via de boa amizade haver falla do capitão d'ella, para nos informarmos d'elle do que pretendiamos saber da armada do Turco, se era já partida de Sués, ou que novas havia d'ella; a resposta dos da nao foi tão fora do que esperavamos, que sem fallarem palavra nos assombrarão com doze pelouros, dos quaes os cinco erão de falcões e roqueiros, os sete de berços, a fóra mûitas arcabuzadas que também nos tirarão, como gente que nos não tinha em conta. E de quando em quando nos davão muitas gritas e apupadas, e capeando-nos com bandeiras e toucas, nos mostravão de cima do chapiteo de poppa mûitos terçados nus, csgremindo com elles no ar, para que nos chegássemos a elles. Com a primeira vista d'estas suas fanfarrices, ficamos nós algum tanto embaraçados. E praticando os capitães ambos e os outros companheiros sobre o que se faria n'este caso, se concluío, por parecer dos máis, que os inimigos se não fossem tanto a seu salvo, mas que se trabalhasse todo o possivel por os irmos, gastando com a artill^{ria} até que fosse manhã, porque então nos ficaria mais facil e menos perigoso o abalroá-los, o que assim se fez. E dando-lhe caça todo o mais que restava da noite, ^{prazer} prove a nos-^{prouve-}so senhor que já quasi manhã ella mesma se rendeo por si, com morte de sessenta e quatro homens dos oitenta que n'ella vinhão, e es que ficarão vivos quasi todos se lançarão ao mar, tendo este por

melhor partido, que morrerem queimados das pannels de polvora que lhe nós lançavamos.

(FERNÃO MENDES PINTO, cap 3.)

VII

CARTA A EL-REI.

SENHOR,

No fim da carta de que V. M. me fez mercê, me manda V. M. diga meu parecer sobre a conveniencia de haver n'este Estado, ou dous capitães môres, ou um só governador. Eu, Senhor, razões politicas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece. Digo que menos mal será um ladrão que dous, e que mais difficultosos serão de achar dous homens de bem que um. Sendo propostos a Catão dous cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeo que ambos lhe discontentavão: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Taes são os dous capitães môres em que se repartio este governo. N. de N. não tem nada, N. de N. não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cubiça. Tudo quanto ha na capitania do Pará, tirando as terras, não vale dez mil cruzados, como é notório, e d'esta terra ha de tirar N. de N.

3.

mais de cem mil cruzados em três annos, segundo se lhe vão logrando bem as industrias. Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes Indios, aos quaes tracta como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade, nem para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos Indios, é occasião de padecêrem muitas necessidades os Portuguezes, e de perecêrem os pobres... Assim que, Senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento que se ha de buscar nos que vierem governar este Estado. Se houvesse dous homens de consciencia, e outros que lhes succedessem, não haveria inconvenientes em estar o governo dividido. Mas, se não houver mais que um, venha um que governe tudo, e tracte do serviço de V. M.; e se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governa o Estado sem elle que com elle. Se para a justiça houver um letrado recto, para o politico basta a Camara, e para a guerra um sargento mór, e esse da terra, e não d'Elvas, nem de Flandres; porque este Estado, tendo tantas leguas de costa e de ilhas, e de rios abertos, não se ha de defender, nem pode, com fortalezas nem com exercitos, senão com assaltos, com canoas, e principalmente com Indios e muitos Indios; e esta guerra só a sabem fazer os moradores que conquistárão isto, e não os que vêm de Portugal... A muito alta e mui poderosa pessoa de V. M. guarde Deos, etc. — Maranhão, 4 de abril de 1654.

ANTONIO VIEIRA.

VIII

Recad.

Ao hómem fêl-o Deos para mandar, aos brutos para servir. E se os brutos se rebellárão contra Adão, e não quizerão servir ao homem sendo tão inferiores; triste e miseravel condição é haver um homem de servir a outro, sendo todos iguaes. A primeira vez que se prophetizou n'este mundo haver um homem de servir outros, foi com o nome de maldição. Assim fadou Noé a seu neto Cannahan, em castigo do pai e mais do filho. Ainda então se não sabia no mundo que cousa era servir: então se começou a entender a maldição pelo delicto, e a miseria pelo castigo. Meios homens chamou depois o poeta lyrico aos que servem, e disse bem. Toda a nobreza e excellencia do homem consiste no livre alvidrío, e o servir senão é perder o alvidrío, é captivál-o. Grandes razões tem o homem para não servir, porém muito maiores para não mandar homens. E porque? Porque maior servidão é mandál-os que servíl-os. Fallando el-rei Antigono com o principe seu filho, sobre a administração e govêrno do reino, de que o havia de deixar por herdêiro, admirado o generóso móço de tamanhas obrigações e encargos, refere Eliano que lhe disse o pai: Ainda não sabias, filho meu, que o nosso reinar não é outra cousa, senão uma servidão honrada? Honrada disse, e com grande juizo: porque servidão dos servos é servidão sem

honra, e por isso menor e menos pesada ; mas sobre o peso da servidão, haver de sustentar tambem o da honra, é muito maior sujeição e muito mais pesada carga. E servir a fama e as bocças dos homens, cujos góstos são tão varios e tão estragados, que até o mesmo manna os enfastia.

(ANTONIO VIEIRA, *Sermões.*)

IX

ANECDOTAS.

Certo poeta, auctor d'uma comedia de tramoias, introduzio no theatro uma figura do sol mui galharda e resplandecente, com roupas recamadas de joias de diamantes, e diadema amplissimo de dourados raios; e nos tirantes da carroça em que ia enthronizada, pegavão doze figuras em forma de nymphas, symbolo das doze horas do dia que o sol descreve quando toca no equinocio. Das quaes figuras, umas erão de maior estatura, outras de mediana, e outras mais pequenas, conforme se offereceo achál-as. Perguntado pois pela razão d'esta differença tão impropria ao intento presente, visto que as horas todas são iguaes, respondeo remediando com a discrição o que não podêra com a diligencia : *Senhores, as horas mais pequenas são as da oração e do servir a Deos; as medianas*

são as dos negocios : e as maiores são as do dormir, comer, folgar, e dar-nos a passatempos. — Querendo Solon, philosopho atheniense, consolar a um seu amigo opprimido de vehemente tristeza, o levou a uma torre eminente, d'onde se descortinava toda a cidade, e lhe disse : Considerai, amigo, quantos prantos, luctos, afflicções, desgraças, e trabalhos, estiverão já, e actualmente estão debaixo d'estes telhados, e estarão successivamente pelos tempos vindouros; sem haver dia vago em que a morte, o infortunio, não andem visitando já esta, já aquella casa. Pelo que, não sendo só vós quem padece, accommodai-vos á condição dos outros mortaes. — A sociedade nos trabalhos aligeira o peso d'elles, como a singularidade os aggrava. Ao grande Alexandre, já vencedor de Dario, caminhando para Persepolis, sairão ao encontro quasi 800 homens, os mais d'elles velhos, aos quaes os antepassados reis da Persia tinham torpemente mutilado os narizes e labios. Alexandre, compadecido da sua affronta e miseria, lhes offereceo honesto conducto para suas patrias. Porém elles deliberarão ficar antes juntos na terra onde vivião, porque d'este modo se não podião rir uns dos outros. Todos os filhos de Adão padecemos nossas mutilações e fealdades, uns na honra, outros na saúde, outros na fazenda, outros na sciencia, outros na limpeza de sangue, outros em outras cousas : accommodêmo-nos a viver juntos, porque ninguem tem que se rir de seu proximo.

(BERNARDES, *Floresta.*)

X

Ao outro dia pela manhã, fomos ao aposento onde a princeza (mãe do Preste João) vivia, a qual, tanto que soube que eramos chegados, nos mandou entrar na capella onde já então estava para ouvir missa, e pondo-nos em joelhos diante d'ella, lhe beijámos o abano que tinha na mão, com mais outras ceremonias de cortezia ao seu uso, que os Portuguezes nos tinham ensinado. Ella nos recebeu com muita alegria, e nos disse : « A vinda de vós outros, verdadeiros Christãos, é ante mim agora tão agradável, e foi sempre tão desejada, e o é todas as horas d'estes meus olhos, que tenho no rosto, como o fresco jardim deseja o borrião da noite ; venhais embora, venhais embora ! e seja em tão boa hora a vossa entrada n'esta minha casa, como a da rainha Helena na terra santa de Jerusalem. » E mandou-nos assentar em umas esteiras, quatro ou cinco passos afastados de si ; nos esteve perguntando com a bocca cheia de riso, por algumas cousas novas e curiosas, a que dizião que sempre fôra muito inclinada : pelo Papa, como se chamava ; quantos reis havia na christandade, se fôra já algum de nós á Terra Santa, e o poder que el-rei de Portugal tinha na India se era grande, e quantas fortalezas havia n'ella, e em que terras estavam, e outras muitas cousas d'esta maneira ; e das respostas que os nos-

sos lhe davão, mostrava ficar satisfeita. E com isto nos despedimos d'ella, e nos recolhemos ao nosso aposento.

(FERNÃO M. P., cap. 4.)

XI

O segredo era de tal modo estimado pelos philosophos antigos, que a mór pena que os Athenienses tinham em suas leis era a que se dava ao que descobria o segredo ; e em tanto se guardava, que tendo um tempo guerra com Philippe de Macedonia, tomárão acaso umas cartas que elle mandava a sua mulher Olympia, e lh'as tornárão a mandar cerradas, e sem tocar n'ellas, podendo por ventura achar dentro alguns avisos de que se podessem aproveitar ; mas tinham em muito mais a guarda do segredo, que a mesma victoria. Anaxilio, capitão atheniense, sendo captivo dos Lacedemonios, foi mettido a tormentos, para que dissesse o que el-rei Agesiláo tinha determinado, ao que respondeo que bem o podião fazer em pedaços, mas que os segredos do seu rei nunca descobriria. Na guarda dos segredos erão os Athenienses tão puros, que conta Plutarco, que passando um Egypcio por uma rua d'Athenas, não sei com que debaixo da capa, lhe perguntára um Atheniense que era o que levava. Ao que lhe respondeo : Es Atheniense, e perguntas

isso? vês tu que por isso o levo coberto pelo não saberes? Grande zelador d'este segredo foi Demosthenes, ao qual perguntando-lhe um seu amigo, porque lhe cheirava mal o bafo, respondeu : Porque no estomago lhe apodrecêrão grande quantidade de segredos.

L

(Diogo no Couro, *Soldado pratico.*)

XII

As primeiras creaturas que com suas vozes nos injurião e envergonhão, entre aquellas que o mesmo Senhor creou, mas não remio, são as aves. Que avesinha-ha, ou tão pintada como o pintacilgo, ou tão mal vestida como o rouxinol, que não rompa o silencio da noite com dar ou cantar as graças a seu Creador, festejando a bôa-vinda da primeira luz ou chamando por ella? As flôres, que anoitecêrão secas e murchas, porque carecem de vozes, posto que lhes não falte a melodia para louvar a quem fêz tão formosas ; o descante mudo dos cravos e das violas, como são as magdalenas do prado, tambem decla-rão os seus affectos com lagrimas. As nuvens bordadas d'encarnado e ouro, os mares com as ondas crespas em azul e prata, as arvores com as folhas voltadas ao céu, e com a variedade do seu verde natural então mais vivo, as fontes com os passos da garganta, mais cheios, e a cadencia mais sonora, as

ovelhinhas saindo do aprisco, e os outros gados mansos, a gozar a liberdade do campo, os lobos e as fêras silvestres recolhendo-se aos bosques, e as serpentes mettendo-se nas suas covas, todos ou temendo a luz, ou alegrando-se com a sua vista, como a primeira obra de Deos, lhe tributão naquella hora os primeiros applausos. E que maior confusão e affronta do homem, creatura racional, que quando todas as outras, ou brutas, ou insensiveis, reconhecem, do modo que podem, a bondade e providencia d'aquelle supremo Senhor, que lhe deo o ser, anticipando-se ao sol para lhe offerecer as primicias do dia, elle sem memoria, sem entendimento, sem vontade, e sem sentidos n'aquella voluntaria sepultura do somno e do descuido, só confesse dormindo e roncando, que é o mais ingrato!

(VIEIRA, *Sermões.*)

XIII

Se alguem deseja alguns dictames para escolher e adquirir amigos, pode arrimar-se aos seguintes. Primeiramente assente, que a verdadeira amizade não pode consistir entre pessoas que a não têm com Deos; Cicero dizia que a amizade não podia ser vinculo, senão entre bons. Ninguem escolha amigo notavelmente mais honrado do que elle; porque havendo qualquer encontro (que é força havê-lo na

instabilidade das ondas d'este seculo), o mais fraco é que padecerá todo o damno. D'aqui parece foi tomado o doutrinal apologo das duas panellas, uma de barro, outra de cobre, levadas pelo rio abaixo com a força de cheia. Rogou a de cobre á de barro que se chegasse para ella, para que juntas resistissem melhor ao impeto das aguas. Não me convêm, respondeo ella, a nossa amizade e vizinhança ; porque, ou succêda topar eu convosco, ou vós commigo, sempre vós ficareis inteira, e eu quebrada. Tambem se requer similhança em outras cousas dos que querem ser amigos , v. g. na idade , exercicio, genio, etc. Porque a amizade ou suppõe, ou induz igualdade nos sujeitos ; e quanto um d'elles for mais eminente, tanto o outro fica mais dominado : e já será adulação ou dependencia, o que devia ser affecto. No tempo d'afflicção e trabalho do amigo, é lei indispensavel assistir-lhe com allivio, conselho, prestimo, e ainda com a pessoa, tomando sobre si a parte que poder do pêso que opprime seu amigo. Amizade procedida de comer e beber, e passeiar juntos, não merece o nome de tal, nem pode ter firmeza. Assim o convence a razão, e assim o demonstra a experiencia ; e devemos ter sempre como regra o dito d'um antigo philosopho, que em vulgar quer dizer :

D'amigos bons, estimação se faça
 Por prova de perigos, não da taça.

Fervem os amigos em quanto a panella ferve. Sobre cuja sentença fez Marsial uns engraçados versos la-

tinós, que se podem construir n'estas duas redondilhas.

Este que as mesas tem feito,
E os falernos teu amigo,
Cuidas guardará com tigo,
Verdadeiro e fiél peito?
De ser amigo dá mostrás,
Mas resta saber de quem :
D'aquillo que sabe bem
Vinho, salsixões e ostras.

XIV

O amigo, que se ha de escolher e acceitar, não ha de ser de natural suspeito, iracundo, mudavel, chocalheiro, e verboso. Não é bom para amigo o que me revela os segredos d'outros, com que primeiro teve amizade ; porque o mesmo usará commigo, quando se passar a outro. Tambem não sabe as leis d'amizade o que, ouvindo murmurar ou detrahir do amigo, não acode a defender a sua fama, antes se cala, que val o mesmo nestes termos que consentir com o murmurador. Para que ha de guardar no peito um homem a outro, se este nem as costas lhe guarda ? Mas se a fama do amigo padece com razão, ou eu acho n'elle defeitos reprehensiveis, corre-me obrigação de o avisar em secreto : bem assim como se visse nos seus vestidos alguma descompostura ou immundicia, devia manifestar-lh'o, para que não apparecesse em

publico ridiculamente. Dissimular erros no amigo não é amor, é lisonja; não é prudencia, é traição, ou quando menos pusillaniedade: porêm esta correção não péde pressa, e muito menos senha ou colera. *senha?* Hei-de aguardar vez, em que o animo do amigo esteja sereno, largo, susceptivel; e então lhe perei diante dos olhos o que nos dos outros não parece bem, isso sem exaggeração, nem prologos, que movem especção no ouvinte, com risco d'anticipar a sua turvação a minha doutrina; com confiança e brevidade, como pírua, que ha de ser dourada e pequenina, que quasi se sente primeiro engulida de que amargosa. Finalmente por amigos havemos de ter a poucos, mas por inimigo a nenhum. A razão da primeira parte é porque o coração sendo limitado, e repartindo-se por muitos amigos, não pode alcançar a fazer pontualmente os officios da verdadeira amizade; de sorte que, sendo os amigos bons tão raros, se não fôrem raros parece impossivel serem bons: e a mesma multidão de diamantes induz, em quem os vê, suspeita de que alguns serão falsos. A razão da segunda parte é porque a nenhum proximo podemos excluir dos communs respeito da caridade christã, nem conservar com elle rancor ou aversão. E além d'isto não ser licito quanto á consciencia, tambem não é conveniente quanto á boa politica; porque por desprezivel que seja qualquer pessôa, pode ser mui util ou mui nociva a qualquer outra d'alto estado e dignidade. Entre os animaes, quem mais brioso que o cavallo? quem mais forte que o leão e o elephante? e quem mais desprezivel que o rato e o mosquito?

E com tudo os mosquitos já fizêrão fugir a cavalleria d'um exercito; e o rato pode dar vida ao leão, roêndo-lhe as redes onde caio, e pode dar a morte ao elephante, roêndo-lhe os intestinos, aonde entrou pela tromba.

(BERNARDES, *Floresta.*)

XV .

CARTA A D. RODRIGO DE MENEZES.

SENHOR,

Se o contentamento fizera milagres, tivera-me V. S^a n'esta hora a seus pés, ajudando a celebrar a nova d'este successo, com que o Marquez, que Deos guarde, coroôu todas as suas felicidades, Deos nos tornou a dar por sua mão o reino que tantas vezes nos tem dado por ella. Mas pois o estado da minha enfermidade me não consente esta pequena demonstração, contento-me com que V. S^a tenha conhecido, que entre todos os criados da casa de V. S^a, nenhum tanto tem festejado e estimado este triumpho d'ella de que dou a V. S^a mil vezes o parabem. — N'essa côrte anda requerendo ha mûitos dias o licenceado Domingos Vaz Correa, vigario geral que foi do Estado do Maranhão mûitos annos, e onde com seu grande zelo e christandade fez mûitos serviços a Deos. É pessoa a que tenho por dignissima de qualquer lugar

ecclesiastico, e que ha muito poucos, no reino de Portugal, a quem com mais segura confiança se possam entregar as ovelhas de Christo. Além d'esta razão geral, lhe devo algumas obrigações particulares pela boa assistencia que sempre fez aos missionarios, e pela differença que depois experimentamos em outros lobos, que lá se mandarão com nome de pastores. Se V. S^a, no que houver logar, for servido de apadrinhar seu merecimento, além de ser obra muito grata a Deos, e muito do seu serviço, me fará V. S^a muito particular mercê; em cuja confiança o aviso se pode valer do amparo de V. S^a, pois eu não tenho outro. — Na mesma carta, que aquelle meu recommendado havia de presentar a V. S^a, significava eu a V. S^a quão pouco empenhado estava seu despacho; mas V. S^a, pela muita mercê que em tudo me quer fazer, mede os favores com a sua grandeza, e não com o meu desejo, por que beijo muitas vezes a mão a V. S^a. — Sobre o medo da guerra que se deve fazer, peço muito a V. S^a seja de voto, que vençâmos antes em seis mezes, do que arriscarmos tudo em um dia. — Eu passo como permite o rigor do tempo, escarrando vermelho, que não é boa tinta para quem está com a penna na mão; mas a tudo obriga não só o gosto, senão tambem a necessidade. — Se eu podéra tomar as lições, que V. S^a me dá com seu exemplo, da conformidade com a vontade divina, nenhuma cousa me faltava; mas ainda que não chego a padecer com alegria, soffro com paciencia, e é tal o costume que pode parecer constancia. — Os inimigos da campanha podem-se

vencer uma e muitas vezes, os da nossa côrte são invencíveis : aquelles com as victorias vão-se diminuindo, estes com ellas crescem mais. — Eu espero que nos ha de vir a saúde por mãos de nossos inimigos ; e que ha de obrar a necessidade, o que não acaba de fazer a razão. — Padecer por força é fraqueza ; não desmaiar nos trabalhos, necessidade.

ANTONIO VIEIRA.

XVI

Queréis saber o que é uma alma? Olhai para um corpo sem alma; se aquelle corpo era d'um sabio, onde estão as sciencias? Forão-se com a alma, porque erão suas. A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquelles discursos tão deduzidos, aquellas sentenças tão vivas, aquelles pensamentos tão sublimes, aquelles escriptos humanos e divinos, que admirâmos e excedem a admiração; tudo isto era a alma. Se o corpo é d'um artifice, quem fazia viver as tabuas e os marmores? Quem amolecia o ferro, quem derretia os bronzes, quem dava nova forma e novo ser á mesma natureza? Quem ensinou n'aquelle corpo regras ao fogo, fecundidade á terra, caminhos ao mar, obediencia aos ventos, e a unir as distancias do universo, e metter todo o mundo venal em uma praça? A alma. Se o corpo

2
morto é de um soldado, a ordem dos exercitos, a disposição dos arraiaes, a fabrica dos muros, os engenhos e machinas bellicas, o valor, a bizarrria, a audacia, a constancia, a honra, a victoria, e levarna lamina d'uma espada a vida propria e a morte alheia; quem fazia tudo isto? A alma. Se o corpo é o d'um principe, a magestade, o dominio, a soberania, a moderação no prospero, a serenidade no adverso, a vigilancia, a prudencia, a justiça, todas as outras virtudes politicas, com que o mundo se governa, de quem erão governadas, e de quem erão? Da alma. Se o corpo é d'um santo, a humildade, a paciencia, a temperança, a caridade, ozelo, a contemplação altissima das cousas divinas, os extases, os raptos, subindo o mesmo peso do corpo e suspen-dido no ar; que maravilha! Mas isto é a alma. Finalmente os mesmos vicios nos dizem o qu'ella é. Uma cobiça que nunca se farta, uma soberba que sempre sobe, uma ambição que sempre aspira, um desejo que nunca aquieta; uma capacidade que todo o mundo a não enche, como a d'Alexandre; uma altiveza, como a d'Adão, que não se contenta menos que com ser Deos: tudo isto, que vemos com os nossos olhos, é aquelle espirito sublime, ardente, grande, immenso: a alma. Até a mesma formosura, que parece dote proprio do corpo, e tanto arrebatada e captiva os sentidos humanos, aquella graça, aquella proporção, aquella suavidade de côr, aquelle ar, aquelle brio, aquella vida; que é tudo, senão alma? E se não vêde o corpo sem ella. Aquillo que amaveis e admiraveis não era o corpo, era a alma; apartou-

se o que se não via, ficou o que se não pode ver. A alma levou todo o que havia de belleza, como de sciencia, d'arte, de valor, de magestade, de virtude; porque tudo, ainda que a alma se não via, era a alma.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XVII

Não consentia o infante Dom Duarte, que eu estivesse esperando para entrarmos á lição; mas ordenou que eu não viesse da minha pousada até não ser chamado, dizendo que não era razão que eu perdesse meu tempo em esperar, podendo-o gastar, e empregar melhor em meus estudos. E por isso, mandou a Carransa, seu aposentador, que junto das casas onde S. A. pousava (que erão sobre o chafariz do Rocio), me aposentasse á minha vontade; e as pousadas custassem quanto seus donos quizessem; porque estando assim perto, sendo chegada a hora da lição, e sendo chamado prestesmente, com pouco trabalho meu, e sem perda de tempo, poderia acudir. Se algumas vezes queria ir fóra folgar e caçar, mandava-me recado : « Vai dizer a meu mestre se me dá licença para ir. » Quando estavamos á lição, fazia-me assentar tão chegado a si, que eu me afrontava, e corria; e dizia-lhe : « Senhor, deixe-me V. A. estar mais arredado, que anda o rocio cheio

Moura, 108.
Souz. 291.

de fidalgos que passeião ; e como estas janellas estão todas abertas, vêem-nos estar, e julgar-me-hão por mal ensinado e descomedido. » A isto me respondeo : « Assim quero eu que nos vejão, e entendão como devem de tratar seus mestres ; por amor d'isso, chegai-vos mais para cá. »

(Mestre ANDRÉ DE REZENDE, na *Vida do infante D. Duarte.*)

XVIII

Damão, condemnado á morte, impetrou ir primeiro á sua casa dispôr algumas cousas, ficando em refens no carcere seu grande amigo Pittias; que a isso se offereceo debaixo da mesma pena; e com effeito Damão tornou fielmente ao tempo prometido. Vendo tão rara e verdadeira amizade, el-rei Dionysio, o mais velho, disse-lhes : « Eu perdôo o crime, a troco de que me admittais tambem por vosso amigo. » Todos trez obrárão generosamente : Pittias sujeitando-se ao perigo da morte pelos commodos de Damão ; Damão entregando a vida propria por livrá-lo d'esse perigo ; Dionysio perdoando o crime d'um, a troco d'amizade d'ambos. — Pretendendo certo fidalgo illustre e rico, porêm já velho, as segundas bodas com santa Marcella, viúva de pouca idade, allegava em seu favor que tambem os moços podem morrer logo. Res-

pondeo a santa com promptidão e modestia : « O moço pode morrer logo, mas o velho não pode viver muito. » O matrimonio é jugo : para levarem suavemente o jugo, buscão-se bois parelhos. Breve e utilissimo dictame prescreveo Ovidio a este respeito, o qual vem a dizer em nossa lingua :

Se não queres casar mal,
Casa com igual.

Todas as formas se introduzem nos sujeitos tanto mais suavemente, quanto mais proximas são as disposições para ellas. Casem primeiro as idades, as condições, as saúdes, e as qualidades : e então casarão bem as pessoas : d'outro modo, já d'antemão levão o divorcio meio feito.

(BERNARDES, *Floresta.*)

XIX

CARTA Á RAINHA DA GRÃO-BRETANHA.

SENHORA,

Tem V. Magestade a seus pés a Antonio Vieira n'este papel, porque é tal a sua fortuna que o não pode fazer em pessoa, por mais que o desejou e procurou. A quem me queixarei do principe D. Pe-

dro, meu senhor, senão a V. Magestade? Por sua causa, depois do primeiro desterro, padeci as indignidades que me não atrevo a referir; e quando para o reparo d'ellas esperava o escudó de sua real protecção, nem uma folha de papel para o seu embaixador pude conseguir, em que lhe encomendasse me assistisse n'esta curia. A companhia do commercio do Brasil, que restaurou Pernambuco e Angola, e deo cabedal ao reino para se defender, por ser invento e arbitrio meu, me tem trazido á presente fortuna; quando se podéra prometter uma muito avantajada e honrada, quem tivesse feito ao seu rei, e á sua patria um tal serviço sobre tantos outros, em que tantas vezes, e com tão uteis effeitos, arrisquei, sem nenhum interesse, a vida. Mas permite Deos, que nos principes da terra se experimentem semelhantes galardões, para que só de sua grandeza e verdade se esperem os que não hão de ter fim. Quiz fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a rainha da Grão-Bretanha, minha senhora (como ainda espero), e communicar a V. M. de palavra muitos particulares que se não podem fiar de papel; e só porque os N. N. N. não imaginassem que Sua Alteza por este rodeio consentia no fim da jornada, me não concedeo, que passasse uma vez por amor de mim aquelle mesmo canal d'Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação da sua corôa. Magua é maior que toda a paciencia a consideração de que experimente estes rigores em um filho d'el-rei D. João IV, e da rainha D. Luiza

d'immortal memoria, um criado tão favorecido d'ambos, que um o nomeou por mestre, e outro por confessor do mesmo senhor. V. M., por sua clemencia, perdoe a indecencia d'estas queixas, que a dôr não tem juizo, e nenhuma é maior que a do amor offendido. Rainha e senhora minha, Deos guarde a real pessoa de V. M. como a Igreja Universal, e os vassallos e criados de V. M. havemos mister. — Roma, 21 de dezembro de 1669.

ANTONIO VIEIRA.

XX

E a guerra aquelle monstro, que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consóme, tanto menos se farta. É a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez n'um momento sórve os reinos e monarchias inteiras. É a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum que ou se não padeça ou se não tema, nem bem que seja proprio e seguro. O pai não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suór, o nobre não tem segura a immunnidade, o religioso não tem segura a sua célula, e até Deos nos templos e nos sacrarios não está seguro. Esta é a maior desconsoação que pode haver

para um povo ; mas, se a guerra é civil, sobem de ponto todos estes males, accrescendo um maior que todos, que é não haver certeza de quem são os inimigos. O sangue, a amizade, e o amor da patria, que nas outras guerras formão grossas muralhas contra os ataques dos inimigos, não tem força muitas vezes para impedir a divisão que rebenta no seio das familias ; d'onde nascem estragos irremediaveis na honra e no credito, e onde se forjão muitas vezes as cadeias com que a liberdade da patria vem por fim a ser agrilhoada.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XXI

Que descanso ou que contentamento pode haver no reino ou republica onde não ha paz? Por isso, assim como o fim do bom piloto é fazer prospera a viagem, e do medico dar saúde, e do capitão alcançar victoria; assim do bom principe é conservar a vida e descanso de seus vassallos; a qual cousa, em tempo de guerra, não pode ser. Alegre parece a guerra de fóra; mas quem a experimenta, este conhece bem os trabalhos d'uma e os bens da outra; porque assim como na doença se conhece o bem da saúde, e na tormenta do mar o bem da terra, assim não ha tempo em que melhor se julgue e entenda o da paz, que quando se carece d'ella. Se a

um homem que nunca ouvisse fallar em armas, nem tivesse alguma experiencia d'ellas, subitamente fosse mostrado o aparato de dous grandes exercitos, por mar e por terra, ordenados para se darem batalha, e visse os famosos pennachos, as armas reluzentes, a multidão dos cavallos, a ordenança da gente de pé, toda bem disposta, e prestes para pelejar; as bandeiras, os esquadrões em seu concerto; d'outra parte visse no mar muitas naos e galeões, com muita gente bem armada, cobertas de formosas bandeiras, rodeadas de pavezes, e cercadas de toda a artilheria: sem duvida quem quer que isto visse, não sabendo mais nada, não cuidou eu que receiasse de se metter entre elles, e lhe pareceria que via a mais formosa cousa do mundo. Mas se depois de travada, e muito cruamente ferida a batalha, este mesmo sentisse e visse com seus olhos o grande ruido e estrondo das armas, a grita da gente, os golpes e tiros d'artilheria, a multidão dos mortos, corpos espedaçados, ais e gemidos dos feridos, outros serem pizados dos cavallos; a confusão, o medo, e o espanto da morte presente; e assim visse no mar as naos e galeões arrombados de tiros de fogo, umas d'ellas irem-se ao fundo, outras ardêrem em fogo e chammas d'alcatrão; as ondas vermelhas com sangue, o fumo da polvora; os homens lançarem-se ao mar e afogarem-se: quem isto tudo bem visse, bem creio eu, que escolhesse antes a paz que a guerra, e que tomasse antes por partido viver em descansada e segura paz, debaixo da obediencia d'um principe justo, que não quer arris-

car-se a tamanhos perigos por uma mostra falsa, e engano d'olhos, e esperança incerta de victoria.

(BARROS, *Panegyrico d'el-rei D. João III.*)

XXII

ANECDOTAS.

O papa Adriano V era já mui velho e achacado, quando foi assumpto ao throno apostolico, e o não logrou mais que trinta e nove dias. Quando seus parentes vierão dar-lhe os parabens, respondeu : « Oxalá viesseis antes a mim cardeal são, do que papa moribundo. » E muito bem disse : Que a velhice é uma quasi morte, assim como o crepusculo vespertino é uma quasi noite. Como os montes d'aquella idade são mui altos, e o sol da vida declina para o occaso ; que muito que as sombras d'ella sejam maiores !.... Da vida toda, as fezes são as cansadas respirações d'um velho achacoso ; e quem chegou ás fezes certo que toca no fundo. Que outra cousa é ver um velho enfermo, encurvado, estremulo, senão ver um composto de vida e morte? Por isso um poeta, vendo a um d'estes forcejando por andar com o seu bordão, disse :

Porque apertas mais contigo,
E esse páo na mão te arrasta?

Ir em dous pés não te basta,
Em busca do teu jazigo?

E outro perguntado porque andarião os velhos com a cabeça baixa, olhando para o chão, respondeo-lhe graciosamente: « Buscão onde enterrar-se. » — O imperador Julio Cesar, nos principios de seu governo, portou-se com moderação e suavidade, attendendo a disposição das leis; depois não punha grande reparo em as quebrar, usando d'absoluta auctoridade ou violencia. Um senador mui ancião, por nome Considio, lhe disse livremente: « Senhor, sabei que se o Senado vos não vai á mão, é porque com o temor de vossas armas não nos ajuntâmos a determinar o que convêm. » Respondeo o Cesar: « Pois como te não obriga o mesmo temor a estar em tua casa, e calar a bocca? — Com a mûita idade (disse Considio) gastou-se-me o mêdo; porque a vida, que posso perder, é já pouca. » — Vendo o philosopho Demetrio a um mancêbo diligente e industrioso, e inimigo do ocio, disse-lhe approvando o seu espirito: « Continuai, mancêbo, e à noite da vossa vellice acharêis a ceia bem feita e a mesa posta. »

(BERNARDES, *Floresta.*)

XXIII

É a luz mais benigna que o sol, porque o sol não só allumia, mas abrasa : a luz allumia e não offende. Quereis ver a differença da luz ao sol? Olhai para o mesmo sol e para a mesma luz, de que elle nasce, a aurora. A aurora é o riso do céu, a alegria dos campos, a respiração das flôres, a harmonia dos ares, a vida e alento do mundo. Começa a sair e a crescer o sol, eis o gesto agradável do mundo, e a composição da mesma natureza toda mudada. O céu accende-se, os campos seccão-se, as flôres murchão-se, as aves emmudecem, os animaes buscão as covas, os homens as sombras. E se Deos não cortára a carreira ao sol com a entreposição da noite, fervêra e abrasára-se a terra, ardêrão as plantas, seccárão-se os rios, sumirão-se as fontes, e forão verdadeiros e não fabulosos os incendios de Faetonte. A razão natural d'esta differença é porque o sol (como dizem os philosophos) ou verdadeiramente é fogo, ou de natureza mui semelhante ao fogo; elemento terrivel, bravo, indomito, abrasador, executivo, e consumidor de tudo. Pelo contrario a luz, em sua pureza, é uma qualidade branda, suave, amiga, emfim creada para companhia e instrumento da vista, sem offensa dos olhos, que são, em toda a organização do corpo humano, a parte mais humana, mais delicada, e mais mimosa.

— A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida, é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio, que despoticamente domina sobre todos os que vivem. Não ha cousa tão difficultosa, tão ardua, tão repugnante á natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não sujeite, não por vontade, mas por força e violencia, a durissima e inviolavel lei da necessidade. A necessidade é a que leva o soldado á guerra e á escalar as muralhas, onde vendo cair uns a ferro, e voar outros a fogo, avança com tudo, e não desmaia. A necessidade é a que engolpha o marinheiro nas ondas do Oceano : ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia, que mettido dentro em quatro taboas, se atreve a pelejar não só com os ventos e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade é a que mette ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor, que as mesmas montanhas que tem sobre si caião e o sepultem, elle lhes vai cavando as raizes e sangrando as veias. Finalmente com mais ordinario e geral desprêzo das vidas e da saúde, quem faz que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o cegador as calmas do estio, nem o pastor os dentes do lobo e do urso, e em muitas partes as unhas do leão e do tigre, senão a necessidade? E posto que uns e outros tantas vezes perécem em tão conhecidos perigos, a mesma necessidade com implicação manifesta da propria conservação é a que, para sustentar a vida, os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre, e atrevido ladrão, que desd'o

primeiro passo com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé d'ella lhe perguntão quem o trouxe a tão miseravel estado, responde, com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire d'este grande poder da necessidade sobre todos, a razão é, diz o proverbio, porque todos os outros podéres são sujeitos ás leis, e só a necessidade não tem lei.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XXIV

A não e a mulher nunca se dão por bastantemente equipadas. E concorda o adagio de Terencio : « Mulheres em quanto se apercebem, em quanto se enfeitão, lá vai um anno. » Os Romanos antigamente, vendo que, por opulentos que fossem os pais e maridos, não havia panno para tão largo cortar (porque n'ellas o seu giz e tesoura é o seu appetite e teima), sairão com a lei Opia, sendo consules Q. Fabio e T. Sempronio, assim chamada de C. Opio, seu instituidor, em que mandavão moderar estes excessivos gastos. Porém tal foi a impaciencia com que as matronas reclamárão, tal o motim que levantarão ao redor do palacio dos Brutos, que d'ali a poucos annos já a pragmatica estava antiquada. No capitulo terceiro d'Isaias, está lançado um bastante aranzel ou rol d'estas galas e adereços femininos.

Porque indignado Deos de tanta vaidade e luxo, ameaça castigá-o com terriveis demonstrações; e por principio d'ellas, diz que ha de deitar abaixo as fivellas e topes do calçado, as luvas, os collares, as gargantilhas, os afogadores, os braceletes, as mitras, os pentes, e fittas que servem d'apartar, e apertar tranças, os fraldelins, os cordões d'ouro, as pomadas e frasquinhos d'aguas cheirosas; as arrecadas e chuveiros, os aneis e memorias, as jóias de pedraria preciosa pendentessobre a testa, as galas de festa, os capotillos, os volantes e velillos, as espadinhas, os espelhos, as toucas, os listões, vendas e faxas, e os mantos finos. Porém n'este rol não está a centesima parte do aparelho que pede esta grande nao para velejar, vento em poppa, nas ceruleas planicies do applauso publico. E mais é advertir que o propheta falla das mulheres que andão em seus pés; que as que andão nos alheios necessitão de muito mais enxarcia, enfrechadura, e amantillos; de muito mais flamulas e galhardetes, de muito mais grinaldas e farões, e de melhores pavezes a um e outro bordo.

XXV

Chamarão os Latinos a este ornato e adereços *mundo*; e com razão, porque de cada região do mundo é necessario que venha alguma cousa. Vejã-

mol-o mais em particular. Dos reinos do Decão, e Bisnagár, e Golconda, na India oriental, leva esta diamantes; da Bactria, Scitia e Egypto, esmeraldas; dos reinos do Pegú, e da cidade de Calecut, e da ilha de Ceylão, saphiras; do seio Persico entre Ormús e Bassora, da Sumatra ou Taprobana, da ilha Borneo, e em Europa, d'Escocia, Silezia, e Bohemia, leva pérolas; do porto de Julfar, na Persia, leva aljofar (que d'aqui se derivou este nome); da cidade de Syene, no Egypto superior, e do mar Tyrrheno, leva coraes, que se se desterrárão já dos rosários e braceletes, ainda se admittem em brinquinhos e veronicas; dos campos de Piza e dos montes Alpes, leva cristães; do mar de Suévia e de Lubeca, leva alambres, que são as fabulosas lagrimas da irmã de Faetonte, choradas solememente cada anno pela sua desgraça; dos reinos de Monomotapa e Zofala na Cafraria, e da região de S. Paulo na America, leva ouro; do Serro do Potosi nas conquistas d'el-rei catholico, leva prata; d'Alemanha, os camafcos; de Moscovia, as zebellinhas e martas, e do Palatinado, as mais aperfeiçoadas; de Helvecia, região dos Suizaros, os arminhos; do Brasil, os sanguins para manguitos e os coquilhos para contas; da cidade de Tyro em Fenicia, a purpura; da Serra d'Arrabida, a grã; de Portugal e Castella, a côr; de Veneza e Hollanda, os espelhos; de Provença e de Roma, as pomadas para fazer as mãos macias e cheirosas; de Cordova e Ungria, ao menos as receitas para as aguas odoríferas d'estes nomes; das Indias de Castella, a almeia, e oleo d'ella para as

mãos; de Tunquem, o almisce; do Maranhão e Siará, o ambre; d'Angola, de Guiné, e Cabo-Verde, a algália; das nossas Indias, o calambuco e aguila, os canequins e paninhos do coco, e os toribios; d'Africa, as pennas dos avestruzes, para os cocares de plumas; da China, os lós, os leques, e as chitas; de Grenada, os tafetás; de Flandres, as rendas; da cidade de Cambray, as teias finissimas e candidissimas que têm este nome; de Guimarães, as linhas; de Lyão de França, as primaveras; de Modaba na Persia, e de Italia, as télas; da mesma Italia, os damascos; de Florença, Genova, e Napoles, os camelotes; de França, as luvas, os signaes para o rosto, tambem os leques, uns maiores para o verão, outros mais pequenos para o lar no tempo de inverno; de Inglaterra, as meias, fittas, e reluginhos d'algibeira; d'Arabia, a gomma, que tambem serve officio n'este mundo; da Batalha, os azeviches, para dar figas aos mãos olhos.

XXVI

Que mais? É necessario que concorra tambem o mar, não só com as ostras, que se exbulhem das pérolas; senão tambem com as tartarugas, que desarmem as costas, para pentes e cofrinhos; e com as baleias, que empenhem as barbas, para sair um justilho, ou prepõe desarrugado. São necessarios de

varias partes, varios materiaes para bocetas, escriptorinhos, bahús, guardaroupas, para recolher nos camarins, e escaparates este mundo abreviado; são necessarios vidrinhos, e garrafinhas, e rodomas, e bocetas curiosas e ricamente forradas, para toda a pharmacopolia d'ingredientes liquidos, e seccos, simplices, e confeccionados, que servem d'estender o dia da formosura, quando já vem caindo maiores as sombras dos altos montes da annosidade, e de dizer na cara ao desengano, que mente. Que mais? São necessarias até as nuvens do céu, para a primeira agua de maio, que opinarão fazia o carão lustroso; são necessarios até os mortos, para as cabelleiras, se as não quizer o luxo antes tiradas das entranhas dos bichos, fazendo-as de seda... Emfim eu me acho cançado de peregrinar por este tão grande mundo. Dizei-lhe agora a Caio Opio, que chegue a bordo d'esta nao com a sua pragmatica, verá com que salva d'artilheria o recêbe; dizei ás rendas do morgado mais atlante, que sustente este mundo. A mulher prudente, sisuda, e amiga de sua casa, é comparada por Salomão á nao mercantil, porém nao que de longe traz pão; mas a mulher vã, amiga d'infeites e galas, é nao que de longe traz a fome, porque a todas as partes do mundo faz desembolços. Aquella o pão que traz é seu, porque sobre ser bem ganhado é bem conservado; esta a fome que traz é sua, e de seus filhos, e criados, e escravos; porque quanto se põe no superfluo, tanto se tira do necessario.

(BERNARDES, *Floresta.*)

XXVII

Que Jonathas se resolvesse a amar a David, quando não conhecia as paixões d'este tyranno affecto, não foi mûita fineza; mas depois de conhecer seus rigores, depois de soffrer suas semrazões, depois d'experimentar suas crueldades, depois de sentir ausencias, depois de padecer suas tyrannias, depois de chorar saúdades, depois de resistir contradicções, depois d'atropellar difficuldades, depois de vencer impossiveis, arriscando a vida, desprezando a honra, abatendo a auctoridade, revelando secretos, encubriendo verdades, desmintindo espias, entregando a alma, sujeitando a vontade, captivando o alvedrio, morando dentro em si por tormento, e vivendo em seu amigo por cuidado; sempre triste, sempre afflicto, sempre inquieto, sempre constante, apezar de seu pai, e da fortuna d'ambos, que todas estas finezas diz a Escriptura fez Jonathas por David; que depois, digo, de tão qualificadas experiencias de seu coração e de seu amor, se resolvesse segunda vez a fazer juramento de sempre amar? Isto sim, isto é amor. — O amor perfeito, e que só merece o nome d'amor, vive immortal sobre a esphera da mudança, e não chegam lá as jurisdicções do tempo; nem os annos o diminuem, nem os seculos o enfraquecem, nem as

eternidades o canção. Se o amor é verdadeiro, tem obrigação de ser eterno, porque se em algum tempo deixou de ser, nunca foi amor.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XXVIII

Múi judicioso é o apologo que se conta das cotovias, que linhão seus ninhos entre as searas. Disséra o dono do campo a seus criados, que tractassem de metter a fouce, se vissem estar os pães já sazoados. E ouvindo este recado, uma d'ellas foi pelos ares avisar as outras que mudassem de sitio, porque vinhão logo os cegadores. Porém outra mais velha as aquietou de susto, dizendo: « Deixêmo-nos estar, que de mandar elle os criados, e fazer-se a obra, vai ainda muito tempo. » D'alí a alguns dias, ouvirão que o amo se agastava com os criados, porque não tinhão feito o que lhes mandára, e que mandava sellar a egua para elle mesmo ir vêr o que convinha. « Agora sim (disse então aquella cotovia astuta), agora sim, irmãs, levantemos o vôo e mudemos a casa, que vem quem lhe doe a fazenda. » A moralidade d'esta fabula explica-se perfeitamente com o proverbio portuguez: Quem quer vai, quem não quer manda; ou por est'outro: Quem de rico quer pobre vir a ser, mette trabalhadores, e não

os vai vêr ; ou ainda por outro : Se queres ser pobre, sem o sentir, mette obreiros, deita-te a dormir.— Vendo o philosopho Demetrio a um mancêbo diligente e industrioso, e inimigo do ocio, disse-lhe approvando o seu espirito : « Continuai, mancêbo, e á noite da vossa velhice acharêis a ceia bem feita e a mesa posta. » — Persuadindo a Diogenes philosopho um seu amigo, que se não exercitasse tanto no trabalho, pois era já velho, respondeo sabiamente : « Se tu corrêras o estadio em competencia, porventura pararias ou affracarias, estando já perto da raia ou baliza? Antes apertarias mais o pé. Quanto menos nos resta de vida, tanto mais devêmos procurar seja mais honesta. » — Havendo Alexandre Magno perguntado a uns philosophos de grande nome varias questões, e ouvido com satisfação e agrado suas discretas respostas, quiz premiál-as, e lhes mandou que pedissem o que quizessem. « Pedimos (disserão elles) que nos faças immortaes) ». « Agora (replicou Alexandre) perco o bom conceito que de vossa sabedoria tinha formado; porque como posso eu dar o que não tenho? » Inferirão os philosophos : « Logo mortal es tu? — Não o nego (disse o imperador). — Pois se es mortal (tornárão elles), para que vives como immortal, conquistando o mundo, affectando sêres adorados, e seguindo teus antolhos e appetites? » — Perguntado Agesilão, rei de Lacedemonia, como podia um principe andar seguro, sem vestir-se d'armas, e sem alabardeiros e soldados da guarda, respondeo : « Se de tal sorte manda a seus

vassallos, como o faz um pai para com seus filhos. »
— O imperador Carlos Magno trazia o sinête das suas armas aberto no pomo da sua espada ; e perguntado que mysterio ou cifra continha o estar ali, respondeu : « É dizêr que, para se observarem minhas ordens e deçretos, se não bastar a auctoridade do sinête, usarei da violencia da espada. »

(BERNARDES, *Floresta.*)

XXIX

O maior trabalho que tenho, é os pastores com quem tracto, porque cada um tem uma vontade e um entendimento ; e eu me hei de servir só do meu para com todos : porêr de tal maneira uso d'elle, que me não dá successo que pode acontecer. Ao avarente não lhe peço nada, nem lhe aconselho que dê a outrem, nem lhe louvo o não dar nada a ninguem ; e assim, nem lhe minto, nem o molesto. Ao suberbo, nem me faço grande, por não ficar com elle em contenda ; nem aos outros pequenos, porque com elles se não alevante mais. Ao ingrato, ou o não sirvo, porque me não magôe, ou quando o sirvo, lembro-me que a sua má natureza não pode tirar o preço á obra, que de si é bôa. Ao fallador, calo-me ; ao calado, descubro-me com tento ; ao doudo, não lhe atalho a furia ; ao nescio, não tra-

balho por lhe dar razão; ao pobre, não lhe devo; ao rico, não lhe peço; ao vão, nem o gabo, nem o reprehendo; ao lisongeiro, não o creio. E d'este modo com todos estou bem, e nenhum me faz mal. Não digo verdades que amarguem, nem tenho amizades que me profanem; não adquiero fazendas que outros me invejem; porque n'este tempo, melhores tres cousas d'elle nascem as mais damnosas que ha no mundo: da verdade, odio; da conversação, desprezo; da prosperidade, inveja. Sou qual me vês, e qual te eu digo; não quero parecer outro nem ser mais do que parêço.

(LOBO, *O Pastor peregrino.*)

XXX

Entrando um dia a mulher de Dario na tenda de Alexandre Magno, depois de ter sujeito toda a Persia, estava junto d'elle o seu grande amigo Efestion, a quem ella fez sua humilhação, cuidando ser el-rei; e depois que soube qual era, teve com Alexandre suas desculpas do erro em que caíra, ao que respondeu estas palavras: « Não errastes em nada, que meu amigo é outro eu. » Quando os principes assim honrão os amigos, são felizes os povos, e venturosos seus Estados. — Os famosos tyrannos Falaris Agrigentino, Dionysio Syracusano, Jugurta Numidiano,

e outros mûitos d'esta sorte, que sustentârão seus reinos, não foi com virtudes que tivessem, mas foi com liberalidades que em suas tyrannias usavão com seus naturaes, não lhes tomando o seu, porque entendião que se tyrannizassem vassallos proprios, ou os não consentirião por reis, ou se lhe degradarião e ficarião sendo senhores das cidades e villas despo-voadas; porque a obrigação de bom rei é trabalhar por enriquecer vassallos, porque não ha rei de vassallos pobres que se possa chamar rico. E esta foi a causa por que o grande Alexandre mandou castigar um hortelão, porque d'um jardim seu arrancava hortaliça eervas com raizes, dando n'isto a entender que os reis não havião de destruir seus vassallos tanto, que viessem por isso a perdêr seus reinos; e que assim como o hortelão sabio não havia d'arrancar as raizes, porque por tempo tornassem a brotar; nem o pastor prudente havia de tosquiá tanto as ovelhas que as esfolasse; assim o rei sabio e prudente não havia de tyrannizar tanto seus povos e vassallos, que viessem a estancar. E entendendo isto os nossos primeiros reis de Portugal, achámos que até ao tempo d'el-rei D. Deniz, que foi o que n'isto mais se abalizou, emprestavão dinheiro a seus vassallos para tratarem, porque assim os enriquecião, e suas alfandegas engrossavão. E posto que os d'agora isto não fação, todavia querem que tambem seus vassallos tratem (negoceiem), e que se não aperte tanto com elles com costumes e imposições novas, como alguns governadores fazem; porque por derradeiro nas grandes necessidades, nunca

faltarão os verdadeiros Portuguezes, antes quanto mais aggravados, então se apura mais sua fidelidade.

(DIOGO DO COUTO, *Soldado pratico.*)

XXXI

As paixões do coração humano, como as divide e numéra Aristoteles, são onze; mas todas ellas se reduzem a duas capitães, amor e odio. E estes dous affectos cegos são os dous polos em que se revolve o mundo, por isso tão mal governado. Elles são os que pesão os merecimentos, elles os que qualificão as acções, elles os que avalião as prendas, elles os que repartem as fortunas, elles são os que enfeitão ou descompõem, elles os que fazem ou anniquilão, elles os que pintão ou despintão os objectos, dando e tirando a seu arbitrio, a côr, a figura, a medida, e ainda o mesmo ser e substancia, sem outra distincção ou juizo, que aborrecer ou amar. Se os olhos vêem amor, o corvo é branco; se com odio, o cysne é negro; se com amor, o demonio é formoso; se com odio, o anjo é feio; se com amor, o pigmeo é gigante; se com odio, o gigante é pigmeo; se com amor, o que não é tem ser; se com odio, o que tem ser, e é bem que seja, não é nem será jamais. Por isso se vêem com perpetuo clamor de justiça os indignos levan dos

e as dignidades abatidas, os talentos ociosos e as incapacidades com mando, a ignorancia graduada e a sciencia com honra; a fraqueza com bastão, e o valor posto a um canto; o vicio sobre os altares, e a virtude sem culto; os milagres acusados, e os milagrosos réos. Pode haver maior violencia da razão? Pode haver maior escandalo da natureza? Pode haver maior perdição da republica? Pois tudo isto é o que faz e disfaz a paixão dos olhos humanos: cegos quando se fechão, e cegos quando se abrem; cegos quando amão, e cegos quando aborrecem; cegos quando approvão, e cegos quando condemnão; cegos quando não vêem, e quando vêem, muito mais cegos.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XXXII

CARTA PARA O MARQUEZ DE GOUVEA, EM QUE LHE DÁ O PÉZAME
DA MORTE DO CONDE DE SOURE.

EXCELLENTISSIMO SENHOR,

Já sei chegou a V. Excellencia a triste nova que eu suppunha se tinha encuberto a V. Ex^a, como a mim se me encubrio de Lisbôa, e n'este collegio por

muitos dias. Tão publico era entre todos o muito que eu amava a pessoa do senhor conde, que está no céu, e o muito que desejava e estimava sua vida, e quanto sentimento me havia de causar a perda d'ella. Perdeo Sua Magestade um tão grande vasallo, perdeo Portugal um tão grande ministro, perdeo V. Ex^a um tão grande, tão fiel, e tão honrado amigo e parente; e eu tambem o perdi, e nas circumstancias em que el-Rei, o reino, e todos os mais, o haviamos mister. Mas pois a perda em todas as considerações é tão irreparavel, só nos fica o alivio e consolação da Fé, esperando que, assim como Deos o livrou das perseguições tão mal merecidas d'este mundo, lhe haverá dado no céu o descanso que nos assegura a christandade da sua vida, e o juizo e piedade com que a soube acabar. Assim que, Senhor, V. Ex^a vença a dôr, e as saudades com a mesma razão d'ellas, e offereçâmos por sua alma, em quanto eu lhe não vou fazer companhia, o mesmo sentimento que nos causa sua ausencia; pois é o mais custoso suffragio, com que nos podêmos mostrar lembrados e bons amigos. Já o nosso desterro tem no céu esta victima de sua innocencia; queira Deos que com ella se acabem de aplacar e desenganar os homens, e que por desconto d'esta desgraça vejâmos a V. Ex^a restituído ao descanso de sua casa, e nos lugares, que á pessoa e merecimento de V. Ex^a se devem, e Portugal para sua conservação ha mister. Console Deos, e guarde a V. Ex^a muitos annos com a vida, e felicidades que tanto de coração desejo a V. Ex^a. — Coimbra, 6 de

fevereiro de 1664. — Capellão, e menor criado de V. Ex^a.

ANTONIO VIEIRA.

XXXIII

ANECDOTAS.

Certo homem nobre e rico tinha dado a um seu filho, por varias vezes, boas quantidades de moédas, para que corresse com os gastos, e administração da casa, como mais activo que era e desoccupado. Mas elle, incurtando a mão quanto podia, foi enterrando o mais em lugar occulto. Succedeo ser necessario a este avarento fazer jornada longe. Entretanto o pai, que já presumia o mal, buscando por vestigios, veio a dar com o thesouro, e d'elle pagou logo salarios de criados, reformou moveis de casa, e repartio esmolmas, e depois enchendo os mesmos saccoes de areia, os repoz no seu lugar. Recolhendo-se da jornada o filho, foi logo fazer estação, e visita ao seu deposito, porque lá tinha o coração, mas não achando mais que areia, á primeira vista fiscou pasmado e quasi esmurecido; e depois toda a casa confundida com gritos, queixas, e desesperações. Acudio então o pai, dizendo-lhe mui flegmatico: « De que te amufinas, filho meu, ou porque te enfureces? Tens

mais que imaginar que ainda lá está o dinheiro? porque se os saccos, e o volume, e o lugar; e o pres-timo ou uso sempre é o mesmo, que mais monta ter ouro que ter areia? » — Perguntado o discreto Tho-mas Moro, cancellario d'Inglaterra, com que se pare-cia um avaro, respondeo : « Com o fogo; que quanta mais lenha se lhe lança, mais lenha pede. » Outro á mesma pergunta, respondeo : « Com o por-co, porque só aproveita morto. » E na verdade o avaro para os parentes é odioso, para os estra-nhos difficil e inaccessivel, para os vizinhos molesto, para sua propria mulher máo companheiro, na edu-cação de seus filhos misero e caíno, no trato de si proprio cruel e escaço, e todo dia e toda noite soli-cito e pensativo. Morrendo pois o avaro, todas estas operações cessão : porque uns entrão na he-rança, a outros se pagão os salarios, os acredores arrecadão, os devedores respirão, a mulher esconde o que pode, e os servos o que não podião ; o cozeiro tem tambem o seu ganho, e os da parochia a sua offerta ; e até o cadaver mais em paz fica com os bichos da sepultura, do que estava com a alma sua inclina. Finalmente um avaro não faz cousa mais acertada, em toda sua vida, do que sair-se d'ella. Logo por esta parte bem se parece com o porco.

(BERNARDES, *Floresta.*)

XXXIV

O primeiro apologo que se escreveo no mundo (que é fabula com significação verdadeira) foi aquelle que refere a sagrada Escriptura no capitulo 9 dos Juizes. Quizêrão, diz, as arvores fazer um rei que as governasse, e forão offerecer o governo á oliveira, a qual se excusou, dizendo que não queria deixar o seu oleo, com que se ungem os homens e se allumião os deoses. Ouvida a excusa, forão á figueira, e tambem a figueira não quiz acceitar, dizendo que os seus figos erão muito doces, e que não queria deixar a sua doçura. Em terceiro lugar, forão á vide, a qual disse que as suas uvas comidas erão o sabor, e bebidas a alegria do mundo, e a quem tinha tão rico patrimonio, não lhe convinha deixá-lo para se metter em governos. De sorte que assim andava o governo universal das arvores, como de porta em porta, sem haver quem o quizesse. Mas o que eu noton'estas excusas é que todas conviêrão em uma só razão, e a mesma, que era não querer cada uma deixar os seus fructos. E houve alguém que dissesse ou propozesse tal cousa a estas arvores? Houve alguém que dissesse á oliveira, que havia de deixar as suas azeitonas, nem á figueira os seus figos, nem á vide as suas uvas? Ninguem. Sómente lhe disserão e propozêrão que quizessem acceitar o governo.

Pois se isso foi só o que lhes disserão e offerecêrão, e ninguem lhes fallou em haverem de deixar os seus fructos ; porque se excusão todas com os não quererem deixar ? Porque entendêrão, sem terem entendimento, que quem acceita o governo dos outros só ha de tractar d'elles, e não de si ; e que se não deixa totalmente o interesse, a conveniencia, a utilidade, e qualquer outro genero de bem particular e proprio, não pode tractar do commum.

XXXV

Saibamos agora, e não d'outrem, senão das mesmas arvores, se este bom governo, do modo que ellas o entendêrão, se pode conseguir e exercitar com as raizes na terra? Assim as que o offerecêrão, como as que o não acceitárão, todas concordão que não. Que disserão as que offerecêrão o governo? Dissêrão a cada uma das outras : « Vinde e governai-nos. » Vinde? Logo se ellas havião de ir, havião-se de arrancar do lugar onde estavão, e deixar as suas raizes ; e cada uma das que não acceitárão, que respondeo? Respondeo que não podia ir, porque movendo-se havia de deixar as suas raizes, e sem raizes não podia dar fructo. De maneira que governar e governar bem não pode ser com as raizes na terra. Governar mal, e para destruição do bem commum,

isso sim ; e na mesma historia o temos, que ainda vai por diante. Vendo as arvores que as três a que tinham offerecido o governo o não quizerão acceitar, diz o texto, que se forão ter com o espinheiro, e lhe fizêrão a mesma offerta. E que respondeo o espinheiro? É resposta muito digna de ponderação. A proposta das arvores foi a mesma : « Vinde e governai-nos. » E elle respondeo, não só como espinheiro, senão como espinhado : « Se verdadeiramente me dais o imperio, vinde todas deitar-vos a meus pés e pôr-vos á minha sombra ; e se houver alguma que repugne, sairá tal fogo do espinheiro, que abra-se os mais altos cedros do Libano. » Não sei se reparais na differença. As arvores, que lhe offerecêrão o governo, disserão-lhe : Vem ; e elle disse-lhes : Vinde. Não sou eu o que hei de deixar as minhas raizes, senão vós as vossas. Em conclusão, que quem ha de governar bem deixa as suas raizes ; quem governa mal arranca as dos subditos, e só tracta de conservar as suas. Esta é a particular difficuldade e o grande perigo em que estão, de se não conformarem com o soberano original, que representam as imagens, que têm as raizes na terra. É necessario para se conservarem n'esta nova representação, e para governarem como devem, que se apartem de suas proprias raizes.

(VIEIRA, *Sermões*).

XXXVI

E como a cerração da noite era muito grande, e o escarceo rebentava todo em flor, não enxergou (Antonio de Faria) o baixo que estava entre o ilheo e a ponta do arrecife, e varando por cima d'elle, deo tamanha pancada, que a sobrequilha lhe rebentou logo por quatro lugares, com parte do couce da quilha de baixo. E com isto arremettendo ao mastro grande, o fêz cortar por junto dos tamboretas da segunda coberta, e em este caindo ficou o junco algum tanto quieto, aindaque a sua queda custou a vida de três marinheiros, e d'un moço nosso que ao cair os colheo debaixo, e os fêz em pedaços; e após este mandou tambem cortar todos os outros mastros de poppa e de prôa, e arrazar todos os gasalhados, de modo que tudo foi fóra até á primeira coberta: e com quanto estas cousas se fazião com grande presteza, quasi que nada nos aproveitava, por ser o tempo tamanho, o mar tão grosso, a noite tão escura, o escarceo tão alto, o chuveiro tão forte, e o impeto do vento tão incomportavel, e de refegas tão furiosas, que não havia homem que as podesse esperar com rosto direito. Neste mesmo tempo, os outros quatro juncos fizêrão tambem signal como que se perdião, a que Antonio de Faria, pondo os olhos no céo, e apertando as mãos, fez uma grande

exclamação, invocando a divina misericórdia ; após a qual dêrão todos uma tamanha grita de Senhor Deos misericórdia, que não havia homem que não pasmasse de dôr e tristeza.

(F. M. P., cap. 41.)

XXXVII

Que o que baila e dança tem parte de louco e furioso, basta vê-lo de fôra para confessá-lo. Aquelles mesmos movimentos do corpo tão varios, tão ligeiros, tão violentos, tão affectados, estão indicando que o siso está movido algum tanto do seu assento.

Ali andão livres as mãos, livres os olhos, livres vôão as palavras. Sôa muito estrondo dos pés, muito cantar desentoadado, muito alarido dos concurrentes, muito impeto dos que girão e emparelhão, levantando grande poeira ; até que chegue (como ordinariamente succede) aquella inimiga da honestidade, e socia das maldades, que é a noite. Eis aqui como se desterra o temor e o pejo, e como se estimula a luxuria, e se concêdem licenças amplas á relaxação. Aqui podêmos referir o que usava o imperador Hellogabalo, moço que toda sua vida gastou em profanidades, demazias, e ridicularias. O qual mandava ajuntar em uma sala oito anões, e oito de estatura

agigantada, e oito coxos, e oito calvos, e fazia que bailassem todos, já misturados, já divididos, turma com turma; e no mais accêso do festim, soltavalles de repente leões e ursos, que estavam escondidos em suas jaulas (gaiolas), com cuja vista sobresaltados, procurava cada um a toda a pressa pôr-se em salvo, se podia : e d'este modo se desmanchava o jogo.

(BERNARDES, *Floresta.*)

XXXVIII

Que cousa é a formosura, senão uma caveira bem vestida, a que a menor enfermidade tira a côr, e antes da morte a despir de todo, os annos lhe vão mortificando a graça d'aquella exterior e apparente superficie de tal sorte, que se os olhos podessem penetrar o interior d'ella, o não poderião ver sem horror. A formosura é um bem fragil, e quanto mais se vai chegando aos annos, tanto mais vai diminuindo, e desfazendo em si, e fazendo-se menor. Seja exemplo d'esta lastimosa fragilidade Helêna, aquella famosa e formosa Grêga, filha de Tiindaro, rei de Laconia, por cujo roubo foi destruida Troya. Durou a guerra dês annos, e ao passo que ia durando e crescendo a guerra, se ia juntamente com os annos diminuindo a causa d'ella. Era a causa a

formosa Helêna, flor emfim da terra, e cada anno cortada com o arado do tempo. Estava já tão murcha, e a mesma Helêna tão outra, que vendo-se ao espelho pelos olhos, que já não tinham a antiga viveza, lhe corrião as lagrimas, e não achando a causa por que duas vezes fôra roubada, ao mesmo espelho, e a si perguntava por ella.... As formosuras mortaes no primeiro dia agradão, no segundo enfastião : são livros, que uma vez lidos, não têm mais que ler.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XXXIX

CARTA DE PÉZAME A CERTO FIDALGO.

MEU SENHOR,

Uma das maximas que se deverião evitar entre os politicos é esta, que mais serve de renovar a dôr que de diminuir a pena; principalmente quando o sentimento, por grande e justo, parece não admitte allivio. Nem eu m'atrevo a intimál-o a V. S^a, porque conheço não pode a minha persuasão ser poderosa para desvanecer a que V. S^a, por todas as razões, deve sentir. Deos, admiravel sempre em suas disposições, guarde a V. S^a mûitos annos, e lhe dê na

mais resignada conformidade o mais justificado merecimento. — Bahia, 19 de julho de 1691. — Criado de V. S^a.

PARA O DUQUE DO CADAVAL, PELA MORTE DE SEU IRMÃO
D. THEODOSIO.

EXCELLENTISSIMO SENHOR,

Entre todos os criados de V. Ex^a, a nenhum tocou tão de perto este golpe, nem penetrou mais interiormente, que a quem só faltava esta desgraça, para não ter já no mundo que sentir, nem que temer. Eu ha muitos dias, ia dispondo o animo para ella, procurando reparál-a, se possivel fosse, com todas as forças humanas e divinas; mas a Providencia do céu, que creou para si aquella alma, não foi servida, que a lograsse mais tempo a terra, que a não merecia : esta só consolação considero a V. Ex^a em tamanha perda, em quanto o mesmo céu a não substitue com a companhia d'outra prenda, que tanto será de maior allivio a V. Ex^a, quanto mais se parecer com o senhor D. Theodosio, e este será d'aqui por diante o emprêgo de minhas orações e sacrificios, como tambem o foi antes. Em recebendo a carta de V. Ex^a, fui logo ao palacio da senhora duqueza, que já tinha lido a triste nova em carta do conde de Umanes; e bem necessario foi a S. Ex^a

todo o seu entendimento, valor e christandade, e toda a assistencia e juizo do duque, para se conformar com a vontade de Deos, e lhe offerecer este sacrificio, que em uma mão não podia ser mais sensivel. Não diminuiu nada a dôr de S. Ex^a o não ter visto ao senhor D. Theodosio, porque o via retratado nas suas cartas; sei comtudo que deseja muito em retrato seu natural, não para recordo da memoria, mas para consolação dos olhos, a quem tantas lagrimas têm custado. V. Ex^a me tem sempre a seus pés; e ainda que me falta tão grande valia, espero que V. Ex^a me tenha sempre na sua graça, e me conserve no foro que por ella alcancei de criado de V. Ex^a, a quem Deos guarde muitos annos. — Roma, 27 de agosto de 1672. — Criado de V. Ex^a.

ANTONIO VIEIRA.

XL

Os geographos, que das terras e seus sitios nos deixarão noticia, dizem que para os effeitos que acima dissemos, a natureza fabricou ao universo mundo um espinhaço de montes, cujo principal tronco é o monte Tauro. O qual, dividindo o mundo com os braços que de si lança para todas as partes, tem diversos nomes, segundo as linguagens são das gentes em que apparecem. Onde aparta as provin-

cias de Pamphilia e Cilicia da Armenia menor, que é onde mais que em outra parte alguma se levanta, é Tauro. Em uma parte da India, se chama Caucaso; em outra, Paraponisso. Os ramos que lança, uns se chamão Caspios, outros Phypheos, outros Hyperbo-reos. Em Africa é Athalante. Onde divide a Ger-mania da Italia, são Alpes; onde entra na Italia, são Apenninos; onde divide França da Hespanha, são Pyrenêos. D'estes Pyrenêos saem por toda Hes-panha mûitos braços ou ramos, que tambem tomão diversos nomes por as terras onde se descobrem. Porque em umas partes são Idubedas, em outras Orospedas, que com seus retorcidos caminhos que fazem, cercão e cortão toda Hespanha, dos quaes saem outros esgalhos, que correndo por partes de Galliza, entrão n'este reino pela villa de Chaves. Outros dividem a terra d'entre Douro e Minho, tomando um pedaço do reino de Lião, que se agora inclúe no reino de Portugal, que era parte da Galliza antiga, que chamâmos Trás-os-Montes.

XLI

Outro ramo, que procede dos montes Idubedas, se mette em Portugal, não longe da cidade da Guarda, que é o que os antigos chamárão Herminio. Ao longo d'este monte Herminio e á sua sombra,

estão muitos lugares, de que alguns são grandes e nobres, como são a cidade de Portalegre, as villas d'Arronches, Marvão, Alegrete, Covelhã. A parte do monte Herminio, que vulgarmente chamão da Estrella, é a mais alta e a mais celebre parte d'elle, e serra altissima em que continuamente ha neve; a qual, quando no verão se derrete, faz grandes e formosos pastos para muita criação d'ovelhas, que n'aquella serra e seus contornos ha, a que tambem os d'entre Tejo e Guadiana vêm pastar seus gados. E esta serra é a mãe de muitas fontes e rios, de que ao diante faremos menção. Em a parte que d'esta serra se levanta mais, ha um monte feito á maneira de méda ou pyramide, a que os da terra chamão serra do Cântaro, que tem no contorno da raiz algumas milhas, e é de notavel altura. No cume d'este monte, ha uma grande lagôa d'agua estanque, que tem de circuito muitos passos; de tal natureza, que quando ha tempestade no mar, a agua d'ella se move e embravêce como o mesmo mar, estando aquella lagôa afastada d'elle algumas léguas. Na qual dizem os da terra, que se vêem pedaços de navios: do que conjecturão que aquella agua tem alguma communicação com o mar, posto que a agua é doce e não salgada... A razão por que alguns dizem que se deo a esta serra o nome que tem, foi porque uma ponta d'ella ao longe mostra similhaça d'uma estrella.

(DUARTE N. DO L., *Descripção de Portugal.*)

XLII

Finge-se que o patriarcha Noé, ao plantar a vinha, a regou com o sangue de quatro animaes, que escolheu da arca para este effeito, a saber : bugio, leão, cochino, e cordeiro. Porque, em alguma d'estas quatro cousas, costuma dar a destemperança no beber, ou em fazer esgarres e momos, como bugio; ou em coleras e pendencias, como leão; ou em immundicias, fealdades, e somnolencias, como cochino; ou finalmente em simplicidade, devoção, e mansidão exterior, como cordeiro. E assim quando nos banquetes não houvera mais excessos que o beber, provocando-se uns a outros, já não havia poucos vicios. — Dizia um antigo sabio, fallando da ingratição e dos ingratos : « Não me admira tanto ver um homem amigo da rapina, ou iracundo, ou luxurioso, como ver a um homem ingrato; porque aquelles vicios procedem de corruptella e fragilidade da natureza humana; e este de mais a mais tem grande desformidade contra a mesma natureza. Porque amar a quem nos ama, e fazer bem a quem bem nos faz, é dictame do lume natural, que está impresso na mesma alma. » D'aqui vem que a impudencia ou descaró é companheira da ingratição; porque um e outro vicio negão os fóros da natureza, e inclinão

para tudo o que é torpe. E os Persas punião sevêramente como grave delicto a ingratiidão; fundando-se em que, se um homem é ingrato, tambem ha de ser infiel a Deos, e aos pais, e á patria : e este aborto da natureza não convinha á republica.

(BERNARDES, *Floresta.*)

XLIII

Por entre estas duas ilhas, a que os naturaes da terra, e os que navegão aquella costa, chamão as portas de Liampó, vai um canal de pouco mais de dous tiros d'espingarda de largo, com fundo de vinte até vinte cinco braças, e em partes têm angras de bom surgidouro, e ribeiras frescas d'agua dôce, que desce do cume da serra, por entre bosques d'arvoredo muito basto de cedros, carvalhos, e pinheiros mansos e bravos, de que muitos navios se provem de vergas, mastros, taboado, e outras madeiras sem lhe custarem nada. — E sendo pouco mais de duas horas ante manhã, com noite quieta, e de grande luar, se fez á vèla com toda a armada, com muitas bandeiras de telilha de prata, e estandartes do mesmo muito compridos, acompanhados de muitas barcaças de remo, em que havia muitas trombetas, charamellas, flautas, pifanos, tambores, e outros muitos instrumentos, assim portuguezes

como chins; de maneira que todas as embarcações ião com suas invenções differentes, a qual melhor. E sendo já manhã clara acalmou o vento pouco mais de meia legua do porto, a que logo acudirão vinte lanteas de remo muito bem equipadas, e dando tôa á armada, em menos d'uma hora a levãrão ao surgidouro; porêm antes que ella là chegasse vierão a bordo mais de 60 batéis com toldos, e bandeiras de seda, e alcatifas ricas, nos quaes virião mais de trezentos homens, vestidos todos de festa, com muitos collares e cadeias d'ouro, e suas espadas guarnecidas do mesmo em tiracollos, a uso d'Africa; e todas estas cousas vinhão feitas com tanto primor e perfeição, que davão muito gosto e não menos espanto a quem as via. D'esta maneira chegou Antonio de Faria ao porto, no qual estavam surtas por ordem vinte seis naos, e oitenta juncos, e outra muito maior somma de vancões, e barcaças amarradas umas ante outras, que em duas alas fazião uma rua muito comprida, enramados todos de pinho e louro, e canas verdes, com muitos arcos cobertos de ginjas, peras, limões, e laranjas, e d'outra muita verdura, e d'hervas cheirosas, de que tambem os mastros e as enxarcias estavam cobertas.

(F. M. P., cap. 68.)

XLIV

Os jogos são tão antigos como o tempo, e porque este passa e não torna, não sei se com razão, ou sem ella, se chamarão passatempos. Os primeiros jogos que inventarão os homens forão a lúta, os cestos, a clava, a lança, a pella, o troia, a que nós chamá-mos canas, o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr no estadio, o saltar os vallos, o nadar vestido d'armas, e outros semelhantes; cujo exercicio era tão util para a saúde e robusteza do corpo, como necessario para a guerra, para a agricultura, e para os outros trabalhos de que vive e se conserva o mundo. Forão inventores d'estes jogos Hercules, Pytho, Theseo, e outros heroes, de quem os tomá-rão os Gregos e Romanos. Sendo porém o principal premio dos que vencião, não o dinheiro, senão a honra e fama; e esta era tão gloriosa nos jogos, que se chamávão sagrados, que se não dava a corôa ao vencedor, senão á patria. E sendo estes jogos dos gentios tão honestos, tão racionaes, e tão sisudos, que affronta é dos Christãos, que tomassem d'elles os dados e cartas, nos quaes, como notou antes de nos conhecer Marco Tullio, nenhum lugar tem a razão e o juizo, senão a temeridade e o caso. Nestes dous jogos ou latrocinios da cubiça, o menos que se

perde é o dinheiro, posto que seja com tanto precipicio e excesso; como chora a ruina de muitas familias, em que os filhos primeiro se vêem desherdados, que orfãos, os dotes das mulheres consumidos, e as filhas, em lugar de dotadas, roubadas.... É prognostico certo, confirmado pela experiencia, que virão a não ter que comer os que frequentarem o diabolico invento do jogo.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XLV

A serra de que muito se pode dizer é a de Cintra, mui conhecida dos navegantes de todas as nações, e mui digna de se fallar n'ella por ser o ultimo lugar do mundo pela parte do occidente, como pela fresquidão e amenidade d'ella.... O cabo d'esta serra que entesta no mar, a que os navegantes chamão rocha de Cintra, chamavão os geographos antigos promontorio da Lua, e outros Olisiponense, pela vizinhança que com Lisbôa tem, de que dista cinco leguas. N'esta serra ha muitas cousas dignas de notar: a primeira, que em um pico d'ella, em uma penha e pedra viva, está edificado um mosteiro, da ordem do bemaventurado S. Jeronymo, a que, por estar situado n'aquelle lugar, chamão Nossa Senhora da Penha, cuja igreja, e as mais officinas necessarias a

um mosteiro, e hospedaria mui nobre para agasalhar os romeiros que ahi vão ter novenas ou alguma vigilia, todas estão edificadas, e lavradas ao picão em uma pedra viva, sendo durissima de pedernal. E para a claustro e jardim, onde tem arvores de espinho eervas odoríferas, se trouxe a terra de fóra para se sustentarem. A outra é a amenissima vista que d'aquelle mosteiro apparece, que todos que a vêem confissão ser a mais deleitosa do mundo; porque se descobrem d'uma parte o mar Oceano, e ao redor d'aquella serra, os mais apraziveis e espessos valles que se pode dizer, cheios d'arvores d'espinho, e por outra parte de castanheiros e cerejeiras, e de todo o genero d'arvoredos; outros de frutas que se não podem nomear, e ao mais longe, grandes campos cultivados e fertilissimos, de muito pão e creações que naquella comarca ha : o que faz parecer mais aprazivel e fresca a grande aspereza dos penedos d'aquella serrania, que são grandissimos, e despegados uns dos outros, e empinados muitos d'elles; de maneira que fazem medo a quem os vê, porque parece que estão ameaçando ruína, e que forão chovidos, ou feitos á mão e por industria humana, collocados para ornarem aquelle lugar, segundo a crespidação que mostram.

(D. N. DO LIÃO, *Descripção de Portugal.*)

XLVI

ANECDOTAS.

Costumava o sabio D. Affonso, rei d'Aragão, não negar seus favores ás pessoas que sabia muito bem que dizião mal d'elle. E estranhando-lhe alguém esta acção, por parecer frustanea e irracional, respondeo : « Aos cães deixa-se-lhes sôpa, para que não ladrem nem mordão. » — El rei D. João II de Portugal, vendo preso um homem de baixa sorte, que tinha as barbas muito crescidas, perguntou a um ministro porque estava na cadeia; e sabendo depois de varios rodeios com que lhe querião encubrir a causa, que esta era haver proferido contra sua real pessoa certa palavra atrevida e immunda; rindo-se, disse : « Pois por isso tendes ha tanto tempo prêso o homem? Soltai-o logo, e dai-lhe quatro mil réis para fazer a barba. » — Alguns estadistas, mais zelosos da fazenda que da honra do principe suggerirão a Henrique III, rei de Castella, lançasse sobre o povo certo tributo, para sustentar as guerras. Mas respondeo-lhes uma sentença digna de se gravar em porfidos e bronzes : « Não me aconselheis tal, que mais têmo as lagrimas dos pobres que as armas dos inimigos. » — Levava mal Alexandre, que seu pai

Philippe sendo já velho, ainda procurasse ter muitos filhos; porque sendo para a sua vastissima ambição curta esphera um só mundo, quão estreito lhe pareceria um só reino partido entre tantos herdeiros. Respondeo-lhe o rei : « Já que tens muitos competidores no sangue, trabalha por ser unico na virtude. » — Orando uma vez em Athenas o eloquentissimo Demosthenes sobre materias d'importancia, e advertindo que o auditorio estava pouco attento, introduzio com destreza o conto ou fabula d'um caminhante que alquilára um jumento, e para se defender no descampado da força da calma, se assentára á sombra d'elle; e o almocreve o demandára por maior paga, allegando que lhe alugára a besta, mas não a sombra d'ella. Estavão os Athenienses n'este passo mui applicados, desejando saber a sentença com que se decidira aquelle pleito; porém Demosthenes, no mesmo tempo, se desceo da cadeira, dizendo: « Oh pejo! Oh miseria grande! Folgais d'ouvir da sombra do jumento, e não folgais d'ouvir do estado e bem publico da Grecia! »

(BERNARDES, *Floresta.*)

XLVII

A ETERNA SABEDORIA REPRESENTADA N'UMA VISÃO
A FR. HENRIQUE SUSO.

A visão era esta. Passava por cima d'elle ao longe em uma columna d'uma nuvem, ia assentada em um

throno de marfim, resplandecia como a estrella d'alva, e como o sol quando está em sua força; por corôa, tinha a eternidade; por manto, bemaventurança; por pratica, suavidade; por braços para abraçar, enchentes de todo bem. Estava perto e andava longe, era soberana e humilde, estava presente e escondida; mostrava-se conversavel, e todavia não se podia travar d'ella. Era mais alta que os mais altos cumes do céu, e mais profunda que o abismo; chegava de cabo a cabo com fortaleza, e ordenava tudo com suavidade. Quando lhe parecia que estava todo enlevado na belleza d'uma formosa donzella, mostrava-se-lhe em figura d'um bellissimo mancebo; algumas vezes se lhe offercia como mestra destrissima em todas as artes, amiga, e graciosa para todos: em fim, voltando-se a elle aprazivelmente, e agasalhando-o com a bocca cheia de riso, mas não desacompanhada d'uma magestade celestial, fallou-lhe amorosamente estas palavras: « Dá-me, filho, teu coração. » Então elle derribado a seus pés com toda a humildade e entranhavel affecto, lhe rendeo as graças.

(Vida de Fr. Henrique Suso.)

É particular circumstancia e honra da verdade ser sempre uniforme, e uma mesma sem variedade nem alteração. Pode estar escondida, enterrada, ou esquecida; mas differente de si, ou contradida consigo nunca o pode ser: porque pelo mesmo caso não

fôra verdade. — A verdade é desabrida e sempre amarga; na prospera fortuna, quando se não teme damno, gêra odio; na adversidade quando se vê o mal ao olho, ainda magôa. — Ganhão os soldados a victoria, conquistão o reino, muita honra é de cada um; mas toda junta, e a de cada soldado se refere ao capitão. Porque ainda que muitas mãos fazem muito, uma cabeça que as meneia todas é a que acaba tudo. — Os trabalhos da fome e sede, de perigos da terra e medos do mar, são um genero de morte vagarosa, e martyrio prolongado, que muitas vezes mata com dobrada pena. — Quando a vida humana pela demasiada idade torna à fraqueza da infancia, quando a lingua enfastiada não sente já sabor nem gosto, os dentes ou são caídos ou nadão na bocca, o estomago não digere, e emfim tudo é trabalho e dôr; ninguem pode culpar que seja alliviado dos pêsos communs quem desd'a mocidade aturou o jugo com constancia. — Só em nossos costumes ha froxidões e descuidos, não está a culpa nos defeitos das leis, senão no defeito da execução d'ellas; porque leis sem execução não são mais que umas pennadas de tinta, umas letras ou figuras pintadas. — São os escriptos um verdadeiro retrato de seus auctores.

(LUIZ DE SOUZA, *Historia de S. Domingos.*)

XLVIII

Variamente pintarão os antigos a que elles chamarão *Fortuna*. Uns lhe pozêrão na mão o mundo, outros uma *cornucopia*, outros um *lême*; uns a formárão d'ouro, outros de vidro, e todos a fizêrão cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em mûitas cousas, errárão como gentios; em outras, acertárão como experimentados e prudentes. Errárão no nome de *fortuna*, que significa caso ou fado; errárão na cegueira dos olhos, errárão nas insignias e podêres das mãos; porque o governo do mundo, significado no *lême*, e a distribuição de todas as cousas, significadas na *cornucopia*, pertence sómente á *Providencia divina*, a qual não cegamente, ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que, para os fins da mesma *Providencia*, com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertárão porêem os mesmos gentios na figura que lhe dêrão de mulher, pela inconstancia; nas azas dos pés, pela velocidade com que se muda, e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e mûito menos no prospero, teve jamais firmeza. Dos que a fizêrão d'ouro, diremos depois o que agora sómente me pa-

rece dizer, é que os que a fingirão de vidro pela fragilidade, fingirão e encarecêrão pouco; porque ainda que a formassem de bronze, nunca lhe podião segurar a inconstancia da roda. Sesostris, rei do Egypto, depois de vencer outros quatro reis vizinhos, se desvaneceu a tanta suberba, que em lugar d'outros tantos cavallo, mandou que os quatro reis vencidos tirassem pela sua carroça. Assim se fêz. Em um dia porêem de grande celebridade, advertio que um dos reis vencidos de tal maneira caminhava ao compasso dos outros, que ó rosto e os olhos sempre os levava voltados e postos no rodar da mesma carroça. E como Sesostris lhe perguntasse com que pensamento o fazia, respondeo : « Levo sempre postos os olhos n'esta roda, porque vejo n'ella que assim como esta parte, que agora está em baixo, esteve já em cima, assim a que está em cima, com meia volta só torna a estar em baixo. » Entendeo o mysterio o rei victorioso e suberbo, e mandou logo tirar do jugo aos vencidos.

(VIEIRA, *Sermões.*)

XLIX

No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam em tréguas, desejava aquelle que se offerecesse occasião para as romper, e um dia que ambos se achárão na

margem d'um regato indo beber, disse o lobo mui encolerizado contra o cordeiro : « Porque me turvais a agua que vou a bebêr ? » Respondeo elle mansamente : « Senhor fulano lobo, como posso eu turvar a vossa mercê a fonte, se ella corre de cima, e eu estou cá mais abaixo ? » Reconheceo o adversario a clareza da solução do seu argumentõ ; por êm, variando de meio, instou dizendo : « Pois se a não turvastes agora, a turvastes o anno passado. » Satisfez o cordeiro, dizendo : « Como podia eu commetter esse crime haverá um anno, se eu não tenho ainda de idade mais que seis mêzes ! » Então o lobo enfadado, tanto mais quanto mais convencido, disse : « Pois se não fostes vós, foi carneiro vosso pai. » E investindo ao pobrezinho, o levou nos dentes. Assim fazem os impios e maliciosos, a quem não ha innocencia que satisfaça, nem desculpa que contente.

(BERNARDES, *Floresta*)

FABULA DO PARDAL E OS CANARIOS.

Um pardal, que entre os pardâes
 Por grão musico passava,
 Que em cheminé ferrugenta
 Continuamente chiava ;
 Em louvores enfunado,
 De mór fama cubiçoso,
 N'um viveiro de canarios
 Entrou ledo e presumçoso.
 Sacudindo as suas pennas,
 Terinou famosa chiada,

Que os canarios applaudirão
Com solemne pateada.

Ao som do funebre encomio,

O altivo pardal gritou :

« Qu'insolencia! a mim taes vivas!

A tal cantor como eu sou!

— Seja embora (lhe respondem)

Quanto inculca, e muito mais;

Mas olhe, senhor pardal,

Qu'isso é lá entre os pardáes. »

J.-V. PIMENTEL MALDONADO.

L

Nos tribunaes ou publicos ou particulares, onde a inveja preside, as virtudes são vicios, os merecimentos são culpas, as obras ou boas qualidades são crimes... Considero eu que ha mandamentos da lei da inveja, assim como ha mandamentos da lei de Deos. Os da lei de Deos dizem : Não matarás, não furtarás, não levantarás falso testemunho. Os da lei da inveja dizem : Não serás honrado, não serás rico, não serás valente, não serás sabio, não serás bem disposto. E se acaso Deos vos fez mercê, que soubesseis pôr os pés por uma rua, que soubesseis apertar na mão uma espada, que fosseis discreto, generoso, ou rico, ou honrado, no mesmo ponto tivestes culpas no tribunal da inveja, porque peccastes contra os seus mandamentos. — A mentira é filha primogenita do ocio. Vede como se forma den-

tro em vós mesmos este monstruoso parto. Quem está ocioso não tem mais que fazer, que pôr-se a imaginar : da ociosidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita, e da suspeita a mentira. Quem trabalha tracta da sua vida, quem está ocioso tracta das alheias. Quem trabalha, como cuida no que faz, falla verdade ; porque diz as cousas como são. O ocioso, como não tem que fazer, mente ; porque diz o que imagina. — O diadema antigo, insignia dos reis e imperadores, era uma faixa atada na cabeça. E dizia Seleuco, rei da Asia, que se os homens soubessem quão pesada era aquella tira de panno, e quão cheia d'espinhos por dentro, nenhum haveria que a levantasse do chão para a pôr na cabeça. El-rei Antigonu, vendo que seu filho se ensubercia, lhe disse : « Não sabes, filho, que o nosso reino e o reinar não é outra cousa que um captiveiro honrado. Os reis são senhores de todos, mas são tambem captivos de todos. A todos mandão como reis, e de todos são julgados como réos. » — Querendo David oppôr-se ao poder de Absalão, tractou sobretudo de lhe metter um confidente no seu conselho ; porque entendeu que maior guerra fazia a Absalão com um homem que lhe rompesse os seus segredos, que muitos mil homens que lhe rompessem os seus exercitos. — Um exercito roto pode-se refazer, mas um segredo roto não se pode remediar ; um exercito roto pode-se refazer com soldados, um segredo roto não se pode soldar com exercitos.

(VIEIRA, *Sermões.*)

LI

Nasce o rio Têjo na provincia Tarragonence, nas serras de Molina, não longe da cidade de Cuença, que ainda está dentro do reino de Castella, e segundo outros ainda mais adiante, junto á villa do Albarazim, que é já no reino d'Aragão, d'onde correndo 120 leguas se vem metter no mar Oceano, junto da grande cidade de Lisbôa. Na entrada de Portugal, onde já vem rico d'outros mûitos e grandes rios, a que despojou das aguas e dos nomes, passa regando as villas d'Abrantes, Punhête, Tancos; e vindo á notavel villa de Santarem, ahi a deixa rica não sómente das areias d'ouro tão cantadas da antiguidade, mas com as inundações de cada anno, e com os natteiros que d'ellas ficão, que causão a admiravel fertilidade n'aquelles campos e lezirias que abaixo vão, as quaes se podem comparar á das terras do Egypto quando o Nilo as bem rega, assim no mûito pão, e outros legumes que n'aquelles campos se colhem (pelo mûito que as sementes nelles se multiplicão), como pela brevidade com que se o pão semeado vem á fouce. Porque desd'o dia que se semeia, a cincoenta dias se colhe; e colhido o trigo se semeia o milho, que com pouca cultura nasce, e se madura logo; além da criação de todo genero de

gado e cavallos, que aquelles campos e lezirias produzem. Passando duas leguas abaixo de Santarem, vem a agua do mar a receber este rio, e vai alargando mais. E d'ahi vai povoado de muitos lugares frescos, de muitos arvoredos, e de muy bons edificios, que fazem uma representação do paraiso terreal, até chegar a Lisbôa, onde se faz o maior e o mais formoso porto de todo o descuberto, assim pela segura estação das naus, como formosissima vista que de si dá á grande cidade de Lisbôa, d'uma parte e d'outra fronteira aos lugares de Ribatéjo á borda do rio.

(D. N. DO LEÃO, *Descripção de Portugal.*)

LII

Entrados nós d'estas portas para dentro, passamos pelo meio d'um grande jardim fabricado com tão estranhas e varias maneiras de cousas, apraziveis aos olhos, que faltão palavras para o encarecer; porque havia n'elle muitas ruas fechadas com grades de prata, e muitas arvores de cheiros estranhos, das quaes nos disserão que erão, por natureza, tão accommodadas ás luas do anno, que todo o tempo têm flor e fruta; e afôra isto tanta variedade de rosas, e d'outras muitas flores e boninas, que o melhor d'isto entendo que é dissimulal-o; pois se não

pode dizer o que passa na verdade. Pelo meio d'este jardim, andavão muitas mulheres moças, muito formosas e muito bem vestidas, recreando-se em muitos passatempos, assim de bailes e danças muito concertadas, como de musicas de muita variedade de instrumentos suaves quasi ao nosso modo, os quaes tangião com tanto concerto, e tão suave harmonia, que não havia ninguem que não tivesse muito gosto de lhe inclinar as orelhas; outras estavam assentadas lavrando, e fazendo debuxos e cordões d'ouro; outras jogando, e outras colhendo frutas para comer: e tudo isto com tanto primor e concerto, e com uma quietação tão honesta, grave, e severa, que nós iammos como pasmados.

(F. M. PINTO, cap. 163.)

LIII

ANECDOTAS PORTUGUEZAS.

Edificando o grande Affonzo d'Albuquerque uma fortaleza em Ormuz, Coje Atar, que governava em lugar d'el-rei Ceyfadim, e que n'isso tinha consentido mais por medo que por vontade, fazendo-se justamente tributario a el-rei de Portugal em deza-sete mil cherafins (*) cada anno, usou d'esta as-

* Moéda arabica que vale 300 r., pouco mais ou menos.

tucia para divertir a obra e isentar-se do tributo. Fingio sêrem vindos os embaixadores d'el-rei de Persia, a cobrar o tributo que costumava pagar-lhe ; e enviou a dizer ao Albuquerque que respondesse elle, visto que Órmuz se achava debaixo da vassallagem d'el-rei de Portugal. Suspeitou o Albuquerque o dolo, e disse que lhe remetteste os ditos embaixadores, ou quaesquer outras pessoas em seu nome, para levar a resposta. Mandou Coge as que lhe pareceo por sustentar o estratagema, e elle lhes encheo as mãos de balas, dardos, ferros de lanças, e farpões de settas ; e lhes disse : « Bem podeis assegurar lá, como n'êsta moêda pagarêmos o tributo, se quiserem vir cobrá-lo. » — Estando D. João de Castro governador da India, de partida para aquelle Estado, este memoravel heróe, ao passar por uma rua de Lisbôa, vio á porta d'um alfaiate um gibão riquissimo. Pedio que lh'o mostrassem, perguntou cujo era ; respondeo o official que era d'um filho de Sua Senhoria, que se embarcava para a India. Como isto ouvio o fidalgo, pegou da tesoura que ali estava, e fez o gibão em tiras, e disse : « Dizei a meu filho que compre armas e mais armas ; que estas são para homens, e isso é só para mulheres. » Estes dous heróes, pela sua fortaleza e mais virtudes, são duas animadas estatuas que enobrecem o templo da Fama ; de quem o portuguez Homero cantou :

Albuquerque terribil, Castro forte,
E outros em quem poder não teve a morte.

(BERNARDES, *Floresta.*)

7.

LIV

O CYSNE E OS DOUS GANSOS.

N'um grande lago andando
 Mui alvo cysne airoso,
 As aguas retalhando,
 Sereno e magestoso
 Se via divagar.

D'aquelle espaço ingente
 Despotico senhor,
 Na estiva quadra ardente
 Sem tedio, sem calor,
 Só ia ali passar.

Dous gansos apressados
 Do lago á borda chegão,
 E tristes e encalmados,
 Taes supplicas emprégão,
 Tentando n'elle entrar.

Assim um d'elles falla :
 « O' cysne! ó grão cantor
 A quem nenhum iguala,
 Ao teu admirador
 Permite aqui nadar. »

Proségue o socio então :
 « Bom cysne, eu sei t'agrada
 A paz, a solidão;
 Um poucachinho, um nada
 Me deixa refrescar. »

Escuta o cysne attento
 Taes gabos, rogos taes,
 E a voz soltando isento
 Responde : « E quem jamais
 O cysne ouviu cantar?

Mentiste, e vão e arteiro
O teu dever esqueces!
Ah! foge, oh lisongeiro!
E tu que me conheces,
Me vem acompanhar. »
Captiva o coração
Um candido louvor;
A tórpe adulação
Ao sabio causa horror,
Em vez de lh'agradar.

J.-V. PIMENTEL MALDONADO.

LV

No principio do mundo, como gravemente pondera Seneca, porque não havia guerras? Porque usavam os homens da terra como do céu? O sol, a lua, as estrellas, e o uso da sua luz é commum a todos, e assim era a terra no principio. Porém, depois que a terra se dividio em differentes senhores, logo houve guerras e batalhas, e se acabou a paz, porque houve meu e teu. Que direi dos meios e dos remedios, das industrias, das artes e instrumentos, que os homens tem inventado, para que cada um podesse possuir e lograr o seu segura e quietamente, mas sem proveito? Para guardar a casa, inventarão as portas e as fechaduras; mas, pela mesma abertura por onde entra a chave, deixa tambem aberta a entrada para a gazua. Para signalar os limites de

cada um, inventarão os marcos, e para guardar a viuha e o pomar, inventarão os vallados, as silvas, as sebes, e as parêdes de pedra ligada ou solta; mas tudo isto se rompe e se escala. Para guardar as cidades, inventarão os muros, os fossos, as torres, os baluartes, as fortalezas, os presidios, a artilheria, a polvora; mas não ha cidade tão forte, que por bataria ou por assalto, ou minada por baixo da terra ou pelo ar, se não expugne e renda.

LVI

Para guardar os reinos e os imperios, inventarão as armadas por mar e os exercitos por terra, tantos mil soldados a pé, tantos mil a cavallo, com tanta ordem e disciplina, com tanta variedade d'armas, com tantos artificios e machinas bellicas; mas nenhum d'estes apparatus tão estrondosos e formidaveis tem bastado, nem para que os Assyrios guardassem o seu imperio dos Persas, nem os Persas o seu dos Gregos, nem os Gregos o seu dos Romanos, nem os Romanos finalmente o seu d'aquelles a quem o tinham tomado, tornando a ser vencidos dos mesmos que tinham vencido e dominado. Mais inventarão e fizêrão os homens a este mesmo fim de conservar cada um o seu: inventarão e firmarão leis, levantarão tribunaes, constituirão magistrados, dê-

rão varas ás chamadas justiças, com tanta multidão de ministros maiores e menores, e foi com effeito tão contrario, que em vez de desterrarem os ladrões, os mettêrão de portas a dentro, e em vez de os extinguirem, os multiplicárão, e os que furtavão com medo e com rebuço furtão debaixo de provisões e com immuniidade. O solicitador com a diligencia, o escrivão com a penna, a testemunha com o juramento, o advogado com a allegação, o julgador com a sentença, e até o belleguim com a chuça. Todos forão ordenados para conservarem a cada um no seu, e todos por differentes modos vivem do alheio.

(VIEIRA, *Sermões.*)

LVII

Além das producções de Portugal ha muitas outras que, não sendo d'este reino naturaes, se têm por suas proprias; porque os Portuguezes as adquirem por sua industria e navegações, e as mandão as outras gentes da Europa buscar a Portugal. Estas são as especiarias de pimenta, cravo, canella, gengibre, massas, nóz-moscada, cardamomo, malagueta, galanga, e os muitos generos de riquissima pedraria de diamantes, rubins, esmeraldas, saphyras, amethystas, balaxes, jacinthos, topazios, chrysolitos, opalos ou girasões, olhos de gato, torquezas, sardónicas, cornelinas, aga-

thas, camafêos, jaspes, pedras bazares, laquecas, e outras mûitas de diversas côres e propriedades, a que nem os escriptores gregos nem latinos dêrão nome. Do mesmo Oriente vêm a Portugal as riquissimas perolas orientaes, pescadas em diversos mares, que são as mais celebradas e preciosas de todas; e a grande variedade de cheiros de ambar, almiscar, bejoim, algalea, estoraque, incenso, camphora, spica-nardi, excellente madeira odorifera de sandalos de varias côres, páo d'aguila e calambuco, e outra de cedro, ebano, mangue, lenho aloe, brazil, e páo de ferro; sáem tambem de Portugal as alcatifas da Persia, e as colchas lavradas de admiravel obra de bengala e de canequim. Do mesmo reino, sáem mûitos açucares de diversas partes, e as frutas de mirabolanos, tamarindos, ananazes, e côcos, as mûitas maneiras de preciosas conservas, das quaes as mais perfectas de todas do universo são as da ilha da Madeira. D'aqui mesmo se levão as riquissimas teias de seda de differentes côres e feições da China, e os mais excellentes pannos de bengalas, canequins, cassas, bofetas, e d'outros infindos nomes. D'este mesmo reino, se levão as baixellas de porcelanas da China, que são os vasos da mais formosa vista de quantos os homens inventarão; de que as que são legitimas são mûito mais apraziveis á vista que todos os vasos de prata, ou ouro, ou vidro cristallino. D'aqui sáem as tinturas de lacca, pastel, anil, e outras mûitas côres; d'aqui os ricos leitos, catres, mêsas, cadeiras, e escriptorios dourados da mesma China, e os ricos cobertores de sedas bordados subtilissimamente d'ouro e prata,

d'espantoso lavor, e quantas delicias se podem imaginar ; e outras mûitas cousas que seria impossivel numerál-as.

(D. N. DO LEÃO, *Descripção de Portugal.*)

LVIII

ANECDOTAS.

Sonhou certo homem que via um ovo atado na ponta do seu cobertor. Consultou a um agoureiro, o qual lhe disse por interpretação que n'aquelle lugar onde dormia, estava escondido dinheiro. Cavou o homem, e achou ouro e prata. D'esta deo por premio ao adivinhador uma pouca parte, o qual accetando-a meio alegre, meio triste, disse alludindo ao ouro : « E da gemma não ha nada ? » — Andando el-rei Dom Affonso d'Aragão em campanha com seu exercito, lhe foi necessario uma noite ficar sem barraca, ao céu sereno. E trazendo-lhe João Ezernitano por grande ventura um rabão e pão, e metade d'um queijinho, não quiz provar bocado, dizendo : « Amarga mûito comer o general, e jejuar o exercito. » — Perguntado um dia o philosopho Aristippo, que cousa era a mais admiravel entre os mortaes, respondeo : « Um homem virtuoso entre mûitos estragados. » = Vendo Diogenes philosopho

um moço galhardo, mas de ruíns costumes, disse : « As casas são formosas, mas o morador infame. » — Vendo o celebre pintor Apelles, que um de seus, discipulos havia pintado a celebrada Helêna com pouco primor, quanto à formosura, e com muito ornato, quanto á riqueza, disse-lhe : « Mancêbo, sabeis vós porque a pintastes tão rica ? Porque a não soubestes pintar formosa. » — Crêso, rei de Lydia, havendo-se vestido com todos os adornos e galas que lhe pedia sua vaidade e lhe facilitava a sua opulencia, subio ao throno, e disse para o sabio Solon : « Vistes jamais espectaculo tão formoso ? » Respondeo o sabio : « Vi, e muito maior ; os gallos, as aráras, e os pavões. » — Na China ouvindo certo mandarim propôr a um Padre missionario os mandamentos da lei de Deos, disse em presença de muitos senhores : « Sem dúvida esta lei é divina, porque se algum rei particular a fizêra, servira só para o seu reino ; logo, servindo para todo o mundo, quem a fêz é o senhor de mundo. »

(BERNARDES, *Floresta.*)

LIX

FABULA DO BUFO.

Prudente bufo sombrio
 Com tristes guinchos pausados
 Grande nome conseguiu ;
 Seus agouros venerados,

Qual a voz dos numes, v.ô,
E folgou na solidão.

Feliz se o lume enganoso
Da vangloria o não cegasse!
Se do applauso insidioso
O coração resguardasse!
E não quizesse orgulhoso
Mais alta veneração!

Lá sai um dia neffando
Do soturno pardieiro
Quão desenvolto guinchando!
O sol, no seu brilho inteiro,
Montes, valles abarcando,
Tirava toda a illusão.

Notou-se a triste figura
Do fatidico impostor,
A risivel catadura,
O hypocrita exterior,
Tudo emfim que a noite escura
Escondia com razão.

Maldizem quantos o vêem
O respeito que lhe houverão;
Tamanha vergonha têm,
De tal modo se exaspêrão,
Que se julgou um ninguem
Do campo aério o Catão.

Quem modesto se retira,
E ao louvor mostra esquivar-se,
Nos penhora, nos admira;
Quem o busca sem disfarce
Desagrada, enojo inspira,
Até mesmo indignação.

(J.-V. PIMENTEL MALDONADO.)

LX

No palacio d'el-rei Dario, em quanto elle dormia, três guardas móres da pessoa real, que lhe vigiavam o somno, philosophando ao que parece sobre o socego, com que descansava aquelle grande monarcha, sem o desvelar o governo de cento e dezoito reinos de que era senhor, excitáráo entre si aquella famosa questão, que refere Esdras : Qual fosse a mais poderosa cousa do mundo? Despertou o rei, e lendo a questão, que os mesmos auctores d'ella lhe tinham posto escripta debaixo dos travessêiros, prometteo grandes premios a quem melhor a resolvesse. Um disse que a mais poderosa cousa do mundo é o rei, porque os reis podem quanto querem, e ainda que queirão o que não podem, ninguem ha que lhes resista; tudo executão e conseguem. Outro disse que mais poderoso é o vinho, porque á força saborosa d'este liquor se rendem muitas cabeças coroadas; e o podéra provar com a de Noé, da qual fiou Deos o governo e restauração do mundo, e não arreando na maior tempestade que foi a do diluvio, o vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, disse que mais poderosa é a mulher, e o provou com um notavel exemplo de certa mulher chamada Apemen, bastando o primeiro de todos, que foi o de Eva. Mas não contente com esta resolu-

ção, em que manifestamente venceu as dos compañeros, accrescentou e concluiu que a mais poderosa cousa do mundo é a verdade. Esta ultima sentença approuvou o rei, e esta foi applaudida de todos com publicas acclamações.

(VIEIRA, *Sermões.*)

LXI

Como a boia sobe sobre as ondas, porque nos póros tem encerradas partes do ar, cuja esphera é superior ; assim a verdade sempre sai acima das contradicções, porque a sua esphera é o céu. Ponho aqui umas trovas em louvor da verdade. Perdõe-se o que a musa não tem de florigera, pelo que tem de fructuosa.

Qual é aquella formosura,
Que vestir-se não procura
Por maior honestidade?

A verdade.

Que cousa ha no mundo tal
Tão sincera, e rara, e igual,
Que a Deos e aos homens agrade?

A verdade.

Que aprende o sabio? Que encobre
O péito traidor? E ao nobre
Que o rende tão por vontade?

A verdade.

ORNAMENTOS

Quem fez amavel, e grato
Inda aos barbaros o trato
Da humana sociedade?

A verdade.

Que receia o delinquente,
Se o seu crime não é patente
A luz da publicidade?

A verdade.

Quem da opprimida innocencia
Com dó, ou com violencia,
Haverá que se apiade?

A verdade.

Qual é o garrote duro
Do hypocrita, do perjuro,
Da traição, da impiedade?

A verdade.

Combatidos da tormenta
Que ancora forte sustenta
Os corações com igualdade?

A verdade.

E que alma tem a historia,
Que a faz nas azas da gloria,
D'idade passar em idade?

A verdade.

Ede que ouro se lavra
Tão fino a real palavra,
Que prova n'adversidade?

A verdade.

Ambas as tabuas da Lei
Que eu mal cumpro, e bem a sei,
Que cifrao com brevidade?

A verdade?

E quem dá no empireo a tantos
Milhões de milhões de santos
Eterna saciedade?

A verdade.

Oh visão admiravel! nunca eu cance
De andar no teu alcance
Por graça e liberdade,
Adorando-te em espirito e verdade.

(BERNARDES, *Floresta.*)

LXII

CARTA AO PRINCIPE D. THEODOSIO.

SENHOR,

Meu principe e meu senhor da minha alma. Pelos avisos que vão a S. Magestade entenderá V. A. com que coração escrevo esta, e muito mais com que raiva, e com que impaciencia, vendo-me prêso, e atado para não podêr em tal occasião ir-me deitar aos pés de V. A. e achar-me a seu lado em todo o perigo. Mas eu romperei as cadeias quanto mais de pressa me for possivel, e partirei voando, senão a

fazer companhia nos trabalhos do principio, ao menos a t er parte nas glorias e alegria do fim ; que estes s o os passos por onde se h o d'encaminhar os successos e felicidades d'este fatal anno, ou seja a guerra s o em terra, ou s o no mar, ou justamente em ambas as partes : porque o meu roteiro n o especifica o genero, nem as particularidades d'ella, empregado todo em referir, admirar, e celebrar as victorias. Ah! Senhor! que falta pode s er que fa a a V. A. n'esta occasi o este fidelissimo criado, e qu o poucos considero a V. A. com a resolu o e valor, e experiencia que   necessaria para sab er aconselhar a V. A. o que mais lhe conv em em t o apertados casos! Mas j  que na presen a n o posso, aconselhe a V. A. a minha alma, que toda mando a V. A. n'este papel, e com toda ella lhe digo, que tanto que chegar esta nova, V. A. logo sem esperar outro preceito, se ponha de curto o mais bizarro que poder s er, e se s aia a cavallo por Lisb a, sem mais apparato, nem companhia, que a que voluntariamente seguir a V. A., mostrando-se no semblante m uito alegre e m uito desassustado, e chegando a ver e reconhecer com os olhos todas as partes em que se trabalhar, informando-se dos designios, e mandando e ordenando o que melhor a V. A. parecer, que sempre ser  o mais acertado ; mandando repartir algum dinheiro entre os soldados e trabalhadores, e se V. A. por sua m o o fizesse levando para isso quantidade de dobr es, este seria o meu voto; e que V. A. se humane conhecendo os homens, e chamando-os por seu nome e

fallando não só aos grandes e medianos, senão ainda aos mais ordinarios ; porque d'esta maneira se conquistão e se conformão os corações dos vassallos, os quaes se V. A. tiver da sua parte, nenhum poder de fóra será bastante a entrar em Portugal, sendo pelo contrario muito facil ainda qualquer outra maior empreza a quem tivesse o dominio dos corações. S. M. tem n'esta parte uma vantagem muito conhecida, que é estar de posse e podêr dar, quando Castella só pode prometter. Como ha poucos Antonios Vieiras, ha tambem poucos que amêm só por amar, e S. M. não deve esperar finezas, senão contentar-se muito de que se queirão vender aquelles que lhe for necessario comprar. A polvora, as balas, os canhões, são comprados, e bem se vê o impeto com que servem, e o estrago que fazem aos inimigos ; e mais natural é em muitos homens o interesse que n'estes instrumentos a mesma natureza. Os que menos satisfeitos estiverem de S. M. esses chegue V. A. mais a si, que importará pouco que no affecto se dividão as vontades, com tanto que no effeito S. M. e V. A. as achem obedientes e unidas. Faça-se V. A. amar, e n'esta só palavra, digo a V. A. mais do que podêra em largos discursos. Considere V. A., Senhor, que esta é a primeira acção em que V. A. ha de adquirir nome ou de mais ou de menos grande principe. A idade, o engenho, as obrigações, tudo está empenhando a V. A. a obrar conforme seu real sangue, e mostrar ao mundo que é V. A. herdeiro de seus famosissimos primogenitores, não só no sceptro, mas muito mais no valor.

Toda a Europa, cujos ouvidos estão cheios de louvores de V. A., está com os olhos n'esta occasião, que é a primeira em que V. A. sai a representar no theatro do mundo, e na qual o nome que V. A. ganhar com as suas acções será o por que será avaliado e estimado para sempre. Não aconselho a V. A. temeridades, mas tenha Portugal e o mundo conceito de V. A. que antes despreza os perigos que os teme. O que tocar á segurança da pessoa de V. A. deixe V. A. sempre ao amor e zelo dos seus vassallos ; mas não accetando n'esta parte conselho, que de muito longe possa tocar ao decoro. A vida está só na mão de Deos, e esta é a occasião em que servem as philosophias que tantas vezes ouvi a V. A. do desprezo d'ella. Da mesma criação de V. A. saõ Achilles a ser terror de Troya e fama da Grecia, e esta mesma desconfiança (a qual inculco a V. A.) o fez mais Achilles. Eia, meu principe, despida-se V. A. dos livros, que é chegado o tempo de ensinar aos Portuguezes e ao mundo o que V. A. nelles tem estudado. Armas, guerra, victorias, pôr bandeiras inimigas e corôas aos pés, são d'hoje por diante as obrigações de V. A., e estas as minhas esperanças. Oh ! como as estou já vendo não só desempenhadas, mas gloriosamente excedidas ! A graça do Espirito Santo, que é espirito de fortaleza, assista sempre no coração de V. A., cuja muito alta e muito poderosa pessoa guarde Deos como a Igreja, e os vassallos de V. A. havemos mister. — Roma, 23 de maio de 1650.

ANTONIO VIEIRA.

XLIII

ANECDOTAS PORTUGUEZAS.

Mandára o famoso capitão Affonso d'Albuquerque prêsos da India para Lisbôa a dous cavalleiros portuguezes, que por culpas suas o merecião ; e não tardou muito que do reino os tornárão a enviar bem despachados, um por capitão de Cochim, e outro por secretario. Quando esta noticia chegou ao Albuquerque, disse com grande sentimento : « Eis aqui fico mal com el-Rei por amor dos homens, e mal com os homens por amor d'el-Rei : velho, acolhe-te á Igreja, e acaba já de morrer, pois importa á tua hora que morras ; e nunca tu deixaste de fazer o que importou á tua honra. » — D. João Tello de Menezes, um dos cinco governadores d'este reino, que ficárão nomeados por morte do cardeal-rei D. Henrique, nunca deo mostras de poder-se romper com alguma dadiva ou esperança preciosa, de que havia muitas firmas em branco d'el-rei D. Philippe o Prudente ; pelo que o duque d'Ossuna avisou ao dito rei, dizendo entre outras razões : « A D. João Tello, ou cortar-lhe a cabeça, ou trazêl o sobre a cabeça. » — El-rei D. João I de Castella, quando ouvia admirações de que com tanta e tão luzida gente fosse derrotado por tão poucos Portu-

guezes na batalha d'Aljubarrôta, dizia : « Pois eu me não admiro, porque tenho por impossivel que forças algumas bastassem para alcançar victoria d'um pai com seis ou sete mil filhos ao seu lado. » — Martim de Vargas, varão esforçado e prudente, era capitão d'uma fortaleza d'Africa quando Barba-Roxa infestava aquellas costas. Expugnou-a o barbaro, parte por força, parte por dólo d'um pessimo Christão, que avisou da necessidade que dentro se padecia. Levado Martim de Vargas á presença do Turco, este o recebeu com benigno agasalho, e prometteo grandes mercês, se outorgasse certa cousa que lhe pediria. Disse o Vargas que sim, com tal condição, que dêsse primeiro áquelle máo Christão o pago que merecia. Foi logo ali trazido, açoutado, e descabeçado; e feito isto, disse o barbaro : « Cumprido tenho o que prometti ; cumpre agora o que me prometteste, e é que te faças Turco, e eu te farei capitão da minha guarda. » Respondeo sem detença e sem pavor : « Não é isso cousa que eu podesse prometter, porque não se pode dar palavra a creatura alguma, quebrando a que se tem dado a Deos. »

(BERNARDES, *Floresta.*)

LXIV

A maior pensão com que Deos creou o homem, é o comer. Lançai os olhos por todo o mundo, e veréis

que todo elle se vem a resolver em buscar o pão para a bocca. Que faz o lavrador na terra, cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca pão. Que faz o soldado na campanha carregado de ferro, vigiando, pelêjando, derramando o sangue? Busca pão. Que faz o navegante no mar, içando, amainando, sondando, lutando com as ondas e com os ventos? Busca pão. O mercador, nas casas de contractação, passando letras, ajustando contas, formando companhias? O estudante, nas universidades, tomando apostillas, revolvendo livros, queimando as pestanas? O requerente, nos tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Busca pão. Em buscar pão se resolve tudo, e tudo se applica a o buscar. Os pobres dão pelo pão o trabalho, os ricos dão pelo pão a fazenda, os d'espíritos generosos dão pelo pão a vida, os d'espíritos baixos dão pelo pão a honra, os de nenhum espirito dão pelo pão a alma, e nenhum ha que não dê pelo pão, e ao pão todo o seu cuidado. Parêce-vos que tenho dito muito? Pois ainda não está descurrido tudo. Tirai o pensamento dos homens, e lançai-o por todas as outras cousas do mundo; acharêis que todas ellas estão servindo a este fim, ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florêcem as arvores, a este fim produzem e amadurecem os fructos, a este fim trabalhão os animâes domesticos em casa, a este fim pascem os mansos no campo, a este fim se crião os silvestres nas brehas, a este fim os do mar e os dos rios nadão em

suas aguas ; emfim tudo o que nasce e vive n'este mundo, a este fim vive e nasce. Que digo eu o que vive e o que nasce? Os elementos não são viventes, e a este mesmo fim cançámos, e fazemos trabalhar os proprios elementos. O fogo nas forjas e nas fornalhas, a agua nas levadas e nas azênhas, o ar nas vélas e nos moínhos, a terra nas vinhas e nas searas; e até o sol, e a lua, e as estrellas, não deixámos estar ociosas d'esta pensão : porque o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda, e voltando sem nunca descançar, é produzir, e temperar com suas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subí do céu acima até ao mesmo Deos, e acharéis que elle é o que mais occupado está que todos em nosso sustento ; porque todas as outras cousas cada uma trabalha em si, e Deos, ainda que sem trabalho, obra em todas. De maneira que a occupação do céu, e da terra, e de todo este mundo ; a maior pensão, o maior cuidado, e o maior trabalho dos homens, é buscar pão para a bocca.

(VIEIRA, *Sermões.*)

LXV

Começou a igreja (da Batalha) com desmesurada grandeza e sumptuosidade tal, que aos mesmos edificadores fazia impossivel o fim da obra, lançando

conta ao que convinha subir pelas regras de boa proporção, e ao que era forçado gastar de tempo e dinheiro pela despeza que levava. Só o corpo d'ella, desd'a porta principal, que abre onde se põe o sol, e corre contra o nascente segundo a postura das igrejas antigas, tem 300 palmos de comprimento, até ao primeiro degrão da capella mór ; aos quaes juntos 60, que ha d'este degrão até á parêde, em que encosta o altar mór, fica todo o comprimento do templo de 360 palmos. A largura é de 100 palmos, que vem a ser ao justo a terça parte de todo o comprimento, que dissemos até ao primeiro degrão da capella mór ; e a esta medida responde a altura na proporção da arte, que é tal que um braceiro chega mal tirando com uma pedra ao alto do tecto ; porque como a abobada, sobe ainda grande espaço sobre as parêdes, tanto quanto requer a distancia em que estriba. Assim tem d'altura até ao ponto mais subido da maior abobada 146 palmos. Das tres naves em que se divide a igreja, tem a do meio 33 p. de vão, e as dos lados a 21 e meio cada uma. O que falta para encher a conta dos 100 p. que demos de largura a todo o corpo, é occupado dos pilares, que fazem divisão ás naves, que são oito por banda ; cujas bases assentadas em quadro fazem dôze palmos por cada testa. Cada nave tem sua abobada por si. As abobadas, pilares, e parêdes, são tudo cantaria, assentada com tanto primor e cuidado, que quasi querem enleiar os olhos as juntas ; mas se se deixão enxergar, porque não podia al ser, é tão sem offensa da arte, que difficul-

tosamente se divisa n'ellas signal de cal. A grossura das parêdes é como a das bases dos pilares, de 12 p. por tudo. A pedraria é lavrada toda do maior polimentô que a arte usa, salvo de brunido e lustrado. A qualidade da pedra toda uma e não deve haver em toça Hespanha outra melhor para semelhantes edificios ; porque quanto á côr tem um extrêmo d'alvura, e quanto á fortaleza é bastantemente dura, sem ser demasiado aspera ao lavar. Mostra-se uma e outra cousa em que, passando já de 200 annos de idade o edificio, nem a gastão o decurso e injurias do tempo, nem o que lhe tem trocado da alvura lhe tira muito da primeira graça. E aconteçe-lhe n'esta parte o mesmo que ao rosto d'um homem que foi muito alvo, que por muito que se queime, e curta da força do sol e do ar, nunca no queimado perde de todo o signal das primeiras côres. Assim esta pedra vai tirando com a antiguidade a um tostado-nada desengaçado, e não a pardo, nem escuro, ou denegrado, como vêmos em outros generos de pedra.

LXVI

O cruzeiro tem de largo 30 p., que responde ao justo á quinta parte de todo o seu comprimento, que é de 150. As parêdes do corpo do templo são todas lisas e cheias, não vasadas, nem cortadas (como é

ordinario em outros), com numero de capellas. Sómente, na entrada da porta principal, se abre á mão direita um grande arco para uma formosa quadra, da qual dirêmos adiante. A frontaria do cruzeiro, a um e outro lado da capella mór, está dividida em quatro capellas, duas por cada banda. A primeira e mais vizinha á sacristia é dedicada a santa Barbara, e jaz n'ella um cardeal de cujo nome e sangue se perdeu a memoria; a segunda é de Nossa Senhora do Rosario. Vê-se n'ella um bem lavrado moimento alto, em que el-rei D. Affonso V mandou trasladar a rainha D. Isabel, sua mulher, que falleceo em Evora no anno de 1455. A terceira, que é collateral á capella mór da parte da epistola, tem a vocação de N. Senhora da Piedade, e n'ella está depositado o corpo d'el-rei D. João II. A quarta deo o autor de toda a obra ao grande mestre de Christo D. Lopo Diaz de Souza, que n'ella jaz sepultado; lugar bem merecido de seu valor e bons serviços. No meio da capella mór, logo abaixo dos degrãos do altar, jazem el-rei D. Duarte e a rainha D. Leonor, sua mulher, em duas grandes caixas do mesmo marmore de que é toda a fabrica; as quaes são lisas, e sem lavor, e sem letra alguma; só tem em cima osvultos d'ambos lavrados de relêvo inteiro em todo o primor da escultura, e dizem que estão tirados ao natural. O d'el-Rei com a mão direita travada com a da Rainha, a esquerda d'el-Rei sobre uma acha d'armas, e a da Rainha occupada com um livro. Dos tôpos do cruzeiro toma um a porta travessa da banda da epistola, o outro enche o altar de Jesu com

um grande e formoso retabulo de pedraria lavrado á moderna. Em todas as cinco capellas, tomão o lugar de retabulos umas grandes frestas altas e rasgadas, as quaes todas estão guarneçadas e cerradas de suas vidraças illuminadas de finas côres, e varias pinturas de devoção, e tão bem assentadas, que curcando no sitio grandes ventanias, e sendo maior a bateria das tempestades quanto mais altas são as parêdes, com tudo a maior parte das vidraças está ainda hoje inteira, e com o assento da primeira mão sem haver mister segunda. A capella mór tem quatorze frestas, das quaes lhe ficão no lugar do retabulo dês, a saber : cinco baixas e cinco altas ; e cada uma a 42 p. de rasgado d'alto a baixo, e porque ficão directamente umas sobre outras, vem a abrir cada duas em altura 84 palmos. E todas dês têm uma mesma largura de três palmos e meio de vão, cerradas de suas vidraças sem divisão nenhuma de pedra. Assim vem a dar cada uma das dês frestas 147 p. d'abertura, e outros tantos de vidraça e de luz. As outras quatro lhe ficão nos lados, e tão altas que tomão luz sobre as capellas collateraes, a duas por banda. Esta tem 20 p. d'alto e 12 de largo, com dous pilares pelo meio, de grossura d'um palmo cada pilar, para fortaleza da vidraça. As quatro capellas collateraes têm cada uma suas três frestras com alguma differença entre si ; porêm as mais são de 40 p. d'alto, e três de largo, com outros tantos de vidraça.

LXVII

Da parte de fóra da igreja, ha duas entradas : uma que faz a porta principal, e outra a travessa, que toma o tópo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesu, como fica dito. O portal e frontispicio da principal merecia só um livro pela qualidade da obra, se houvéramos de particularizar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de labores, e variedade de feitos, desd'a primeira pedra, que se descobre sobre a terra até o remate, que levanta grande altura sobre a maior abobada. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a penna, para o declararmos, e se entender com todas suas partes, Só um espelho, que se abre no alto, em meio do frontispicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtileza e cuidado em trancinhas d'agulha, ou em lavor de cera, ou no espelho d'uma viola. E quadra-lhe bem esta ultima comparação pela forma circular e redonda, e pela representação e miudeza do feitio. Os vãos que na viola ficão abertos para darem lugar ás vozes que forma no interior, ficárão cá cerrados de vidraças, como as que temos dito atrás, debuxadas todas de côres finas, e pinturas varias d'armas, e divisas do reino, de tenções e empresas

d'el-Rei. E como são muitos os vãos, porque o círculo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantêm obra tão miuda, tantos annos ha, em lugar tão alto. Não espanta menos a firmeza, numero, e grandeza d'outras vidraças, que dão luz á igreja e cruzeiro. Só no corpo da igreja abrem trinta frestas, tódas tão rasgadas d'alto a baixo, e ao respeito e proporção tão largas, que em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande, como temós dito, e a luz daz vidraças em parte embotada com a pintura e côres, que atrás dissemos, pôde-se estar nella não só sem pavôr, mas como em meio d'uma praça. Ajudão a claridade outras três no cruzeiro, das quaes só uma, que fica sobre a porta travessa, sobe a 42 p., e tem de largo 14, lavrada toda d'uma artificiosa rede de pedraria, e os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da capella mór e collateraes, a fóra o espelho do frontispicio da porta principal, que allumia por muitas, faz a casa por extremo alegre, muito clara e bem assombrada. Estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão cristallinas na vista, e tão vivas nos côres, que passando já de 200 annos que servem, parecem na representação obra moderna.

LXVIII

Cobre-se esta igreja e abobada, que já dissemos era de pedraria, com um telhado tambem de pedraria, composto d'umas grandes lages direitas, e adelgadas em corpo e grossura, que ficão arremedando uns meios tabuões grossos; e começando a assentar na parte inferior umas, e sobrepondo outras até ao alto, fica armado um telhado immortal, que soffre sem damnoe sem perigo, ser passeiado e corrido: e para as immundicias que os longos annos fazem crescêr, se varre e alimpa á vassoura. Cerca-o em roda uma grinalda de pedraria formada em laços, e seus florões altos a espaços com que fica como coroadado, e de toda a mais obrado alto differençado. Para se podêr vêr e gozar esta grande machina, por junto ha duas serventias, que do baixo da igreja levão ao mais alto do telhado d'ella. Estas são abertas na grossura do muro do cruzeiro, entrando pela porta travessa á mão esquerda; e fica uma junto da porta, e outra junto ao altor de Jesu. Ambas vão em caracol, e com 120 degrãos, que tem cada uma, vence a maior altura. Mas além d'estas ha outra subida por dentro do convento facil e suave, por escadas largas e bem lançadas; e recebe a vista particular deleitação, estendendo-se de cima por uma serra de penedia, que das serras ordinarias não

differe em mais, que em ser esta lavrada, e polida à força da arte, e as outras informes e descompostas, e ao natural; nas quaes assim como ha desigualdades, ora com valles fundos, ora com picos e rochedos, que se vão ás nuvens; da mesma maneira se vêem n'esta suas differenças. Porque em umas partes se levanta a penedia, como na igreja; em outras abate como no refeitório, capitulo, e adega; logo por outras partes sobem corucheos mui altos, e d'obra tão espantosa, que igualando as da natureza na eminencia, deixão-na muito atrás no que é artificio; porque vão fabricados por tal ordem, que dão facil subida ao alto; mas não sem medo pelo muito que levantão. D'estes ha três; um que fica sobre o zimbório da capella do fundador, fazendo-lhe uma forma de pavilhão, como a faz o zimbório á mesma capella; e é por extremo formoso, porque sobe pyramidalmente 50 palmos, e leva uma sacada em roda de 4 palmos de praça, guarnecida de seu parapeito lavrado em rêde, e coroado d'umas metas, como flores de liz; o que tudo junto faz uma machina muito crespa e vistosa. Outro tem seu nascimento quasi sobre a casa, que chamão da prata, entre a claustra e a sacristia; e tem d'altura sessenta e três palmos. Não faz menos representação de grandezza a torre dos sinos e relogio, conformando n'ella com tudo o mais do edificio.

LXIX

Dissemos atrás que entrando pela porta principal da igreja, abria um arco á mão direita. O que dentro se vê é uma sala quadrada de noventa palmos por cada lado, fabricada da mesma sorte de cantaria da igreja, e coberta d'abobada com um zimborio, que artificialmente nasce do meio d'ella sobre oito pilares como a effeito de metter mais luz dentro, mas na verdade para lustre e magestade da capella, e juntamente estribo da abobada; porque sobe em grande altura em forma oitavada, e trinta e oito palmos de diametro, seguindo a situação das columnas e fazendo duas faces d'um mesmo lavor e feitio, uma para dentro, e outra para fóra: e vai vasado todo em roda até á mais alta parte d'elle em frestas mui rasgadas e grandes, e tão largas, como é cada parte do oitavado, e todas são cerradas com suas vidraças de côres como as da igreja e capellas; e n'ellas se vêem debuxadas as armas do reino e divisas do rei que as mandou fazer. E porque o zimborio se levanta demasiadamente sobre as primeiras frestas, corre uma divisão ou cordão de cantaria em redondo, para firmeza da obra, e sobre ella sobem outras frestas em direito das que ficão debaixo, como o mesmo lavor, e guarnição de vidraças e illumination; até pegarem na chave, onde fecha toda a obra, a qual fica

tão alta, que d'ella ao pavimento ou lageado da capella ha 92 palmos. Este zimbório assim feito faz pavilhão a duas sepulturas e um altar, que ao justo lhe ficão debaixo, e entre as columnas em que estriba. As sepulturas fez el-Rei para si e para a rainha D. Philippa, sua mulher, enjeitando com aquelle seu grande animo o melhor lugar na casa propria, e feita com seu trabalho e despeza. São dous grandes moimentos tão juntos, que parecem um só.

O marmore muito alvo e fino, lavrados todos em roda d'um silvado de meio relêvo com seus espinhos e amoras, e a espaços uma letra franceza, que diz : *Il me plaît pour bien*. É a empreza de fundamento tão alto, que nos dá este principe um conhecido penhor de seu bom juizo. Sobre os moimentos apparecem dous corpos deitados, do mesmo marmore, lavrados de relêvo inteiro, um d'el-Rei, que está armado de todas as armas, salvo as da cabeça; e o outro da Rainha, que fica á mão direita d'el-Rei, e estão travados pelas direitas. As cabeceiras d'esta sepulturas ficão para a porta principal, e em cada uma esculpido seu letreiro; fica o altar, que dissemos, contra os pés das sepulturas, arrimado ás columnas que sustentão o zimbório, por maneira que o altar e sepulturas fazem uma capella particular por si, e não pequena no meio de toda a quadra.

LXX

Tem segundo lugar nas sepulturas, como na idade, o infante D. Henrique, duque de Vizeu, e senhor da Cuvilhã, e mestre da ordem de Christo. Dizem que foi eleito rei de Chypre, e dá testemunho o vulto que cobre sua sepultura que está coroado de corôa real. O que sabemos de certo é que foi sua alma coroada de muitas e grandes virtudes, vivendo em perpétua continencia, vida solitaria e philosophica, exercitando todas as boas sciencias, e em especial as da cosmographia e geographia, que lhe abrirão o caminho para intentar os primeiros descobrimentos dos mares e terras incognitas da costa d'Africa, como pôz por obra. A este fim vivia em Sagres no Algarve; e uma aldeia, que hoje se chama do Infante, tomou d'elle o nome. Pagou-lhe Deos tão santas occupações com longa e quieta vida, e morte semelhante a ella. Tem no escudo a divisa da Garroteia : parece que sendo moço professaria esta ordem, a que o devia inclinar o parentesco d'el-rei d'Inglaterra. Em outro escudo, tem a sua cruz de Christo. E entre os labores da sepultura, se vêem uns troços pequenos, de que nascem uns raminhos, que na feição e fructos parecem de carrasco, porque as bolotas são muito redondas, os ramos torcidos e curtos, e as folhas cercadas de pontas agudas. Quem tractava de cultivar

os desertos da Lybia tão agrestes e feros, com infinitos perigos de mar e terra, como elle pretendia com seus descobrimentos, bem podia significar sua bôa tenção, em a difficuldade da empreza, na fereza e humildade d'um carrasco, e como fructo secco e sem proveito, que d'elle nasce, com a letra tambem franceza : *Talent de bien faire*; Talante e animo de bem fazer. — Passada a porta, leva os olhos após si um edificio imperfeito e descoberto, que de presente é uma grande praça de capellas formada em perfeito círculo, e contão-se n'elle sete. E assim como a traça de estarem em campo redondo, mostra não se pretender preferencia, por quem as coordenou, em nenhuma; da mesma maneira se teve cuidado de se buscar igualdade, ao que parece, no corpo, feição, forma, e feitio de todas e cada uma por si; que é quanto se pode desejar por todas suas partes excellente de arcos e laçarias, de policia de esculptura, de graça, subtiliza e diversidade de lavor; mas em nenhuma se enxerga differença tal, que a faça avantajada ou minguada de auctoridade. Porém é grande lastima, que estando, como estão, todas aquellas capellas acabadas em sua perfeição, e as parêdes em roda levantadas até ao ponto, d'onde segundo a arte havia de começar a subir a abobada maior, para cobrir todas, e tornar o que hõje é praça aberta em capella fechada, parou a obra n'este estado; e testemunha bem a fortaleza d'ella estar tantos annos ha batida das inclemencias do tempo, e enxergar-se-lhe mui pouco damno. Estas são as chamadas capellas imperfeitas, as quaes já não são obra de

D. João I, mas sim de D. Manoel, ou pelo menos feitas em seu tempo, pois ali se encontrão, ornando a porta que dá entrada para as sobreditas capellas, as esphéras; certa e sabida divisa d'aquelle venturoso monarcha.

(LUIZ DE SOUZA, *Historia de S. Domingos.*)

LXXI

Fabricou Salomão um palacio real em Jerusalem que depois do templo que elle edificára, foí o segundo milagre. No monte Libano, traçou varios retiros e casas de prazer, em que demais de se ver junto todo o raro e curioso do mundo, a amenidade dos jardins, a frescura das fontes, e a espessura dos bosques, a caça e montaria de aves e feras, e até as sombras no verão e os sóes no inverno, excedião com a arte a natureza. O throno de marfim em que dava audiencia, e a carroça, chamada Ferculo, em que passeiava, crão de tal architectura e preço que faz particular descripção d'ellas a Escriptura. As galas de Salomão o mesmo Christo lhes chamou gloria; os thesouros d'ouro e prata, que ajuntou, erão immensos; os gados maiores e menores, que n'aquelle tempo tambem erão riqueza dos reis, não tinham numero; os cavalloos estavam repartidos em quatro mil presépios. A sumptuosidade da mèsa, para a qual concorrião di-

versas provincias, e a magestade, grandeza, e ordem dos officiaes e ministros com que era servido, foi o que encheo de pasmo a rainha Sabá. As baixellas e vasos erão d'ouro, as musicas de vozes exquisitas de ambos os sexos, e os cheiros e aromas, com que tudo recendia, quanto cria e exhala o Oriente. Não fallo na qualidade e gentileza das damas, filhas de principes, e escolhidas de differentes nações, entre as quaes só as que tinhão nome e estado de rainhas erão sessenta, servidas todas com apparato e magnificencia real. Tudo isto gozava Salomão em summa paz, e com igual fama, sem inimigo ou receio que lhe dêsse cuidado, e em tudo se empregava com tal applicação e excesso, que elle mesmo confessa de si que nenhuma cousa virão seus olhos, nem inventarão seus pensamentos, nem appetecêrão seus desejos, que lhes negasse. Estando pois n'estas felicidades, voltandô os olhos a tudo, quanto tinha feito; o que vi, diz, e achei em tudo, é que tudo é vaidade e afflicção d'animo. — Os bens d'este mundo, como são corruptiveis, ainda que não haja, quem os furte, elles mesmos se nos roubão; porque as roupas, por preciosas que sejam, come-as a pollilha que nasce das mesmas roupas. E os metaes, ainda que sejam ouro e prata, rõe-os a ferrugem que nasce dos mesmos metaes. Quando não houvéra corsarios no mar, nem salteadores nos caminhos, nem ladrões publicos e secretos no povoado, quem ha tão poderoso que possa conservar e lograr o que possui n'este mundo contra os roubos inevitaveis da natureza? Que são todos os elementos, senão uns roubadores universaes de tudo o que

grangeia e trabalha o genero humano? O fogo nos rouba com os incendios, a agua com as inundações, o ar com as tempestades, e a mesma terra com os exercitos innumeraveis de pragas que, como semeada com os dentes de Cadmo, nascem e se levantão d'ella para outra vez nos roubar o que nos tem dado. Tudo o que nasce na terra, o sol ou a chuva o cria; mas o mesmo sol, se é demasiado, o queima; e a mesma chuva, se é muito continuada, o afoga: para que acabêmos de nos desenganar da pouca firmeza ou segurança que pode haver nos bens, que são da terra; pois as mesmas causas que os dão, os tirão, e as mesmas que os produzem, os matão.

(VIEIRA, *Sermões.*)

LXXII

ANECDOTAS PHILOSOPHICAS E MORAES.

Diogenes philosopho dizia que os que gastão sua fazenda em banquetes e festins, e lisonjeiros, e más mulheres, são como algumas arvores que nascem pelos penhascos e precipicios inaccessiveis, de cujos fructos comem só os corvos, abutres, e outras aves de rapina. — El-rei Artaxerxes, sendo-lhe tomada a sua bagagem pelos inimigos, veio fugindo a parar onde não achou para comer mais, que uns figos sec-

cos com pão de cevada ; soube-lhe bem com a fome e cansaço, e disse : « Olhem de que delicias não tinha provado atégora ! » — Havendo Alexandre Magno nomeado por juiz a certo parente de Antipatro, seu amigo, soube depois como tingia a barba e cabellos. Mandou logo riscá-lo da pauta, dizendo : « Não fio tantas cabeças de quem é infiel com a sua. » — Catão o mais velho, dizendo-lhe seus amigos que nas praças de Roma se havião erigido arcos triumphaes e estatuas a outros varões illustres, e d'elle se havião esquecido, respondeo : « Maior credito meu é, que perguntem os vindouros porque me não pozêrão estatua, do que porque a pozêrão. » — Jactando-se um comediante em Athenas de que, por representar um papel, lhe havião dado um talento, respondeo Demades, orador eloquentissimo : « Parece-te muito um talento por fallar? Pois el-rei me deo dês por que eu não fallasse. » Tinha o rei medo d'este orador porque era sabedor de suas torpezas. — D'um idiota que tinha uma insigne livraria, dizia el-rei de França Luiz XI : « A livraria d'este é como a corcova ; que quem a tem, sempre a traz, e nunca olha para ella. » — Um agoureiro consultou a Catão que successo ou prodigio significaria haver achado os seus calções roídos das doninhas. Respondeo-lhe : « Atéhi não tem muito que adivinhar : quando as doninhas fôrem roídas dos calções, então me consultarêis. » — Disse um nescio estranhando a sesudeza d'uns philosophos : « Eu antes quero conversar com mulheres, do que com estes philosophos. » Estava presente Pithagoras, e respondeo : « Tambem os

cochinos antes querem metter-se no lodo que na agua limpa. » — Caminhando Socrates, um atrevido se descomedio com elle, e lhe deo um couce. Estranhando alguns a paciencia do philosopho, disse : « Pois eu que lhe hei de fazer depois de dado ? » Responderão : « Demandál-o em juízo pela injuria. » Replicou : « Se elle em dar couces confessa ser jumento, queréis que leve um jumento a juízo ? » — Entrou uma vez Alexandre Magno na officina de Apelles, por honrar com sua presença a um sujeito tão insigne na sua arte ; e começou a fallar demasiadamente á cerca da pintura. Apelles, com brandura cortêz, mas picante, lhe disse : « Senhor, veja que se rí o moço que móe as tintas. » Do mesmo Apelles se refere outro semelhante dito, porém mais acremente reprehensivo. Expoz á porta uma pintura sua, e se poz detrás do panno a escutar os votos e censuras varias dos que passavão. Veio um sapateiro, e notou um defeito na chinella d'uma figura principal. Emendou Apelles a falta ; e no seguinte dia tornou a passar aquelle official, e vendo a emenda, ficou satisfeito de si, e atreveo-se a notar outra cousa na perna da mesma figura. Então Apelles apparecendo, lhe disse : « Não suba o sapateiro além da chinella. » D'aqui ficou o adagio contra os que dão voto no que não entendem : *Nesutor ultra crepidam*. — Conta Plutarco que Antipatro, vendo que um mestre se desconsolava porque seus discipulos não tomavão bem o ensino, contou este apologo. Ha uma região no mundo, onde pelo inverno está o ar tão espesso, e como congelado, que as palavras, ao sair da bocca, ficão n'elle prêsas,

e não passam aos ouvidos da outra pessoa ; porém vindo o verão, e liquidando-se o ar, então se soltam e são percebidas. O homem é mundo, a puerícia é esta região, a ignorancia e a inhabilidade das potencias é o frio ; por isso não lhes entra o ensino ; porém avizinhandose mais o sol da razão, desprende-as, e então se lembrão da criação e doutrina que lhes dêrão.

(BERNARDES, *Floresta.*) .

LXXIII

IDA DA INFANTA D. BEATRIZ PARA SABOYA

A nau em que a senhora Infanta ia era cousa mui maravilhosa para ver, pelo concerto e riqueza d'ella ; era a nau de 800 tonéis, foi feita na India, chamava-se S^{ta} Catharina do monte Sinay ; nau muito forte, muito formosa, muito veleira, e mui segura no mar, toda feita em muitos e grandes aposentos, todos forrados de bordos com maçonaria dourada ; e a Snr^a Infanta tinha grandes salas e camaras ; e debaixo de seu aposentamento, o de suas damas e mulheres, em que ão mais guardadas que n'um cerrado mosteiro : estes aposentamentos na pôppa da nau, e pelas outras partes muitas e mui boas camaras para o conde (da Villanova) e embaixadores, e fidalgos, e officiaes da senhora Infanta, todas apartadas sobre si, e cada uma

mûi ricamente ornada, e mûi ricas camas, e tanta abastança de cousas que não podem lembrar todas. A camara em que a senhora Infanta dormia era toda ornada de brocado rico de pello e alcatifada, e os paramentos e cobertas da cama do mesmo brocado; tudo franjado d'ouro, e mûitas almofadas de brocado. E a outra antecamara era toda armada de mûito fino veludo carmesim, com mûitas almofadas do mesmo veludo e alcatifada, e um docel de brocado, e outra cama e cobertor do mesmo veludo franjado d'ouro, toda guarnecida d'umas mûito galantes bandas de panno d'ouro; e a sala, e todas as outras camaras armadas de rica tapeçaria. E o conde levava uma sua camara toda armada de rico brocado de pello e alcatifada, e a cama do mesmo brocado com outros mûi ricos concertos. O toldo da nau era de veludo carmesim e damasco branco, e pelas bordas entretalhado de veludo azul, posto sobre setim amarello, e torçalado de seda branca; e os entretalhos da bordadura erão da largura de cinco palmos, e tinha três esperas mûito grandes e bordadas, uma no meio, e de cada parte outra tambem de mûito fino veludo azul, posto sobre setim amarello, e torçalado de seda branca, e tudo franjado de seda, e forrado por dentro de damasco azul da China, e era tão grande que tinha passante de mil covados de seda, a fôra o forro; de comprimento dava d'ambas as partes n'agua, e de largura tomava toda a tolda, feito em três peças, que por sua grandura não se podia d'outra maneira armar, e se ajuntava com botões e torças. E os toldos das gaveas erão de damasco car-

mesim, e damasco branco tambem entretalhados e franjados. E muitos estandartes de damasco carmesim e branco por todos os mastros, e assim mesmo por todas as pontas das vergas ; e os dous estandartes das gaveas erão muito grandes em extremo, que davão muito por a agua, tambem de damasco carmesim e branco, bandados de brocadilho, com muitas esperas d'ouro de pintor, pintadas d'ambas as faces, umas muito grandes, e outras menos, segundo se ião estreitando. Levava duas bandeiras de damasco carmesim, muito grandes em extremo, com as armas reaes pintadas d'ouro e prata ; uma ia na ponta da nau, e a outra nos estaes que vêm da gavea para o castello d'avante, e ambas franjadas de brocadilho branco e vermelho, com grandes torçaes e bolsas de seda das mesmas côres. E 84 bandeiras muito grandes, todas de damasco carmesim e branco, e de muita maneira, todas com esperas e bordaduras d'ouro singularmente pintadas d'ambas as partes, e suas franjas e torçaes de seda ; que verdadeiramente ver a nau com seus toldos, estandartes e bandeiras, suas salas e camaras, com seus paramentos, camas e concertos ; e a nobreza dos fidalgos e damas que n'ella ião, e os ricos vestidos que levavão ao modo do mar, e todas as outras policias e abastanças, era cousa espantosa, e muito para folgar de ver, e não cousa d'escrever.

(REZENDE, *Chronica de D. João II.*)

LXXIV

A maior ostentação de grandeza e magestade que se vio n'este mundo, e uma das três que S. Agostinho desejava ver, foi a pompa e magnificencia dos triumphos romanos. Entravão por uma das portas da cidade, n'aquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitólio : precedião os soldados vencedores com acclamações ; representadas ao natural as cidades vencidas, as montanhas inaccessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes ; as fortalezas e armas dos inimigos, e as máchinas com que forão expugnadas ; em grande numero de carros, os despojos e riquezas, e tudo o raro e admiravel das regiões novamente sujeitas ; depois de tudo isto a multidão dos captivos, e talvez os mesmos reis maneatados : e por fim em carroça d'oure e pedraria, tirada por elephants, tigres, ou leões domados, o famoso triumphador, ouvindo a espaços aquelle glorioso e temeroso pregão : « Lembra-te que és mortal. » Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavam as ruas, as praças, as janellas, e os palanques que para este fim se fazião, cobertos d'infinita gente, todos a ver. E se Diogenes então perguntasse quaes erão os que passavão, se os do triumpho, se os que estavam vendo ; não ha dúvida que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o

cérto é que tanto os da procissão e do triumpho, como os das janellas e palanques, que os estavam vendo, uns e outros igualmente passavão; porque a vida e o tempo nunca pára, e ou indo, ou estando, ou caminhando, ou parados, todos sempre, e com igual velocidade passámos. — Vedes aquelle homem robusto e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos e correndo sangue, atado dentro em um carcere a duas fortes cadeias, anda moendo n'uma atafôna? Pois aquelle é Sansão. Vedes aquelle mancêbo macilento e pensativo, que rôto, e quasi despido, com uma corneta pendente do hombro, arrumado sobre um caxado, está guardando um rebanho vil do gado mais asqueroso? Pois aquelle é o prodigo. Quem haverá que se não admire d'uma tal volta de fortuna em dous sujeitos tão notaveis, um tão valente, outro tão altivo! É possível que n'isto parárão as façanhas e victorias de Sansão? É possível que n'isto parárão as riquezas e bizarrias do prodigo? N'isto parárão, ou para melhor dizer, não parárão só n'isto; porque o prodigo, perecendo á fome no meio do montado, não tinha licença para se sustentar das bolotas com que apascentava o seu gado; e Sansão, tirado em publico para ludibrio do povo, foi tratado com taes escarneos e indecencias, que de corrido e affrontado com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa d'estes successos e de duas mudanças tão estranhas? Agora não vos peço admiração, senão pasmo. Ambas estas mudanças de fortuna não tivêrão outra causa que a condescendencia dos pais em an-

nuir ás petições indiscretas dos filhos. Pedio Sansão a seus pais que lhe dessem por mulher uma Philistéa. Concedêrão-lhe o que pedia : e esta Philistéa foi a causa das guerras que Sansão teve com os Philistéos, e dos enganos e traições de Dalila, e da sua prisão, e do seu captiveiro, e de sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso e tragico do seu valor. Da mesma maneira pedio o prodigo a seu pai lhe desse em vida a herança que lhe havia caber por sua morte : concedeo-lhe o pai o que pedia, e esta herança, consumida em larguezas e vicios da mocidade, foi causa da sua miseria, da sua fome, da sua servidão, da sua deshonra, que só tivêrão de desconto o pezar e o arrependimento.

(VIEIRA, *Sermões.*)

LXXV

No tempo d'el-rei D. João I de Portugal, de bôa memoria, estavam mûi vivas e em sua observancia as cavallerias, d'onde veio o mandar desde Inglaterra o duque de Lancastre chamar a este reino doze cavalleiros nomeados, para defendêrem em duello publico, com outros doze Inglezes, a honra de doze damas infamadas por elles. O dito rei desejou acompanhá-los, como diz o nosso Homero portuguez, o qual,

descrevendo este combate (de que os nossos sairão vencedores), canta assim com espirito altiloquente :

Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos que inflamma :
Picão d'esporas, largão redeas logo,
Abaixão as lanças, fere a terra fogo.
Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme ;
O coração no peito, qu'estremece,
De quem os olha, s'alvoroça e teme ;
Qual do cavallo vôa, que não desce :
Qual co'o cavallo em terra dando, geme ;
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.

Algun d'ali tomou perpetuo somno,
E fez da vida ao fim breve intervallo :
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo ;
Cai a soberba Ingleza do seu throno ;
Que dous ou três já fóra vão do vallo :
Os que de espada vêm fazer batalha,
Mais achão já que arnez, escudo, e malha.

— S. Gregorio Nazianzeno, fazendo o elogio de S. Athanasio, diz que era sublime na vida, humilde no animo, affavel, comedido, e clemente com todos, vasio de ira, cheio de commiseração ; agradável nas palavras, muito mais nos costumes ; a formosura do espirito se experimentava no semblante, e a do semblante se parecia com a d'um anjo ; ao reprehender era pacato, ao louvar doutrinal e prudente, de sorte que nem a brandura relaxasse, nem enfadasse a severidade : era finalmente para os que se desunião iman, para os que o combatião diamante. — O não

posso dos negligentes e o não quero dos contumazes vale quasi o mesmo, e se o não posso não é tão claramente iminodesto, o não quero é mais ingenuamente verdadeiro. Por isso se diz que :

A noz, o burro, o sino, e o preguiçoso
Sem pancadas nenhum faz seu officio :
Esta é fechada, aquelle vagaroso,
Um cala, o outro jaz sem exercicio ;
Mas tanto que do ferro ou páo nodoso,
Os duros golpes lhes sacode o vicio,
O fructo abre, o animal pés amiúda,
O metal clama, o preguiçoso estuda.

(BERNARDES, *Floresta.*)

LXXVI

Lava o celebradissimo Têjo com as suas correntes as ribeiras de Lisbôa, fazendo espelho aos montes e torres d'aquella antiquissima cidade, que na prerogativa dos annos excede a todas as que os contão por seculos. Em seu nascimento foi fundada por Elysa, filho de Javan, irmão de Tubal, ambos netos de Noé, d'onde começou a ser conhecida pelo nome de Elysia, depois tão amplificada por Ulysses, que não duvidou a grega ambição a lhe dar, como a obra propria, o nome de Ulysipo. Tanto pelo fundador, como pelo amplificador, lhe compête a Lisbôa a pre-

cedencia de todas as metropolas dos imperios do mundo ; porque em quanto Elysia é 220 annos mais antiga que Ninive, cabeça do primeiro imperio que foi o dos Assyrios ; e em quanto Ulysipo, 425 annos mais antiga que Roma, cabeça tambem do ultimo imperio. O céu, a terra, o mar, todos concorrem, n'aquelle admiravel sitio, tanto para a grandeza universal do imperio, como para a conveniencia tambem universal, dos subditos, posto que tão diversos. O céu, na benignidade dos ares mais puros e saudaveis, porque nenhum homem, de qualquer nação ou côr que seja, estranhará a differença do clima ; para os do polo mais frio, com calor temperado, e para os da zona mais ardente, com moderada frescura. A terra, na fertilidade dos fructos e na amenidade dos montes e valles, em todas as estações do anno sempre floridos, por onde do nome de Elysia se chamão Elysios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e paraíso dos herões famosos. O mar finalmente, na monstruosa fecundidade, por que n'aquella câmpina immensa, que não secca o sol nem regão as chuvas, assim como nos prados da terra pastão os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se crião sem pastos os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em quotidianas frotas, tanto para a necessidade dos pequenos, como para o regalo dos grandes, sendo n'esta singular abundancia Lisbôa, não só a mais bem provida, mas tambem a mais deliciosa terra do mundo.

(VIEIRA, *Cartas.*)

LXXVII

Na grande bocca do rio das Amazonas está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o reino de Portugal, e habitada de muitas nações de Indios, que, por serem de linguas differentes e difficultosas, são chamados geralmente Nheengaibas. Ao principio recebêrão estas nações aos nossos conquistadores em bôa amizade; mas depois que a larga experiencia lhes foi mostrando que o nome de falsa paz com que entravão se convertia em declarado captiveiro, tomárão as armas em defensa da liberdade, e comêçarão a fazer guerra aos Portuguezes em toda a parte. Usa esta gente de canôas ligeiras e bem armadas, com as quaes não só impedião e infestavão as entradas, que n'esta terra são todas por agua, em que roubárão e matárão muitos Portuguezes; mas chegavão a assaltar os Indios christãos em suas aldeias, ainda n'aquellas que estavam mais vizinhas ás nossas fortalezas, matando e captivando: e até os mesmos Portuguezes não estavam seguros dos Nheengaibas dentro de suas proprias casas e fazendas, de que se vêem ainda hoje muitas despovoadas e desertas, vivendo os moradores d'estas capitánias dentro em certos limites, como sitiados, sem lograr as commodidades

do mar, da terra, e dos rios, nem ainda a passagem d'ellas, senão debaixo das armas. Por muitas vezes, quizerão os governadores tirar este embaraço tão custoso ao Estado, empenhando na empresa todas as forças d'elle, assim d'Índios como de Portuguezes, com os cabos mais antigos e experimentados; mas nunca d'esta guerra se tirou outro effeito mais que o repetido desengano de que as nações Nheengaibas são inconquistaveis, pela ousadia, pela cautela, pela astucia, e pela constancia da gente, e mais que tudo, pelo sitio inexpugnável com que os defendeo e fortificou a mesma natureza. É a ilha toda composta d'um confuso e intricado labyrintho de rios e bosques espessos, aquelles com infinitas entradas e saídas, estes sem entrada nem saída alguma; onde não é possível cercar, nem achar, nem seguir, nem ainda ver o inimigo, estando elle, no mesmo tempo, debaixo da trincheira das arvores apontando, e empregando as suas frechas. E porque este modo de guerra volante e invisivel não tivesse o estorvo natural da casa, mulheres e filhos, a primeira cousa que fizêrão os Nheengaibas, tanto que se resolvêrão á guerra com os Portuguezes, foi desfazer e como desatar as povoações em que vivião, dividindo as casas pela terra dentro a grandes distancias, para que em qualquer perigo podesse uma avisar as outras, e nunca sêrem accommettidos juntos. D'esta sorte ficarão habitando toda a ilha, sem habitarem nenhuma parte d'ella, servindo-lhes porêem em todas os bosques de muro, os rios de fosso, as casas de

atalaia, e cada Nheengaïba de sentinella, e as suas trombetas de rebate.

LXXVIII

Mas o que não conseguirão as armas e a força, alcançarão as boas palavras dos missionarios, a quem mandarão aquelles povos uma embaixada em que dizião : « Depois que vimos em nossas terras o papel do Padre grande, de que já nos tinha chegado fama, que por amor de nós e da outra gente da nossa pelle, se tinha arriscado ás ondas do mar alto, e alcançado d'el-Rei para todos nós as cousas boas; postoque não entendêmos o que dizia o dito papel, mais que pela relação d'estes nossos parentes; logo no mesmo ponto lhe dêmos tão inteiro credito, que esquecidos totalmente de todos os aggravos dos Portuguezes, nos vimos aqui metter entre suas mãos e nas boccas de suas peças d'artilleria; sabendo de certo que debaixo da mão dos Padres, de quem já de hoje adiante nos chamâmos filhos, não haverá quem nos faça mal. » Com estas razões tão pouco barbaras, desmentirão os Nheengaïbas a opinião que se tinha de sua fereza e barbaria; e s'estava vendo nas palavras, nos gestos, nas acções e affectos, com que fallavão, o coração e verdade do que dizião... Deo-se ordem ao juramento d'obediencia e fidelidade, e para que se

fizesse com toda a solemnidade de ceremonias exteriores (que valem muito com gente que se governa pelos sentidos), se dispoz e se fez na forma seguinte. Ao lado direito da igreja, estavam os principaes das nações chistãs com os melhores vestidos que tinham, mas sem mais armas que as suas espadas. Da outra parte, estavam os principaes gentios despidos e empennados ao uso barbaro, com seus arcos e frechas na mão ; entre uns e outros, os Portuguezes. Logo disse missa o Padre Antonio Vieira em um altar ricamente ornado, á qual missa assistirão os gentios de joelhos com grande devoção. Depois da missa, assim revestido dos ornamentos sacerdotaes, fez o Padre uma pratica a todos, em que lhes declarou pelos interpretes a dignidade do lugar em que estavam, e a obrigação que tinham de responder com limpo coração e sem engano a tudo o que lhes fosse perguntado, e de o guardar inviolavelmente depois de promettido... E logo o principal, que tinha o primeiro lugar, se chegou ao altar onde estava o Padre, e lançando o arco e frechas a seus pés, posto de joelhos, e com as mãos levantadas e mettidas entre as mãos do Padre, prestou o juramento,... e era muito para dar graças a Deos, ver os extremos d'alegria, e verdadeira amizade, com que se abraçavão, e as cousas que a seu modo dizião entre elles. Por fim, postos de joelhos, disserão os P^{es} o *Te Deum laudamus*, e saíndo da igreja para uma praça larga, tomárão os principaes christãos os seus arcos e frechas, que tinham deitado fóra, e para demonstração publica do que dentro

da igreja se tinha feito, os Portuguezes tiravão as balas dos arcabuzes, e as lançavão no rio, e disparavão sem bala ; e logo uns e outros principaes quebravão as frechas, e tiravão com os pedaços ao mesmo rio; e tudo isto se fazia ao som de trombetas, buzinas, tambores e outros instrumentos, acompanhados d'um grito continuo d'infinitas vozes, com que toda aquella multidão de gente declarava sua alegria : entendendo-se este geral conceito em todos, posto que erão de differentes linguas.

(VIEIRA, *Cartas.*)

LXXIX

Pelas 3 horas da tarde, soltámos a vèla, e em todo o tempo até o outro dia não s'offereceo mais nada digno de memoria, exceptuando a vista do quadro agradavel que formão constantemente as margens d'aquelles rios, povoadas d'arvoredos sempre viçosos e floridos em todo o anno. Entrámos no rio Paoarú, um dos mais bellos por não ser muito largo, e dar lugar a gozar-se de perto da vista dos seus frondosos arvoredos, quasi até passar por baixo dos ramos das arvores ; todos os sentidos aqui achão encantos, que os transportão : um cheiro aromatico perfuma o ar : lindas aves se vêem saltar d'uns ramos para outros, cantando suavemente ;

vêem-se a cada passo sobresair por entre as verdes folhas diferentes ramalhetes de flores; aqui cavas profundas, formadas pela corrente das aguas; lá raízes descarnadas, descendo das ribeiras até ao leito do rio; variedade d'arbustos viçosos e odoríferos; uma relva muito verde, que no paiz chamão capím; em algumas partes, louras areias, ou terra de diversas côres; pequenas ribeiras, chamadas Igarapés, que lá do centro dos matos vêm desaguar em o rio; tudo forma a mais agradável perspectiva. — Que precioso torrão! Tudo produz com muita abundancia e facilidade o arroz, o cacão, o algodão, o tabaco, o café, a manibá, o orucú, fructo de certa arvore de que se faz uma tinta encarnada muito fina, que tem grande valor na Europa. Aqui saí em terra, e me enchi d'espanto e de horror, vendo a desmarcada grandeza dos páos arrojados pela corrente para uma ponta que ali faz a ilha; erão vigas altissimas e de grossura pasmosa; medi uma, que não era das maiores, tinha 15 palmos de grossa, e estava o chão juncado d'ellas, algumas já carcomidas, e desfeitas com o tempo: soube depois que uma tinha 33 palmos de circumferencia. — O rio Aramucú é um dos mais bellos que temos encontrado; aguas claras e frias, terminado d'uma e d'outra parte d'arvores viçosas, e algumas muito floridas, as quaes, por causa da estreiteza do rio, fazem continuada sombra aos navegantes, e d'intervallo em intervallo alargando-se, abre caminho aos olhos para se espriaiarem pelas alegres e fertes campinas de que vai sem-

pre acompanhado. Que espectáculo deliciosissimo! Porém que perda! Campos tão bellos sem cultura, pastos os mais preciosos, e nem uma só rez se alcança com a vista. Magoa grande é ver as cidades (aínda a do Pará) cheias de gente ociosa, que com seu trabalho e industria podião tirar d'estes lugares, e outros simillhantes, ricas producções para o bem do genero humano; porém a molleza, o ocio, a torpe perguiça, damnão tudo. Tambem d'este rio se descobrem varios outeiros não calvos, mas vestidos de frescas e copadas arvores, alguns bem perto do rio, mûitos lagos, vargens, e um terreno em tudo simillhante aos melhores do reino: vista que não deixa de ser agradável e saudosa aos que de lá têm vindo. — Fômos costeando a margem do Amazonas com a vista nos montes elevadissimos, que em pouca distancia pela terra dentro formão a dilatada cadeia ou cordilheira de Guyana, seguida d'oeste a lêste até ás vizinhanças do rio Orinôco. Então começámos a ver o Amazonas desabafado d'ilhas em toda sua largura; é um pedaço d'Oceano: em partes mal se divisa a margem contraria, uma corrente pasmosa, e as ondas grossas e empoladas, como as do mar. Que lindos quadros não offerece este rio nas differentes ilhas de que está povoado! Tão frescas d'arvoredos e de campinas sempre viçosas, que é um enlêvo dos olhos: mas são terras apaúladas e alagadiças, que não servem para a cultura, e por isso se achão desertas. — Temos visto por estes rios aves as mais lindas, entre ellas umas de côr encarnada e tão viva, que são enleio dos olhos; mostram o

tamanho de frangãinhas. Também observei uns peixinhos de notavel singularidade : tirão-se d'agua, entrão a empolar desmarcadamente pela parte do ventre, que é de côr branca e alixada ; ficão como uma bexiga bem cheia d'ar, e se se deitão assim n'agua, pãrão na superficie sem podêrem descer em quanto se lhes não rompe a pelle. Aqui mesmo navegando junto á praia tive occasião de ver um quadro, que me encantou o espirito : estavão aquellas margens alcatifadas d'uma relva muito verde e mimosa, similhante ao linho quando está em flor ; por entre ella passeiavão grande numero d'aves de diversas côres, umas alvas como neve, outras azueis ; mas a maior parte encarnadas d'um vivo que se não acha nas côres artificiaes : não vi cousa mais linda ! Também andavão misturadas outras de côr trigueira e arroxada, e me segurãrão que erão filhas das encarnadas ; é que depois de sêrem grandes, vestião a côr dos pais, e que quanto mais antigas, mais refina a vermelhidão das pennas.

(D. FR. CAETANO BRANDÃO, *Diario da visita do Pará.*)

LXXX

O que admira, é ver o desapêgo que esta gente conserva para tudo : quatro páos levantados ao ar, cingidos e cobertos d'algumas folhas d'arvores; uma

rêde para dormir; uma panella, uma corda estendida, onde pendurão esses poucos farrapos do que usão; e estão contentes. Algumas vezes tenho dito a meus companheiros que se existe ainda resto da simplicidade da vida dos primeiros homens, é n'estes paizes. Perguntei-lhes se não temião os ladrões; rirão-se. E com effeito soube que se não vêem entre elles semelhantes violencias, e quasi que guardão vida commum; qualquer Indio que chega de fóra, posto que seja desconhecido, é logo admittido á mesa, e tratado com a mesma singeleza como se fóra domestico. Não ha zelos entre elles, excepto na occasião das beberreiras, em que são turbulentissimos, e chegam ás vezes aos maiores excessos de feridas e mortes: tambem se não embarção muito com honra, se querem casar; haja o que houver, fechão-se os olhos a tudo. O que ha n'um dia come-se logo, não se guarda para o outro; por isso d'ordinario passão miseravelmente, ao menos os d'estes lugares. Perguntei ás mulheres que tinhão comido n'aquelle dia e que havião de cear. Disserão-me: Ticuará. É farinha de pão molhada em agua fria; mas querem antes isto na liberdade das suas povoações, do que a abundancia que podem ter no serviço dos brancos. — Verdadeiramente se pode dizer que o Pará é uma situação disposta pela natureza com todas as commodidades para vir a ser o jardim mais bello do mundo; sómente se precisa de braços para pôr em movimento os ressortes da mesma natureza, e tirar os obstaculos ás producções. Porém esta é a grande falta que se lastima, e cada dia mais, porque os

brancos que vêem do reino sejão da mais baixa ordem, e que lá na Europa costumão ganhar a vida varrendo as ruas e acarretando potes, apenas desembarcão, revestem não sei que sentimentos d'elevação : não disse bem, ficão logo feridos do contágio geral do paiz, que é um espirito de dissolução, de preguiça, e desmazêlo, que arruina tudo, não só pelo que respeita aos costumes, mas aos mesmos interesses temporaes : uma taverna, uma loja de fittas, andar d'uns lugares para outros vendendo quatro quinquilharias, é a sua occupação mais ordinaria e mais querida; e d'aqui nasce o empegarem-se logo no abysmo dos vicios, particularmente da incontinnencia e da borracheira; vicios que lhes minão as bases da saúde, e os fazem por fim odiosos aos olhos de Deos e dos homens. — Vivem no estado d'uma absoluta nudez, e só algumas pessoas do sexo masculino se contentão com umas ligeiras tangas d'entrecasca d'arvore. São porêem muito apaixonados d'outros enfeites, com que ornão os braços, as pernas, o nariz, as orelhas e beiços, trazendo dependurados d'elles varios fragmentos d'ossos, conchas, palhas, etc.; outros desenhão na pelle uma multidão de listras de figuras diversas, custando-lhes estas pinturas muitas dores e muito tempo; outros trazem o corpo embuçado de certas tintas, e ainda de lodo, usando d'estas disformidades industriosas talvez não tanto para aformosear o corpo, como para lhe dar um ar impostor, afim d'aterrar os inimigos com a sua presença.

LXXXI

Hoje matárão os escravos um jacaré a tiro de bala, e o trouxêrão para eu ver : é a fera mais cruel e voraz dos rios do Pará. Mas este disserão-me que era ainda novo, e com tudo tinha duas varas e meia de comprimento; o costado negro, de pelle dura, tecido pelo feitio de conchas; o ventre alvo, com algumas malhas pretas, e tão rijo como uma tabua; a cabeça é o mesmo ferro, não entra com ella o chumbo e a bala, sómente pelo toutiço e pelos ouvidos; cospe os golpes do machado, como o penhasco; a bocca rasgada demasiadamente; a d'este, ainda que pequeno, tinha dous palmos de comprido; aberta é um alçapão, deixando apparecer nas goélas um sumidouro espaçoso e profundo; dentes grandes e pontudos; a lingua pegada á parte inferior da bocca, que por isso dizem alguns que a não tem; a cauda, por modo de colubrina; e as pestanas, de que vai acompanhada, agudas como fio de navalha; na figura exterior, parece-se com o lagarto : é mui sensivel nos olhos. Quando querem fazer preza, a primeira diligencia é açoutál-a com a cauda, e com a mesma a conduzem á bocca : devorão toda a carne, e tambem gente quando a achão descuidada, especialmente sendo meninos : correm á praia, e os arrebatão : mas não accommettem no fundo d'agua; e por isso os

Indios, quando se vêem perseguidos d'elles, mergulhando lhes escapão facilmente... Hoje me trouxerão os Indios grande quantidade d'ovos de jacaré; são volumosos, muito mais que os das grandes perúas; alvos, mas não tão finos, e levigados como os ordinarios. Mandei quebrar uns poucos, e tinham já as crias formadas, que deixavão ver assaz a enormidade e horror de que a natureza dotou esta fera... As tartarugas suprem n'aquellas terras a falta que ha de gado. São monstros, algumas ha que carregão dous homens : no sabor, na vista, depois de guizadas, não têm muita differença do carneiro; achão-se-lhes 120 ovos e mais, de que no paiz fazem manteiga para a luz, e tambem para tempero do comêr. Quando chega o tempo em que desovão, sobem do rio ás praias, abrem com as unhas uma grande cova na areia, onde deixão os ovos bem cobertos, calcando ainda com o peito o mesmo lugar. Depois d'alguns dias, apparecem na superficie enxames de tartaruguinhas, e vão logo correndo ao rio. Este tempo da desova é o mais favoravel á pesca : estão as praias cheias, correm os Indios, voltão-nas de costas; ficão prêsas, sem podêrem dar mais um passo.

(D. FR. CAETANO BRANDÃO, no seu *Diario do Pará.*)

LXXXII

Aqui vou com os olhos fitos sobre o Amazonas, rio por certo o mais consideravel de todo o mundo, não só pela sua extensão pasmosa, mas ainda pela largura e profundeza de seu leito. Que magnifico espectáculo offeréce aqui a natureza! D'uma parte serras altissimas, não, como as da Europa, fragosas e calvas, mas vestidas d'arvoredo sempre fresco, e viçoso até ao cume. A outra banda, apaulada e toda igual, cingida do mesmo arvoredo, e d'um feno tão verde e mimoso, que enleia a vista. Mas eu só considero agora o rio em si mesmo. Como corre pomposo e superbo, revolvendo em suas empoladas ondas madeiros pesadissimos, e ameaçando estrago a tudo que se lhe põe diante. Rico do cabedal immenso das aguas que tem recebido d'outros muitos rios, sempre insaciavel, não se demora jamais; mas continúa cada vez a adquirir novos augmentos até expriar em fim no Oceano, e confundido com elle, não ter mais nome nem gloria differente da sua. Que differentes e agradaveis painéis descobre a vista pelas margens d'este grande rio!... Eis-ahi logo á primeira vista essas duas alamêdas sempre frescas e viçosas, que acompanhão o grande rio constantemente em toda a sua extensão: ah! de que variedade admiravel se não revestem! Aqui o arvoredo frondoso e cerrado,

convidando o encalmado navegante a respirar á sua sombra; lá abrindo-se um pouco, e dando lugar aos olhos, para se dilatarem pelas espaçosas campinas que terminão o horizonte: para uma parte, cedros elevadissimos d'uma grossura espantosa, o tronco meio desarraigado pela força da corrente, e ameaçando ruína com a sua quêda imminente; para outra diferentes arbustos copados e floridos enleão a vista pela diversidade das suas côres. Repára para a multidão d'aves, que já parecem toldar o céu; já matizam os campos com o engraçado da sua pintura; já finalmente sobre verdes ramos, abrindo as azas aos raios do sol, explicão por mil gorjeios a alegria que sentem n'estes lugares amênos. Não vês como brilham lá ao longe as alvas areias de que está semeada aquella praia? Eis-ahi voando em torno d'ella nuvens de passaros, e fazendo ver, por seus redobrados gritos, que lá tem o mais amavel domicilio. Cardumes de peixes de differente grandeza apparecem tambem, volteando sobre as aguas que banhão aquella situação encantadora. Mais adiante olha como surgem do leito do grande rio barreiras empinadas e sublimes, que pelas diversas côres da materia de que se compõem, servem de baliza ao atrevido navegante. Mas não te enche d'assombro essa perene e intrincada cadeia de montanhas altissimas, correndo ao longo da margem septentrional? Olha como parece que-rem desafiar as nuvens, e vão esconder n'ellas a sua mais alta superficie! Pois as caudalosas correntes que cortão estas mesmas serras, como se despênhão com furioso impeto por cima d'alcantiladas rochas até

virem confundir-se com as aguas do grande rio ! Vê para outro lado os placidos ribeiros, que lá correm murmurando por entre espessos e frondosos bosques, fazendo bullir mansamente a branca areia. Ahi tens uma nova ilha, que a natureza vai formando no meio do rio, para servir de recurso aos vasos atacados da furiosa tormenta. Que lindo quadro ! tenras vergon-teas sobresâem á superficie d'agua, dirias que d'ella tirão toda a sua substancia ; outras já profundamente arreigadas na terra, abrindo os ramos, e enfeitando-se de flôres engraçadissimas : todo aquelle fresco terreno como está alcatifado d'uma relva verde e mimosa, qu'encanta o espirito ! !

LXXXIII

Não parêmos aqui : n'estas noites serênas e claras, subâmos ao mais alto da tolda ; e emquanto a natureza se acha em profundo silencio, alarguêmos a vista por essa dilatada esphera dos céos ; contem-plêmos de vagar a grandeza immensa d'esses luminosos pregueiros da gloria do Altíssimo, a harmonia dos seus movimentos, essas distancias quasi infinitas, consideradas cá da terra, e ao mesmo passo reduzidas a um pequeno ponto, quando se compárão com a grandeza de Deos. Ah ! que espectaculo magnifico ! Quem foi o que disse á lua : Apparéce, e dissi-

pa as trevas da noite? Quem deo o ser e o nome a essa multidão d'estrellas que decorão o firmamento? Que mão prodigiosa pode toldar todo esse augusto palacio d'immensos pavilhões d'azul, semeál-os de luz e de gloria, e revestíl-os d'uma belleza que arrebatava os olhos do mortal?! Oh! como deve ser rica e pomposa a mão d'onde brotão toda essas maravilhas! — Quando eu considero a espantosa destruição que este grande rio vai fazendo por todas as suas margens, encho-me d'admiração e assombro. Ver não-algumas poucas braças de terra minada e caída; mas léguas, e léguas: de sorte que tardes e manhãs inteiras não descobrem os olhos, senão uma cadeia continuada d'estas ruínas. Ver montanhas elevadissimas abertas em formidaveis roturas, aqui já de todo desabadas; lá desatando-se por momentos, e ameaçando imminente risco aos passageiros que por força se hão de demorar, quanto é preciso para vencer á corda o que não podem com o remo. Ver campinas deleitosissimas, arvoredos viçosos e amênos, totalmente destroçados, sem deixarem apparecer senão alguns fracos vestigios do que forão. Ver madeiros d'enorme grandeza, que antes enleivão os olhos com a sua excessiva eminencia, e com a verdura dos seus ramos, agora uns descarnados e carcomidos; outros com as raízes ao sol, e as folhas meias seccas; estes já inclinados profundamente até varrer a praia com as suas ramas; aquelles de todo derribados, e estendidos no leito do rio, ou arrastados pelo fio da corrente irem boiando sobre as ondas, como leve palha. Confesso que ponderando

algumas vezes com attenção este destroço tão extraordinario, acho dentro de mim não sei que sentimentos novos e desusados : parece-me que vejo menos os estragos da violencia d'um rio, que d'algum trovão subterraneo, que haja abalado e sacudido todo este espaço de terra.

(Meditações do bispo do Pará, D. FR. C. B.)

LXXXIV

Que são todas as creaturas d'este visivel mundo, senão uns vestigios aonde se descobre delineada alguma (supposto que escura) similhaça do seu autor? Que são senão uns caracteres grandes, que significão sua bondade, sabedoria e omnipotencia? Olha, alma minha, para essas altas serranias, e talhados penhascos, que assuberbão os valles e a campanha. Servem d'agigantados ossos da vasta corpolencia da terra, de mãis d'agua para a escondida origem dos rios e fontes ; de seios onde o calor do sol e complexão dos elementos forjão lentamente os metaes, e endurecem as pedreiras, servem de paredes que repartem os aposentos das nações ; servem de torres e atalaias, em que os espiritos solitarios achão refugio da turbulencia do seculo, e vista livre para se enamorarem das vizinhanças do céu. Oh Creador amabilissimo ! como tudo isto me está,

com mudas vozes, significando o acertado das vossas disposições, o robusto de vosso braço, e o immovel de vosso throno ! Volta os olhos para esses amenos prados e vageus fertilissimas. Que alegre estava o espirito do Creador, quando as fez rir em tanta variedade de flores ! Que liberal, quando as corôou de fructos ! Entre todas as creaturas insensiveis, as flores parece que com mais expressos acênos estão forcejando por arremedar a formosura do seu autor. A rosa, desatando do nó verde a sua rubicunda pompa, amanhêce dizendo : Oh como nosso Deos é suave e engraçado ! A açucena responde da outra parte : Oh como é candido e puro ! E os lirios, com seu azul finissimo, parece estão gritando : Oh céu, oh alturas ! A variedade d'ellas é tanta, que não sei onde havia thesouros de tão differentes idéas que as desenhasse; e quando cuidamos, pelas que d'uma região conhecemos, que poucas mais haverá nas outras, apparecem novos exercitos de florida primavera, segundo são novos os climas e terrenos que se descobrem. Em umas o feitio é tão exquisito, que parece que seu artifice estava então curioso e applicado. Em outras disséreis que se valeo do pincel, segundo as salpicou de varios matizes ; outras vão lavrando pela terra tão emboscadas, que primeiro que a sua côr, as descobre a sua fragancia. Em todas estão depositadas particulares virtudes para varios effeitos, os quaes conhêce quem sabe ler o letrêiro da sua signatura, que o Creador escreveu em cada especie, por modo occulto, mas verdadeiro. Em nenhuma podem os maiores sabios do mundo emendar cousa alguma,

ou achar que lhe sobra, ou falta parte necessaria para a sua especie. Em qualquer palmo de terra que considéres attentamente, verás muitas e differentes naturezas, cada qual dotada da sua bondade, e todas entre si já discordes, já amigas por varios respeitos d'oposição ou sympathia. Ali está a herva-zinha humilde, de cuja propriedade necessita a vida do rei para livrar-se. Junto d'ella nasce outra, que a ovelha conhece por salutifera para seu parto ; e logo a par outra, de que se desvia como nociva. Na haste d'ella está pegado o caracolzinho que, recluso na sua casa portatil, espera a quentura do sol, para dirigir lentamente os seus caminhos. Entretanto por baixo a formiga anda negociando o que conduz para encerrar na sua despensa ; e por cima solicita abelha vai sequestrar o succo da flor, que conhece prestar para a obra dos seus dourados favos. Pois esses celestes orbes fundidos pela soberana mão do artifice supremo, oh como é verdade que são pregoeiros da sua gloria ! Com que igual desigualdade vigia o sol a terra, e assigna os tempos, dobando juntamente os dias com um movimento de levante a poente, e os annos com outro de sul a norte ? Nasce, e alegra-se todo o hemispherio ; dão-lhe as boas vindas os passarinhos e boninas : elles explicando as azas, ellas as folhas. Sáem a buscar seu conveniente pasto os rebanhos, do monte para o campo, e os fatos do campo para o monte. O homem começa, renovadas suas forças, a sua tarefa quotidiana. Sepulta o sol seus resplandores no Occidente ; e todas as cousas perdem a cor, os animaes cança-

dos se recolhem a seus abrigos. Então o corpo da terra estende uma vasta pyramide de sombras até o firmamento, onde apparecem em marcha esses scintillantes exercitos d'estrellas, que estão mudamente indicando as inopinaveis grandezas que s'encerrão d'aquella magestosa cortina para dentro. Sai tambem a luminária menor a substituir com certas incertezas as vezes do maior. Ella nos montes está com seus influxos encorporando as matas ; ella nos campos ministra ás plantas o refrigerio, com que se temperem das ardores do sol de hoje, e resistão aos d'amanhã; ella nos mares está prateando as conchas, congelando as perolas, brunindo as escamas dos peixes; ella já encolhendo, já demittindo o ovado cumulo das ondas, forma os mares, que successivamente cobrem e descobrem as praias. Quão magnificas e bem ordenadas são, Senhor, as vossas obras! Bem dita, e adorada, e glorificada seja eternamente vossa bondade, sabedoria, e omnipotencia, que são os tres mysticos dedos, de que conservais pendentes a universidade de todas as cousas !

(BERNARDES, *Floresta.*)

LXXXV

A uma pequena legua da cidade (Lisbôa), pela estrada que corre para Cintra, pouco desviado d'ella

para a parte do poente, fica como escondido e furtado á communicação da gente um pequeno valle, que sendo naturalmente aprazivel, por frescura de fontes e arvoredos, merece, ao que se pode crer, o nome que tem de Bemfica. Faz o valle dous outeiros desiguaes em corpo : um humilde, que servindo só de lhe encobrir a vista da estrada que dissemos, não lhe tolhe a de muitos que ao longe fazem dilatado horizonte. O outro alevanta muito, estendendo-se pela parte onde o sol se põe d'inverno, e vai rodeando contra o sul, de maneira que ameaça querer fechar o valle, e ir cerrar com o monte contrario ; tolhe a determinação um rio que atravessa o valle, faz garganta por ambos para enviar seu tributo ao mar. É o rio pobre d'aguas, e quasi sem nome de verão ; mas grosso e suberbo d'inverno, de sorte que, indignado contra o jugo de duas pontes que no valle o senhoreião, lança muitas vezes por cima sua corrente ; e depois que d'aqui sai, vai fazendo abaixo azenhas de bom serviço. Na ladeira do monte maior, está situado o convento, e d'ella se estende com sua cerca até ir beber no rio. De uma e outra parte, correm quintas, que cercão os outeiros e valle em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural : todas ricas de bosques e pomares, e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantem o valle uma frescura e verdura perpetua... A altura do monte, com suas entranhas prenhes de ricas fontes, manda um rio para cada officina ; e tanto com mais graça, quanto vindo a agua coberta, e por canos occultos, engana

os olhos, e faz crer que ali a deo a natureza. Onde se vê borbulhar da terra, e onde mais serve, tantas são as fontes quantas as officinas. O sacerdote, quando vencendo o sol na madrugada se levanta a saüdar, e offerecer sacrificio ao divino sol de justiça, acha na sacristia um rio d'agua viva, com que purificar mãos e rosto, não menos que por quatro bicas offerecida : os que vão ao refeitorio achão de fronte d'elle, e no meio do claustro, outro rio e outra agua. É um formoso tanque de boa pedraria, lavrado em quadro : no meio d'elle, um grande prato de fino jaspe, que crião os montes vizinhos ; não tem os reis maior delicia ; sobre o prato, a quem se não contenta com o tanque, lança agua às mãos um menino, que se vê no meio, servindo-lhe de gomil uma cornucopia, com que está abraçado, feita por tal arte, que estando bocca arriba, lança igualmente a agua por toda, que por vir repartida e espalhada cai goteando, e representa semear lagrimas ou derramar aljofres. E como é grande, fazem as bordas que voltão, sombreiro ao menino; e é de ver um geito gracioso, que o escultor lhe deo por estar nú, de que arreceia molhar-se. Quem demanda a portaria acha de fóra um grande tanque, que tem sempre cheio, para serviço do povo, uma grossa veia que sai do meio d'elle. Quem passa da porta encontra logo dentro com outra fonte entre flores e hervás cheirosas, entre cidreiras, limoeiras, e lorangeiras. Debuxão aqui as hervas com arte, e lavor a terra, que as cria, e das arvores umas vestem as parêdes em roda, trepando arruinadas, e apertadas con

ellas: outras obrigadas com arte a não passar d'uma curta medida, servem ao chão de o dividir e arruar, e as hervas e boninas de lhe fazer agradavel guarda, e juntamente inveja: cerca e guarda com seus ramos estreitamente travados, e tecidos entre si; inveja com grandes fructos pendentes, d'ouro quando maduros, de prata quando em flor.

LXXXVI

A fonte se faz em um arco, que formado de grutesquos varios e vistosos, arremêda uma gruta natural. Dentro parece assentado um grande e bem proporcionado satyro, imitando com propriedade os que finge a poesia. Em toda sua figura mostra, em rosto risonho e alegre, uma simplicidade montanheza, com que está convidando a beber d'uma concha natural, que tem apertada com o braço e mão esquerda, da qual sai um formoso tôrno d'agua; e juntamente acode como arrependido a cobril-a; e faz geito de a querer retirar, dando com uma e negando com outro. A agua é quanto pode ser excellente, e d'uma qualidade propria das que nascem nas serras, fria e desnevada na maior força do sol do estio; temperada no inverno, como um

banho. Acompanhão a gruta, d'um e outro lado, em igual distancia, dous grossos e altos pilástrões, que sendo feitos de bôa cantaria para estribo d'uma abobada, a que se arrimão, foi a natureza cobril-os d'uma hera muito espessa e viçosa, que subindo por elles até a môr altura, assim esconde e senhoreia a pedraria, que faz parecer forão fundados, mais para honra da fonte que para segurança do edificio : assim ajuda a natureza a arte, e o accidental ao bem cuidado. E porque entre gente que professa letras é bem que nem nos satyros se ache rudeza, faz lembrança este nosso a quem folga de o ver com um verso latino entalhado em pedaços de marmore negro, que correm a vida e os annos sem parar nem tornar a trás, ao modo d'aquelle liquor que lhe sai das mãos. Advertencia de sabio, não de rustico : que aguas e annos, se se não aproveitão com bons empregos, perdidos são e pouco d'estimar. Cai a agua, por não pejar a praça, em um pequeno tanque, e deixando-o cheio, sóme-se n'elle, e vai, por baixo da terra, fazer outra fonte na bocca d'um leão. É de ver aquelle rosto fêro coberto de guedelhas crespas e medonhas, que ameação sangue e morte, feito ministro de mansas aguas. Verdadeiro poder e symbolo da Religião, que amansa leões e faz satyros doutos... Dá entrada na horta e pomares uma comprida rua ; da parte do muro, cobrem as parêdes a espaços crescidas giestas com suas flores amarellas, entresachadas de rosas, em umas partes brancas, n'outras encarnadas ; e acompanhão os baixos violêtas humildes, e goivos de todas as côres.

Da banda da horta, respondem arvores silvestres, verdes e altas, casadas com parreiras e com seus ramos e fructos graciosamente enfeitadas. Fazem toucas as voltas e frescura das parras; collares de pedraria as uvas, segundo os tempos e as côres d'ellas: já topazios, já rubins, primeiro esmeraldas. D'aqui se vai descendo á horta por diversas partes sempre por entre arvoredos, um de fructo, outro silvestre; mas o silvestre tão copado e fresco, que nenhuma inveja tem ao fructifero; antes como queixoso do muito que se estima o proveito, se junta a uma parte da horta: são o mais hollayas e loureiros, e tomando companhia d'um espesso silvado de mosqueta, se enrêda e têce com ella de sorte, que ameaça tolher a entrada d'uma graciosa estancia, que aqui ha, aos que a buscão. É retrato d'uma camara subterranea, a que se desce por alguns degrãos. A fabrica em quadro perfeito, assentos em roda encostados a uma rêde de ladrilho, que vestem heras, entravão mosquetas. No meio um boccál de poço quadrado de bóa pedraria, que cheio d'agua até lançar por fóra, mostra ser fonte viva, ou poço d'aguas vivas, pela que em continuo movimento está crescendo e cursando. Dos quatro cantos do boccál, se levantão columnas de marmore, que sustentão no alto uma meia laranja de perfeita abobada para emparo da agua, como o faz a ramada do arvoredos a toda a camara, que aqui é tão sombrio e denso, que não só lhe tolhe o sol, quando mais sobe e arde, mas quasi o céu. Assim nos tempos que a natureza espêta as linguas das aves, a louvar com

mais harmonia o Creador, é quasi morada continua das que por mais musicas são conhecidas.

(LUIZ DE SOUZA, *Historia de S. Domingos; descripção do convento de Bemfica.*)

LXXXVII

Obedecendo á ordem de V. Alteza, li com particular attenção esta terceira parte da *Historia de S. Domingos*, e me parece tão digna de sair á luz, como o julgãrão, com maior sufficiencia os censores da 1^a e da 2^a. E se me fôra licito estranhar alguma cousa, é só o tempo em que ella atégora depois dos dias de seu autor esteve sepultada com elle. Toda a historia é mestra da vida, esta é mestra da vida e da historia. Da vida, porque todos os estados do reino têm muito que aprender nos exemplõs gloriosos que aqui se refêrem, não estrangeiros, mas proprios e naturaes, e d'aquelles mesmos a quem succedemos, e por isso da mais facil imitação, e sem desculpa. Para as religiosas, é esta historia espelho; para os religiosos, estímulo, e para todos os que professãmos observancia regular, ou reprehensão ou louvor. Nem se encerra só o fructo d'ella dentro dos claustros e muros das religiões, porque tambem o podem colher mui copioso os que vivem fóra d'elles. Aqui verãos ministros de V. A. os grandes progressos

que as bandeiras de Christo, igualmente com as armas de Portugal, fazião em todo o seculo passado nas conquistas do Oriente, cuja memoria se não pode ler sem dor. E é a maior de todas a conhecida insensibilidade com que, ou se desprêsão tamanhas perdas, ou se lhes difficultão os remedios. Crescia aquella monarchia em quanto crescia a fé, e crescia a fé em quanto os ministros d'ella erão assistidos dos que o são dos reis; e em quanto os mesmos reis tinham por tão suas as conquistas da Igreja, como a dilatação do proprio imperio. Por onde disse com muita razão o autor d'esta mesma historia, na dedicatoria da primeira parte, ser tão propria toda dos reis portuguezes, que, se lhe tirassem o titulo de S. Domingos, ficaria mais d'elles que d'elle. Assim entenderão os religiosissimos principes, que tudo o que se dá a Deos se recebe com usura: sendo pelo contrario politica não só errada, mas impia, cuidar que se podem augmentar os Estados com o que se tira a quem os dá. Isto é o que ensina e persuade a presente historia, em quanto mestra da vida. É tambem, como dizia, mestra da mesma historia, porque n'ella se vêem juntamente praticadas todas as suas leis: na verdade da narração, na ordem dos successos, na pontualidade dos tempos, dos lugares, das pessoas, e na noticia e ponderação dos motivos e causas de tudo o que se obrou ou omitio; louvando sem ambição nem lisonja o que é digno de louvor (que é quasi tudo), e castigando sem sangue alguns defeitos, dos quaes se compõe não menos a perfeição da historia. O estilo é claro com brevida-

de, discreto sem affectação, copioso sem redundancia, e tão corrente, facil, e notavel, que enriquecendo a memoria e affeiçoando a vontade, não cança o entendimento.

LXXXVIII

Faltão geralmente nas historias das religiosas aquelles casos e nomes estrondosos, que por si mesmos levantão a penna, e dão grandeza e pompa á narração ; por onde notou o mestre da facundia romana ser mais facil dizer as cousas sublimes com magestade, que as humildes com decencia. E n'esta parte é admiravel o juízo, discrição, eloquencia do autor, porque fallando em materias domesticas e familiares, todas refere com termos tão iguaes e decentes, que nem nas miudas se abate ; dizendo o commum com singularidade, o similhante sem repetição, o sabido e vulgar com novidade, e mostrando as cousas (como faz a luz) cada uma como é, e todas com lustre. A linguagem, tanto nas palavras como na phrase, é puramente da lingua em que professou escrever, sem mistura ou corrupção de vocabulos estrangeiros ; os quaes só mendigão d'outras linguas os que são pobres de cabedaes da nossa, tão rica e bem dotada, como filha primogenita da latina. Sendo tanto mais de louvar esta pureza no P^o Fr. Luiz, quanto a sua lição em diversos idiomas, e as suas

largas peregrinações em ambos os mundos, o não poderão apartar das fontes naturaes da lingua materna; como acontece aos rios que vêm de longe, que sempre tomão a côr e sabor das terras por onde passam. A propriedade com que falla em todas as materias é como de quem as aprendeo na eschola dos olhos. Nas do mar e navegação, falla como quem o passou mûltas vezes; nas da guerra, como quem exercitou as armas; nas da côrte e paço, como cortezão e desenganado; e nas da perfeição e virtudes religiosas, como religioso perfeito. Por isso a sua Religião, sapientissima n'este reino, como em toda a parte, entre tantos sujeitos eminentes nas outras letras, escolheo, com alto conselho, um tal chronista, entendendo que a arte de fallar com propriedade, em tudo o que abraça uma historia, não se estuda nas academias das sciencias, senão na universidade do mundo. O grande conhecimento que o P^e Fr. Luiz de Souza tève no mesimo mundo se mostra bem em o haver finalmente deixado; e este é o documento geral que se lê em toda sua historia, tão digno de ser imitado dos que nascêrão e se criãrão com semelhantes obrigações, quanto é certo que assim nos primeiros estudos, como nas ultimas resoluções, terá poucos imitadores. Servirá porêem este exemplar para confusão dos que o lêrem. E como elle escrever na 1^a, 2^a e 3^a parte d'esta historia as acções de tão heroicos sujeitos, assim será um dos mais excellentes que andarão escriptos na quarta. Este é o meu parecer.

ANTONIO VIEIRA.

LXXXIX

Entendo, Senhor, que a lingua Portugueza, que atégora se julgava menos propria para o estilo me-dio, qual é o epistolar, porque o idioma é como a nação em tudo sublime, se acredita agora, de que em todos os estilos, e ainda no familiar, conserva a lingua portugueza a concisão, a clareza, e a energia, quando escreve um P^e Vieira, ou excedendo a Cicero na facil locução das epistolas familiares, ou ao segundo Plinio na phrase adornada das suas cartas, sendo estes os melhores exemplares que Roma nos deixou, e atégora imitados de poucos escriptores dos ultimos seculos. Não são menos para estimar estas excellentes cartas, pelo que delectão que pelo que ensinão ; porque nellas se aprende a evitar o superfluo com que se adornão as figuras da eloquencia, sabendo um tão grande orador abater o seu elevado genio e ardente espirito, para proporcionar o estilo com o assumpto. Nellas nos instruimos de muitos successos publicos e particulares, do genio de muitos varões illustres, das suas palavras e apotegmas, dos motivos politicos e até militares, e mais que tudo, das virtuosas maximas, dos livres conselhos, e das fieis e zelosas intenções d'este santo, sabio, erudito, eloquente, e discreto autor. A pureza da lingua pode servir de documento e de reprehensão

aos usurpadores d'outras, suppondo que na nossa não ha os termos que basta para discursar em todas as materias. O decoro da phrase pode ser o melhor modelo do profundo respeito com que se deve escrever aos principes, da devida attenção com que se hão de tratar os grandes, da amavel facilidade com que se correspondem os iguaes, e da urbanidade precisa com que se falla aos inferiores. Em tudo, segundo entendo, e como estou certo que hão d'entender todos, são estas cartas digissimas d'imprimir-se; e de que assim ellas, como as mais obras do incomparavel Antonio Vieira, gozem com preferencia a todas da superior, sabia, e magnifica protecção de V. M., por quem florêcem e fructificação as sciencias, e as virtudes, e as letras : com a cêrteza de que quem, na prospera e na adversa fortuna, foi sempre fiel à sua patria, não escreveo dogma ou maxima perniciosa, que encontrasse esta natural obrigação.

(Conde DA ENICEIRA.)

INDICE

PROLOGO	v
-------------------	---

PRIMEIRA PARTE.

I. Uma manhã clara e serena.	1
II. A ribeira de Buina	2
III. Continuação.	<i>id.</i>
IV. Continuação.	3
V. Continuação.	4
VI. Continuação.	<i>id.</i>
VII. O cabo Aromata. — Sitio maritimo, inhospito e agreste.	5
VIII. Floresta verde e sombria num formoso sitio. . .	6
IX. A entrada da Primavera; seguem-se as outras estações : é como tudo passa !	7
X. A vida do campo.	8
XI. O Ente supremo.	9
XII. Soneto a Dom Fernando de Castro.	10
XIII. Soneto sobre o psalmo 136.	<i>id.</i>
XIV. Soneto descriptivo e sentimental.	11
XV. A Fama invectivada.	<i>id.</i>

XVI. O escorbuto.	12
XVII. Embarcações e trajos dos negros de Moçambique.	<i>id.</i>
XVIII. Um banquete d'amor.	13
XIX. Uns fogos de artifício.	<i>id.</i>
XX. Um valle sombrio em noite escura.	14
XXI. Noite serena ao romper da aurora.	15
XXII. Argilão desassocegado em noite socegada.	<i>id.</i>
XXIII. A noite medonha, em que o Soldão marcha ao campo inimigo.	16
XXIV. Um templo indiano.	<i>id.</i>
XXV. Posição geographica da Europa.	17
XXVI. Posição geographica de Portugal.	<i>id.</i>
XXVII. A fonte do Parnaso.	18
XXVIII. Uma ribeira amena.	19
XXIX. A ilha encantada.	<i>id.</i>
XXX. Continuação.	20
XXXI. Continuação.	<i>id.</i>
XXXII. Continuação.	21
XXXIII. Continuação.	<i>id.</i>
XXXIV. O Rei de Melinde.	22
XXXV. O Gama.	<i>id.</i>
XXXVI. O Indo e o Ganges personificados.	23
XXXVII. O Ganges fallando a el-rei Dom Manoel.	<i>id.</i>
XXXVIII. A Asia apparecendo em sonhos e fallando a el- rei dom Manoel.	24
XXXIX. Continuação.	<i>id.</i>
XL. Continuação.	25
XLI. Tritão.	<i>id.</i>
XLII. O gigante Adamastor.	26
XLIII. Continuação.	<i>id.</i>
XLIV. Continuação.	27
XLV. Continuação.	<i>id.</i>
XLVI. Continuação.	28
XLVII. Continuação.	<i>id.</i>
XLVIII. Batalha do Campo d'Orique.	29
XLIX. Continuação.	30
L. Continuação.	<i>id.</i>
LI Os doze de Inglaterra.	31

INDICE.

	197
LII. Continuação.	31
LIII. Continuação.	32
LIV. Uma tempestade no mar.	<i>id.</i>
LV. Continuação.	33
LVI. Continuação.	<i>id.</i>
LVII. Outra tempestade.	34
LVIII. Cantico de David.	<i>id.</i>
LIX. Continuação.	35
LX. Psalmo de David.	<i>id.</i>

SEGUNDA PARTE.

I. Verdades moraes, politicas e economicas, extrahidas de varios autores portuguezes	37
II, III, IV e V. Continuação da mesma materia.	38
VI. Encontro com uma embarcação turca (F. M. Pinto).	45
VII. Carta do P. Antonio Vieira a el-Rei sobre os governadores do Pará.	45
VIII. Triste condição é a do homem em servir, mas o mandar a outros homens é uma servidão honrada. (Vieira.)	47
IX. Anecdotas judiciosas. (Bernardes, <i>Floresta</i>).	48
X. A mãe do Preste João recebe os Portuguezes. (F. M. Pinto.)	50
XI. Quanto era estimado pelos philosophos antigos o segredo, e como era religiosamente guardado. (D. e Couto, <i>Soldado pratico</i>).	51
XII. Todas as creaturas reconhecem do modo que podem o seu creador. (Vieira.)	52
XIII e XIV. Dictames para escolher e adquirir amigos; apologo das duas panellas. (Bernardes.)	53
XV. Carta do P. A. V. a D. Rodrigo de Menezes, em que lhe dá o parabem pela victoria alcançada contra os Castelhanos. Outra de recommendação para um pretendente. Parte d'outra d'agradeci-	

mento. Varios pensamentos interessantes, extrahidos de differentes cartas.	57
XVI. O que é a alma : definida pelas faculdades intellectuaes do homem , sabio , artista , guerreiro, politico, virtuoso, vicioso, etc. (A. Vieira.)	59
XVII. Como o infante D. Duarte era docil e respeitador de seus mestres (Mestre André de Rezende.)	61
XVIII. Lanço de amizade. — Maxima importante sobre os casamentos, que sempre devem ser entre iguaes. (Bernardes.)	62
XIX. Carta do P. A. V. á rainha da Grão Bretanha, em que se queixa do infante D. Pedro. . .	63
XX. Os estragos da guerra. (Vieira.)	65
XXI. O mesmo assumpto e vantagens da paz. (Barros.)	66
XXII. Anecdotas á cerca dos velhos e da velhice. (Bernardes.)	68
XXIII. Bella descripção da luz, sua differença do sol. — A quanto obriga a necessidade, porque não tem lei. (Vieira.)	70
XXIV, XXV e XXVI. Infeites e atavios de uma mulher : enumeração e amplificação admiraveis. (Bernardes.)	72
XXVII. O amor que Jonathas tinha a David; qualidades do amor perfeito. (Vieira.)	77
XXVIII. Apologo das cotovias. — Anecdotas de Diogenes e um seu amigo, d'Alexandre e uns philosophos, d'Agésiláo e um seu vasallo, e de Carlos Magno e sua espada (Bernardes)	78
XXIX. Modo de bem viver com o avarento, o suberbo, o ingrato, o fallador, o nescio, o rico, e o lisongeiro. (Lobo, <i>O Pastor peregrino</i> .) . .	80
XXX. Quanto Dario estimava os seus amigos. Quanto devem trabalhar os reis para que seus vasallos sejam ricos. D. Diniz emprestava di-	

nheiro a seus vassallos para negociarem. (<i>Soldado pratico.</i>)	81
XXXI. Todas as paixões do homem se reduzem a duas capitães, amor e odio : males que d'ellas provêm. (Vieira.)	83
XXXII. Carta do P. A. Vieira ao M. de Gouvea, em que lhe dá o pèzame da morte do conde de Soure.	84
XXXIII. Anecdotas á cerca dos avarentos : parêem-se com os porcos. (Bernardes.)	86
XXXIV e XXXV. Apologo das arvores quando quizerão escolher entre si um rei ; explicado, e moralizado por Vieira.	88
XXXVI. Dá á costa, em noite escura e tenebrosa, o junco d'Antonio de Faria (F. M. P.)	91
XXXVII. Os bailes metidos a ridiculo ; anecdota de Helio gabalo a este respeito. (Bernardes.)	92
XXXVIII. O que é a formosura. (Vieira.)	93
XXXIX. Carta do P. A. V. de pèzame a certo fidalgo. — Outra ao duque do Cadaval pela morte de seu irmão D. Theodosio.	94
XL e XLI. Descripção das principaes montanhas do mundo. (D. N. Leão.)	96
XLII. Em que dá a destemperança no beber. Monstruosidade da ingratição. (Bernardes.)	99
XLIII. Descripção d'um canal na India, cujas margens erão deliciosas. — Recepção mui festejada de Antonio de Faria em Liampó. (F. M. P.)	100
XLIV. Quão differentes erão os jogos antigos dos modernos. (Vieira.)	102
XLV. Descripção da serra de Cintra. (D. N. Leão.)	103
XLVI. Anecdotas : de Affonso o Sabio, rei d'Aragão : D. João II, rei de Portugal ; Henrique III de Castella, Alexandre e seu pai Philippe de Macedonia, e Demosthenes quando introduzio na oração o caso da sombra d'um juimento. (Bernardes.)	105

XLVII. Visão de Fr. Henrique Suzo. — Varios pensamentos importantes e sentenciosos de Fr. Luiz de Souza. (<i>Hist. de S. Domingos.</i>) . . .	106
XLVIII. Como representarão os antigos a Fortuna. Anecdota mui importante de Sesostris á cerca da inconstancia da fortuna. (Vieira.) . . .	109
XLIX. Fabula do lobo e do cordeiro. (Bernardes.) — Do pardal e os canarioz. (Pimentel Maldonado.)	110
L. Males de que é causadora a inveja. — A mentira é filha do ocio : como se géra. — Quanto deve ser pesado aos reis o diadema. — Quanto é perigoso o revelar o segredo dos reis. (Vieira.)	112
LI. Descrição do rio Tejo. (D. N. Leão.)	114
LII. Descrição d'um formoso jardim na India. (F. M. P.)	115
LIII. Anecdotas portuguezas. — Affonso d'Albuquerque respondendo aos embaixadores que lhe pedião tributos; e J. de Castro cortando com uma tizoura o gibão do filho. (Bernardes.)	116
LIV. Fabula do cysne e dos dous gansos. (P. Maldonado.)	118
LV e LVI. Depois que no mundo houve <i>meu e teu</i> , é que começarão as guerras; que de meios, artificios, etc. (mas baldados), para conservar a propriedade! (Vieira.)	119
LVII. Enumeração das producções, vindas do Oriente, que de Portugal se exportávão. (D. N. Leão.)	121
LVIII. Anecdotas judiciosas. (Bernardes.)	123
LIX. Fabula do bufo. (P. Maldonado.)	124
LX A verdade é a cousa mais poderosa que ha no mundo. (Vieira.)	126
LXI. Trovas em louvor da verdade. (Bernardes.) . .	127
LXII. Carta do P. A. V. ao principe D. Theodosio, em que lhe dá admiraveis conselhos. . . .	129
LXIII. Anecdotas portuguezas. (Bernardes.) . . .	133

LXIV. Buscar pão é a maior pensão e trabalho do homem, até os elementos trabalham para este fim. (Vieira).	134
LXV e LXVI. Descrição da igreja da Batalha, parte interior. (Luiz de Souza).	136
LXVII. <i>Idem</i> , parte exterior.	141
LXVIII, LXIX e LXX. Descrição dos tumulos e capellas imperfeitas da igreja da Batalha. (L. de Souza).	147
LXXI. Magnificencia do palacio de Salomão. — Vaidade e corruptibilidade dos bens mundanos. (Vieira).	149
LXXII. Anecdotas philosophicas e moraes. (Bernardes.)	151
LXXIII. Ida da infanta D. Beatriz para Saboya : admiravel descripção da nau que a conduzia. (Rezende, <i>Chronica de D. João III.</i>)	154
LXXIV. Pompa e magnificencia dos triumphos romanos. — Sansão e o filho prodigo perdêrão-se porque seus pais condescendêrão com a sua vontade (descripção e discurso admiravel de Vieira).	157
LXXV. Combate dos doze cavalheiros portuguezes em Inglaterra. — Character de S. Athanasio. — Remedio contra o não posso dos negligentes. (Bernardes)	159
LXXVI. Elogio de Lisbôa. (Vieira, <i>Cartas.</i>)	161
LXXVII e LXXVIII. Descrição e noticia importante da ilha dos Nheengaibas, na bocca do rio Amazonas. (Vieira, <i>Cartas.</i>)	163
LXXIX. Descrição de varios rios, lugares, arvoredos, campinas, etc., no interior da provincia do Pará. (F. C. Brandão).	167
LXXX. Costumes, simpleza d'aquelles povos. (<i>Idem.</i>)	170
LXXXI. Noticia á cerca dos jacarés e seus ovos; das tartarugas, e maneira de as colher. (<i>Idem.</i>)	175
LXXXII. Descrição contemplativa do Amazonas.	175
LXXXIII. Continúa a mesma materia, d'um modo e estilo admiravel. (<i>Idem.</i>)	177

LXXXIV. Meditação descriptiva sobre as maravilhas da natureza. (Bernardes).	179
LXXXV. Descrição do convento e sitio de Bemfica. (L. de Souza).	182
LXXXVI. A fonte do Satyro. (<i>Idem.</i>).	185
LXXXVII et LXXXVIII. Censura do P. A. Vieira á Historia de S. Domingos. Elogio da obra : primor da lingua portugueza.	188
LXXXIX. Censura do conde da Ericeira ás cartas do P. A. Vieira.	192

Fizera (prot.) tucra (apod.) 57.

Indic. Dom 133.
157-

^{40 nr ft-}
nãõ, p. 41, nr. top. 44, l. 12. 52, l. 9 fff. - p

COLUMBIA UNIVERSIT



0035534583

